

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E
REPRESENTAÇÃO DE UM GOVERNO LATINO-
AMERICANO NO GÊNERO REPORTAGEM**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Simone Dalla Corte

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

**MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E
REPRESENTAÇÃO DE UM GOVERNO LATINO-
AMERICANO NO GÊNERO REPORTAGEM**

por

Simone Dalla Corte

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Nina Célia Almeida de Barros

Santa Maria, RS, Brasil.

2009

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E
REPRESENTAÇÃO DE UM GOVERNO
LATINO-AMERICANO NO GÊNERO REPORTAGEM
elaborada por

Simone Dalla Corte

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Nina Célia Almeida de Barros, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Sara Regina Scotta Cabral, Dr. (ULBRA)

Maria Eulália Tomasi Albuquerque, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 06 agosto de 2009.

RESUMO

**Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria**

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E REPRESENTAÇÃO DE UM GOVERNO LATINO-AMERICANO NO GÊNERO REPORTAGEM

**AUTORA: SIMONE DALLA CORTE
ORIENTADORA: DR. NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS**

Este trabalho apresenta uma análise de duas reportagens da revista *Veja* que representam negativamente o presidente Hugo Chávez da Venezuela. Para isso foi utilizada a noção de gênero em Bakhtin (2000 [1925]), as contribuições da gramática funcional de Halliday e Matthiessen (2004) e os modos de organização do discurso de Charaudeau (2007, 2008). Quanto aos elementos linguísticos relacionados aos modos, utilizamos as categorias de previsão de Tadros (1994), que desenvolvem a relação locutor-interlocutor, e as orações projetadas do ponto de vista funcional. Acreditando que os meios de comunicação são grandes responsáveis por um agir coletivo, buscamos compreender de que modo isso se efetua através da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, representações, modos de organização do discurso.

ABSTRACT

**Master Dissertation in Language
Post graduation Program in Letters
Federal University of Santa Maria**

MODES OF DISCOURSE ORGANIZATION AND REPRESENTATION OF A LATIN-AMERICAN GOVERNMENT IN NEWS REPORTING GENRE

**AUTHOR: SIMONE DALLA CORTE
ADVISOR: DR. NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS**

This work presents an analysis of two news reporting extracted from the magazine *Veja*. The magazine pictures negatively Venezuela's president Hugo Chávez. In the development of this work the following sources were used: the genre notion of Bakhtin (2000 [1925]), the functional grammar contributions of Halliday and Matthiessen (2004) and the modes of discourse organization of Charaudeau (2007, 2008). Considering the linguistic elements related to the modes, we used the prediction category of Tadros (1994) that develops the relationship between speaker and listener, and the projected sentences from the functional viewpoint. Since the media has great influence in mass behavior, this work aimed to understand in which ways this influence manifests itself through language.

KEYWORDS: genre, representations, discourse organization modes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – A reportagem e suas variáveis	43
Figura 02 – Análise contextual	44
Figura 03 – Análise textual	46
Figura 04 – Perfil do leitor (nível de instrução e renda)	49
Figura 05 – Perfil do leitor (classe social, sexo, faixa etária, estado civil)	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Contrato de Comunicação	19
Quadro 02 – Modos de organização do discurso	24
Quadro 03 – Correspondência entre modo do discurso e gêneros textuais ...	25
Quadro 04 – Relação entre sujeito argumentante, proposta e sujeito-alvo	26
Quadro 05 – Filtragem por meio da experiência e das operações de Pensamento	27
Quadro 06 – Exemplificação de proposta	27
Quadro 07 – Posições diante da proposta	28
Quadro 08 – Relações entre locutor e interlocutor	32
Quadro 09 – Processos em orações verbais	36
Quadro 10 – Verbos de relato	37
Quadro 11 – Os sistemas do complexo oracional	38
Quadro 12 - Orações primárias e secundárias em um nexos oracional.....	39
Quadro 13 – Relação e classificação dos verbos utilizados em projeções paratáticas nas reportagens.....	79
Quadro 14 – Relação e classificação dos verbos utilizados em projeções hipotáticas nas reportagens.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA	13
1.1 Texto e contexto	13
1.2 Considerações sobre gêneros	15
1.2.1 Componentes de um gênero	20
1.3 Modos de organização do discurso	23
1.3.1 Modo argumentativo	25
1.3.2 Modo narrativo	29
1.3.3 Modo descritivo	30
1.3.4 Modo enunciativo	31
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	43
CAPÍTULO III – ANÁLISE CONTEXTUAL	48
3.1 A revista Veja	48
3.2 Relações entre governos latino-americanos	51
3.2.1 Hugo Chávez	51
3.2.2 Tirofijo (Manuel Marulanda Vélez)	54
3.2.3 Juan Evo Morales Ayma	55
3.2.4 Rafael Vicente Correa Delgado	56
3.3 Variáveis contextuais nas reportagens	56
3.3.1 Análise da primeira reportagem	56
3.3.2 Análise da segunda reportagem	61
CAPÍTULO IV – ANÁLISE TEXTUAL	66
4.1 Os modos de organização e as reportagens	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86

REFERÊNCIAS 90

ANEXOS 92

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha de pesquisa *Linguagem no contexto social*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e no projeto guarda-chuva *Análise Crítica de Gêneros: representações sociais, identidade e multiletramento*, do grupo coordenado pelas professoras Désirée Motta-Roth, Nina Célia Almeida de Barros e Vera Lúcia Pires.

Como são múltiplas as abordagens que poderíamos fazer a partir desse projeto, escolhemos algumas fontes teóricas: a abordagem de gênero iniciada por Bakhtin, com contribuições da gramática funcional de Halliday e da análise do discurso de Charaudeau.

Este projeto surgiu do interesse em verificar, a partir do conceito de gênero em Bakhtin (tema, construção composicional e estilo), características dos modos de organização do discurso, o que ainda não havia sido feito por outros integrantes do grupo de pesquisa. Dessa forma, buscamos apoio nas contribuições de Charaudeau (2007 e 2008) que se dedica ao estudo dos discursos da mídia.

O objetivo geral é investigar a representação de um governo latino-americano que a revista *Veja* veicula para seus leitores de classe média e alta. Os objetivos específicos incluem analisar as formas como os modos enunciativo, descritivo, narrativo e suas categorias linguísticas contribuem com o modo argumentativo na defesa de uma tese sustentada em duas reportagens da revista *Veja*. Fazendo parte do modo narrativo, destacamos a categoria de sequencialização; do descritivo, as categorias de nomeação e qualificação; do enunciativo, as de enumeração, antecipação, questionamento e relato.

Como acreditamos ser inerente ao discurso jornalístico a sustentação de uma opinião, desenvolvemos o modo argumentativo apenas na revisão da literatura. No capítulo destinado à análise textual, verificamos como os outros modos de organização do discurso contribuem para auxiliar o modo argumentativo na defesa de uma tese.

O *corpus* é formado por duas reportagens da revista *Veja*, datadas de 07/11/2007 (Anexo A) e 12/03/2008 (Anexo B). Por meio das análises contextual e textual dessas reportagens, pretendemos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- De que forma se constrói uma representação social através de meios de comunicação como uma revista semanal de circulação nacional?
- A teoria proposta para esse estudo é eficiente para o tipo de análise pretendida?

Para efetuar a pesquisa de modo a alcançar nossos objetivos, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, revisamos conceitos básicos como texto e contexto, com base em Halliday, retomamos os elementos que, para Bakhtin, constituem o gênero e abordamos a reportagem a partir dos estudos da área da Comunicação Social. Utilizamos os modos de organização do discurso de Charaudeau para desenvolver o que Bakhtin chama de construção composicional, e Halliday, de modos retóricos. No que concerne aos elementos linguísticos relacionados aos modos, utilizamos a categoria de previsão de Tadros, que desenvolve a relação locutor-interlocutor, e as orações projetadas do ponto de vista funcional.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia usada para analisar as reportagens, localizando as inter-relações teóricas e destacando a compatibilidade existente entre elas.

No terceiro capítulo, realizamos a análise contextual das reportagens, apresentando informações sobre o veículo de divulgação e sobre os leitores a que elas se destinam, destacando as relações entre os participantes que fazem parte do tema das reportagens. As informações sobre os participantes foram retiradas da enciclopédia virtual *Wikipédia* com o objetivo de verificar como se dá a representação desses participantes nas informações de fácil acesso que circulam pela internet. Traçamos, ainda, algumas considerações sobre o modo não verbal empregado na montagem das matérias.

No quarto capítulo, realizamos a análise textual das reportagens articulando a tese (característica do modo argumentativo) com a sua defesa por meio dos modos narrativo, descritivo, enunciativo e suas categorias específicas.

Todas essas etapas foram realizadas para verificar a representação que um meio de comunicação pode fazer a partir da transposição da realidade por meio da

linguagem. Assim, estamos buscando explicações para o nosso agir, para o nosso dizer e para o nosso pensar, não por acaso muitas vezes parecidos com os dos cidadãos que fazem parte do meio em que vivemos.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos nossas constatações a respeito da aplicação da teoria utilizada para analisar o *corpus*, bem como as possíveis contribuições para a análise de textos.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

Os conceitos discutidos neste capítulo servem de base para as análises realizadas nos capítulos 3 e 4. Primeiramente, revisaremos as concepções de texto e contexto do ponto de vista de Halliday (1989). Logo após, o conceito de gênero com base em Bakhtin (2000 [1925]) e contribuições de seus intérpretes (BRAITH, CEREJA, FARACO, FIORIN) sobre a equivalência gênero = conteúdo temático, construção composicional e estilo.

A noção de contexto situacional hallidayano envolve três variáveis: *campo*, *relações* e *modo*. Tanto a variável *modo do discurso* de Halliday como a *construção composicional* de Bakhtin não foram suficientemente desenvolvidas pelos autores; por isso buscamos informações complementares na abordagem de Charaudeau (2008) a respeito dos modos de organização do discurso (descritivo, narrativo, argumentativo e enunciativo), a fim de dar sustentação à análise dos textos do *corpus*.

O gênero escolhido para análise foi a reportagem, e seguimos a ideia de que é inerente ao discurso jornalístico a observação a partir de um determinado ângulo de visão. Por essa razão, consideramos que o repórter tem um ponto de vista a defender e utiliza os outros modos de organização do discurso como suporte de sua tese.

1.1 Texto e contexto

Um texto, para Halliday (1989, p. 10-11), deve ser considerado sob duas perspectivas, como produto e processo. É um produto porque pode ser gravado e estudado, com uma construção representada em termos sistemáticos. É um processo porque é uma realização contínua de escolhas semânticas, é um evento interativo, uma troca social de significados. O texto é uma instância do processo e um produto do significado social num contexto particular de situação.

O contexto de situação, o contexto em que o texto se desenvolve está encapsulado no texto, por meio de uma relação sistemática entre o meio social, de um lado, e a organização funcional, de outro. São três os conceitos que servem para interpretar o contexto situacional de um texto, o ambiente em que os significados são permutados (HALLIDAY, 1989, p. 12):

- o campo do discurso refere-se à natureza da ação social que está ocorrendo, as ações em que os participantes estão engajados por meio da linguagem;
- as relações do discurso referem-se às características, os papéis dos participantes e as relações socialmente significativas em que eles estão envolvidos;
- o modo do discurso refere-se ao papel que a linguagem desempenha na relação entre os participantes, levando em consideração a organização simbólica do texto, a sua função no contexto, incluindo o canal (falado, escrito ou combinado) e também o modo retórico, expresso por meio de categorias como persuasivo, expositivo, didático e outros.

Como Halliday discutiu os termos *texto* e *contexto* e considerou como variáveis do contexto de situação *campo*, *relações* e *modo do discurso*, sem desenvolver o conceito de *discurso*, buscamos em Meurer uma distinção entre *discurso* e *texto*, compatível com Halliday, para trabalharmos nesta dissertação: “*discurso* é o conjunto de afirmações que, articuladas através da linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições; *texto* é a realização linguística na qual se manifesta o discurso”. O discurso é “investido de ideologias, isto é, maneiras específicas de conceber a realidade” (MEURER, 1997, p. 16).

Outro ponto a destacar neste capítulo é o conceito hallidayano de *modo do discurso*, que inclui organização simbólica do texto, canal e *modo retórico* – persuasivo, expositivo, didático e outros. Nos exemplos oferecidos pelo autor (1989, p. 13-14), temos algumas descrições situacionais do *modo do discurso*: “escrito para ser preenchido”, “performativo, isto é, o texto constitui ou ‘realiza’ o ato em questão”, “escrito para ser lido em voz alta”, “persuasivo, baseado em argumento racional”.

Meurer (2000, p. 150) chama de *modalidades retóricas* as estruturas e funções textuais conhecidas como narrativas, descritivas, argumentativas,

procedimentais e exortativas, considerando que um único texto pode conter mais de uma modalidade retórica. Por exemplo, uma carta pode ter trechos narrativos (histórico do que o escritor tem feito), descritivos (como é o lugar onde mora) e argumentativos (defendendo uma determinada perspectiva ou visão de alguma coisa).

Como um dos objetivos deste trabalho é considerar as contribuições que os segmentos narrativos, descritivos e enunciativos fornecem à defesa de uma perspectiva, de uma representação do mundo no gênero reportagem, revisaremos a seguir tópicos relacionados a gênero.

1.2 Considerações sobre gêneros

No Brasil, a partir de 1995, especialmente no campo da linguística aplicada ao ensino de línguas, destacaram-se os estudos a respeito de gêneros. Rojo (2005, p. 184) esclarece que, em parte, isso se deve aos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa e línguas estrangeiras, que recomendaram os gêneros como objeto de ensino e destacaram a importância de considerar as características dos gêneros na leitura e produção de textos.

Ao realizar um levantamento das pesquisas sobre gêneros em nosso contexto, Rojo (2005, p. 185) dividiu-as em duas vertentes – as dos gêneros *discursivos* e as dos gêneros *textuais*. Embora as duas tendências estejam baseadas em Bakhtin, a primeira centra-se especialmente no estudo das situações de produção dos textos, em seus aspectos sócio-históricos; e a segunda, na descrição da materialidade textual. Como a nossa pesquisa enfatiza a descrição da materialidade textual, daremos preferência ao emprego de *gênero textual*.

Uma vez que tanto a abordagem de gênero textual quanto a de gênero discursivo têm Bakhtin como ponto de partida, revisaremos alguns de suas concepções. Esse autor parte do pressuposto de que todo enunciado é dialógico por natureza e, por isso, carrega em si o encontro de múltiplas vozes que são organizadas por um dizer individual. Esse dizer, por sua vez, nunca neutro, carrega consigo um conjunto de valores que mostra a maneira como o locutor se posiciona diante das coisas no mundo.

Em *Estética da Criação Verbal* (2000, p. 284), Bakhtin apresenta a definição de gênero do discurso: é “um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. A constituição dos gêneros se dá por meio de um processo de interação verbal em que a utilização da língua se relaciona com uma dada esfera da atividade humana. As condições e finalidades de tais esferas são dadas por meio dos enunciados, e o todo do enunciado acaba por constituir o gênero. “O gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social” (FIORIN, 2006, p. 61).

Se nos remetemos a todo momento a uma dada esfera da atividade humana, isso ocorre, como afirma Faraco (2003, p.111), “porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano”. E como o agir humano é móvel, os gêneros também são, por isso são relativamente estáveis – são passíveis de serem modificados da mesma forma que as atividades humanas.

No fundo, a ideia da relativa estabilidade coloca Bakhtin antecipando toda uma discussão que se fará posteriormente na teoria social de que as atividades humanas não são nem totalmente previsíveis por modelos pré-dados, nem totalmente casuais. (FARACO, 2003, p. 114)

Essas considerações sobre a impossibilidade de termos modelos preestabelecidos sobre as atividades humanas talvez justifiquem o fato de não haver, na literatura da Comunicação Social, uma definição clara do que seja a reportagem, o gênero analisado neste trabalho. Segundo Kindermann e Bonini (2006, p. 39), há autores que a caracterizam como uma notícia ampliada e outros que preferem explicá-la como um gênero autônomo. Aqui, vamos optar por esta última definição, já que o próprio termo notícia ampliada sugere diferenças entre dois gêneros jornalísticos.

De acordo com Lage (1979, p. 33), “a notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando um dado *conhecimento* do mundo”. Assim, a notícia está para a novidade, para a alteração da normalidade dos fatos – alteração esta apresentada de forma sintética – enquanto a reportagem “pressupõe investigação e interpretação” (p.136). A reportagem está incluída na categoria de informação jornalística, já que combina interesse do assunto

com o maior número possível de dados. Esse mesmo autor apresenta uma síntese de diferenças entre notícia e informação jornalística, que adotamos para diferenciar os dois gêneros:

- a notícia trata de um fato, acontecimento que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação que o tornam relevante: corresponde, frequentemente, à disfunção de algum sistema – a queda do avião, a quebra da normalidade institucional etc. Já a informação trata de um assunto, determinado ou não por fato gerador de interesse;
- a notícia independe, em regra, das intenções dos jornalistas; a informação decorre de intenção, de uma “visão jornalística” dos fatos;
- a notícia e a informação jornalística contêm, em geral, graus diferentes de profundidade no trato do assunto; a notícia é mais breve, sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou. A informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados;
- a notícia típica é da emergência de um fato novo, de sua descoberta ou revelação; a informação típica dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento. (LAGE, 2006, p. 114)

O estudioso afirma, ainda, não ser fácil definir o gênero reportagem, já que ele pode ser desde a complementação de uma notícia até “o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente” (LAGE, 1979, p. 83). Do ponto de vista da produção, Lage classifica a reportagem em três tipos:

- Tipo investigação: parte-se um fato revelador de outros;
- Tipo interpretação: o conjunto de fatos é visto a partir de uma dada ciência;
- Tipo revelação de uma *práxis* humana não teorizada: tem por objetivo apreender a essência do fenômeno aplicando técnicas na construção de situações e episódios narrados.

Neste trabalho, então, vamos salientar as questões relacionadas especificamente à reportagem, dando ênfase à maneira como a visão dos fatos é apresentada num texto caracterizado por completude e riqueza de informações. No que diz respeito ao tipo de reportagem, impõe-se a *oportunidade jornalística*, o fato gerador de interesse. Não consideraremos essa oportunidade como uma novidade, um fato inovador, visto que essas características estão mais associadas ao conceito de notícia, mas como algo que chama a atenção do produtor textual e merece ser explorado por parecer interessante ao público leitor ou aos interesses do veículo de

divulgação. Segundo Kindermann e Bonini (2006, p. 43), “fica evidente, nas obras de Lage, mais especificamente ao tratar da reportagem, que o que vai determinar esse gênero como autônomo ou não em relação à notícia são os fatos geradores”.

Para Charaudeau (2007, p. 221), a reportagem jornalística é um tipo de texto que trata de um fenômeno social ou político e tenta explicá-lo. Por fenômeno social, o autor entende uma série de fatos que se produzem em um espaço público e são de interesse geral. Tentar explicar esses fatos faz parte do papel da reportagem. Uma vez que eles são de interesse geral, já são de certa forma conhecidos da população e passam a ser objeto de observação.

Melo (1994, p. 23) faz uma discussão a respeito das categorias jornalísticas determinadas historicamente: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo e pergunta-se: “até que ponto o jornalismo informativo efetivamente limita-se a informar e até que ponto o jornalismo opinativo circunscreve-se ao âmbito da opinião?”. A resposta a que chega o estudioso, e com a qual concordamos plenamente, é que essa delimitação de textos destinados a informar e de textos destinados a explicitar uma opinião não pode ser aceita contemporaneamente, já que os “gêneros jornalísticos não podem ser entendidos como relatos sem intenção, ou seja, despidos de valoração, julgamento ou opinião”. A reportagem de que estamos tratando neste trabalho, portanto, não será considerada como pertencente exclusivamente a nenhuma das categorias mencionadas.

É inerente ao discurso jornalístico a observação a partir de um determinado ângulo de visão, por mais que se tente registrar os fatos de uma forma objetiva e distanciada de uma percepção particular, intencional de descrevê-los.

É verdade que há comunicadores que se esforçam para serem o mais possível imparciais. Mas há também situações e momentos em que se percebe claramente uma distorção e uma manipulação das notícias por parte de determinados apresentadores. (GUARESCHI, 2000, p. 29)

É por esses motivos que, por mais que a tradição tente diferenciar jornalismo informativo de jornalismo opinativo, a opinião não se reduz apenas a este último. A própria pauta que se define a partir da linha editorial do veículo de comunicação, a seleção dos assuntos que merecem ser publicados, determina certos personagens, obscurece alguns e omite outros. Para Melo (1994, p. 73), “a pauta não é apenas um

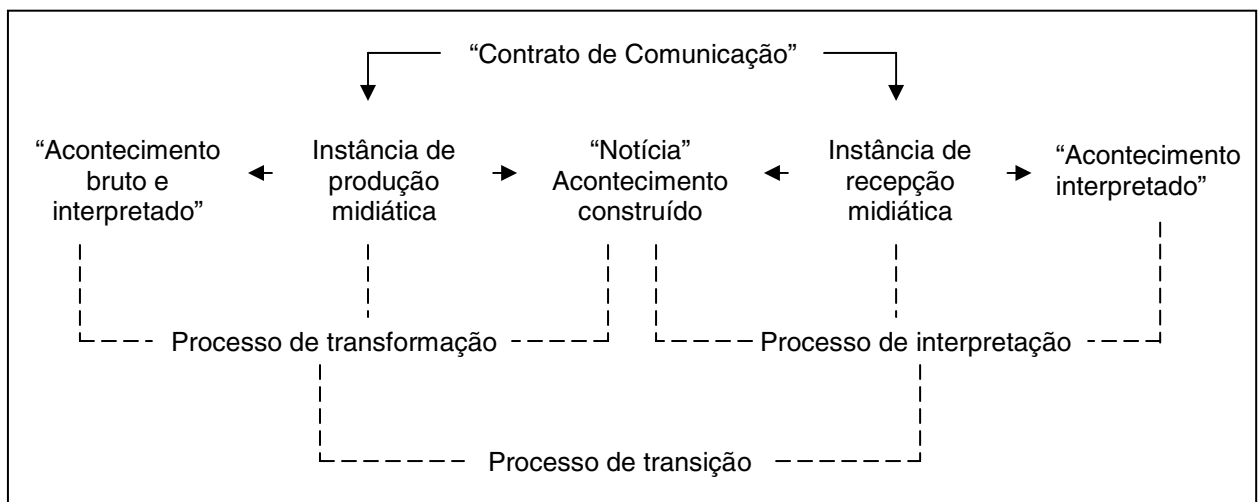
elenco de temas ou assuntos a serem observados pelos jornalistas, mas uma indicação dos ângulos através dos quais os acontecimentos devem ser observados”.

Ao se selecionar assuntos que, segundo a linha editorial, merecem destaques em chamadas televisivas, em capas de revistas ou em manchetes de primeira página de jornais, não há dúvidas de que tais fatos provocam grande impacto e exercem igual influência no modo de pensar dos indivíduos.

O contacto com essas informações destacadas desempenha um papel decisivo na formação da visão de mundo que cotidianamente o cidadão obtém. Saber que determinados fatos aconteceram e outros não, que determinados personagens atuaram na cena social em primeiro plano, que tais ou quais organizações figuram na linha de frente das novidades, constitui referencial básico para moldar atitude coletiva. (MELO, 1994, p.84)

Uma mesma informação pode receber diferentes representações. Segundo Guareschi (2000, p. 78), com base em Moscovici (1984), as representações sociais podem ser vistas como um conhecimento do senso comum, construído e partilhado na sociedade, observável na mente das pessoas e na mídia.

Charaudeau (2007, p. 114) analisa a mídia como espaço de construir opinião pública. Ele enfatiza que, no caso dos textos de comunicação midiática, no processo de transação entre a instância produtora e a instância receptora do texto, há um conhecimento construído da forma como a primeira instância imagina a segunda. Isso determina o que ele chama de “condições de encenação da informação”. A informação, assim, constrói um conhecimento que será reinterpretado por seus receptores.



Quadro 01 – Contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2007, p. 114)

Por meio do quadro anterior, é possível ilustrar com mais clareza como se dá esse processo de transição entre produtores e receptores, bem como perceber que a interpretação acompanha o fato a ser divulgado do início ao fim da relação que se estabelece entre eles. A própria denominação “processo de transformação”, utilizada por Charaudeau (2007), já sugere uma possibilidade de enxergar o acontecimento de uma determinada forma em detrimento de outra.

1.2.1 Componentes de um gênero

Os três elementos que compõem o gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional – receberam interpretações de diferentes autores, e aqui vamos fazer uma retomada dessas visões.

O tema é concreto, histórico, sempre individual, não reiterável e “constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar” (BAKHTIN, 2006 [1929], p. 136), visto que consegue renovar, recriar o sistema de significação. A significação por si mesma não diz nada, ela existe “como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua” (CEREJA, 2005, p. 202), por isso é reiterável e coletiva.

Desse modo “se a significação está para o signo – ambas virtualidades de construção do sentido da língua –, o tema está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos” (CEREJA, 2005, p. 202).

O conceito de ideologia pode ser direcionado para o estudo das maneiras como o sentido é articulado para a manutenção de relações de dominação. “É uma característica criativa e constitutiva da vida social que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de ações e interações” (THOMPSON, 1995, p. 19).

A construção composicional, para Bakhtin (2000, p. 284), refere-se ao “tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (...)”. Tentamos desenvolver essa concepção bakhtiniana, associando “tipo de estruturação e conclusão de um todo” com os modos de organização narrativo, descritivo e argumentativo e “tipo de relação entre

o locutor e outros parceiros da comunicação verbal” com o modo de organização enunciativo trabalhados por Charaudeau (2008), a serem tratados neste capítulo.

Em relação ao estilo, Bakhtin (2000, p.279) o define como uma seleção operada nos recursos da língua. Trata-se de um conjunto de procedimentos responsáveis pelo acabamento do enunciado. Fiorin argumenta:

Isso significa que o estilo é o conjunto de traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, enunciativos, discursivos, etc., que definem a especificidade de um enunciado e, por isso, criam um efeito de sentido de individualidade. (FIORIN, 2006, p. 46)

É esse sentido de individualidade que pode, num primeiro momento, parecer uma contradição ao princípio constitutivo da linguagem – ao dialogismo, à relação eu/outro, um dos eixos básicos do pensamento bakhtiniano. No entanto, ao mesmo tempo em que o estilo do enunciado é um conjunto de escolhas individuais, ele é social, porque apresenta em si um conjunto de vozes:

(...) o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais. (FARACO, 2003, p. 121)

Brait (2005, p. 80) também assume a mesma posição de Faraco. Ao fazer um estudo das obras do Círculo de Bakhtin e analisar como elas tratam o estilo, verificou que este se associa a reflexões, análises, conceitos, categorias específicas e assume aspectos que, somados, contribuem para enxergarmos a linguagem “que, sendo social, histórica e cultural, deixa entrever particularidades, sempre afetadas, alteradas, impregnadas pelas relações que as constituem”.

Além disso, o estilo também depende do outro, porque é para o outro que se dirige o enunciado. O estilo é dependente desta relação, porque se constitui em uma realidade heterogênea, em que o locutor, a partir de uma visão de mundo, formada pelo confronto de várias vozes, é capaz de organizá-la de uma determinada maneira em detrimento de outras. Busca, por isso, a compreensão do seu interlocutor, do outro, ao mesmo tempo em que mantém a sua individualidade, já que, no universo de vozes das quais participa, faz suas escolhas.

Como já afirmado, para Bakhtin o estilo é dependente da realidade heterogênea em que vivemos. Nela, variadas vozes estão, a todo momento, sendo

absorvidas pelo sujeito¹. Das diversas relações que se estabelecem por meio dessas vozes, uma visão de mundo se forma e, por consequência, vai, constantemente, dialogar com outras. Isso justifica uma das frases mais conhecidas de Bakhtin (2000, p. 319): “Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear”. Assim, não havendo uma fala original, também não há o que não seja dialógico.

Por meio da atitude responsiva se dá o que, para Fiorin (2006, p.17), é um dos eixos básicos do pensamento bakhtiniano: a relação eu/outro. Tal relação se dá entre posições sociais que fazem parte de um processo dialógico; e, apesar de os enunciados serem irreproduzíveis, devido ao contexto único de que fazem parte, as palavras dos outros, quando se tornam *palavra minha*, mantêm “(...) em maior ou menor grau, o tom e a ressonância desses enunciados individuais” (BAKHTIN, 2000, p.312). Desse modo, ao mesmo tempo em que a palavra do outro carrega consigo sua marca de valor, adquire, pela expressividade do eu, um caráter individual sempre atualizado, porque sempre pertencente a um novo contexto.

Essa alusão ao social, presente nas ideias de Bakhtin, faz com que ele se oponha às teorias que veem o que é exterior ao indivíduo de forma passiva. No capítulo 6, de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006, p.114-132), ele afirma que o centro organizador de toda expressão não é interior, mas exterior, ou seja, encontra-se no meio social, no mundo semiotizado de que o sujeito faz parte. Assim, afirma Faraco:

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (FARACO, 2003, p.48)

Porque carrega uma visão de mundo formada pelo constante conflito entre vozes sociais, o enunciado possui natureza ideológica e revela sempre um conjunto de valores. Não há neutralidade nesta atividade que é a linguagem.

Tanto o mundo interior do indivíduo quanto o mundo exterior do qual faz parte nunca estão acabados. Novos posicionamentos, novos valores podem surgir dentro

¹ Segundo Flores e Teixeira (2005, p.59), a ideia de sujeito, em Bakhtin, só existe na intersubjetividade. É assim que tratamos o conceito de sujeito neste trabalho, como aquele que faz parte de uma relação EU/OUTRO em que variadas vozes se relacionam.

do universo de constante conflito entre vozes sociais, o que se reflete nos enunciados e faz com que o interesse pelo estudo da língua não se mantenha preso somente às categorias gramaticais, como se pode observar neste fragmento de uma das obras de Bakhtin:

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, 1988, p.81)

Esses comentários a respeito de gênero, em Bakhtin, levaram-nos a buscar outras concepções de abordagens textuais e discursivas que complementassem especialmente o conceito de construção composicional, de forma a empregá-las na análise dos textos do *corpus*. Dessa forma, revisaremos, em primeiro lugar, a abordagem de Charaudeau (2008) sobre os modos de organização do discurso, que consideramos aqui equivalente à construção composicional.

1.3 Modos de organização do discurso

Para Charaudeau (2008, p. 68), os modos de organização do discurso constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar.

Para distinguir esses quatro modos, analisa-se, primeiramente, a sua função de base. O modo será enunciativo se a relação entre os interlocutores estiver em foco. Será descritivo se qualificar e identificar um participante do processo de comunicação for o objetivo principal. Será narrativo se o processo temporal se destacar e, por fim, argumentativo, quando as relações de causa e efeito forem ressaltadas.

Esses modos de organização não são completamente separados uns dos outros, mas interpenetram-se no desenvolvimento dos textos. Uma descrição, por exemplo, pode ser usada como recurso para influenciar uma tomada de posição do interlocutor. Portanto, neste trabalho, revisaremos características de cada um dos modos de organização a fim de verificarmos como contribuem para sustentar a opinião dos repórteres responsáveis pelas reportagens.

As características das formas de organizar os textos podem ser visualizadas no quadro a seguir.

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	<p>Relação de influência (EU > TU)</p> <p>Ponto de vista do sujeito (EU > ELE)</p> <p>Retomada do que já foi dito (ELE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	<p>Identificar e qualificar seres de maneira objetiva/subjetiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	<p>Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	<p>Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

Quadro 02: Modos de organização do discurso (CHARAUDEAU, 2008, p.75)

Charaudeau (2008, p. 79) propõe que “os gêneros textuais tanto podem coincidir com um modo de discurso que constitui sua organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos”. O discurso pode apresentar modo de organização enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. A seguir, podemos verificar como a reportagem se encaixa nessas possibilidades de modo de discurso.

Podemos observar, no Quadro 03, os problemas associados à noção do que é um gênero. Para Charaudeau, as reportagens fazem parte do gênero *imprensa*, que abarca subdivisões (*fait-divers*, editoriais, reportagens e comentários) que não recebem uma terminologia específica. Seriam subgêneros? Tipos de textos? Um silêncio acompanha essa discussão. Outros estudiosos consideram essas subdivisões como gêneros, como, por exemplo, Meurer (2000). Para esse autor,

gêneros textuais constituem tipos específicos de textos de qualquer natureza, como notícias, novelas, editoriais, reportagens, poemas, entre muitos outros.

GÊNEROS	MODOS DE DISCURSO DOMINANTES	OUTROS MODOS DE DISCURSO
Publicitários	<ul style="list-style-type: none"> • Enunciativo (Simulação de diálogo) • Variável; Descritivo no slogan 	Narrativo (quando se consta uma história) e Argumentativo , nas revistas especializadas
Imprensa – “Fait-divers” ² – Editoriais – Reportagens – Comentários	<ul style="list-style-type: none"> • Narrativo e Descritivo • Descritivo e Argumentativo • Descritivo e Narrativo • Argumentativo 	Enunciativo Pode haver apagamento ou intervenção do jornalista
Panfletos políticos	• Enunciativo (Apelo)	Descritivo (Lista de reivindicações) Narrativo (ação a realizar)
Manuais escolares	• Variável segundo as disciplinas, mas com a onipresença do Descritivo e do Narrativo	Enunciativo (nos comandos das tarefas) Mais Argumentativo em algumas disciplinas (matemática, física, etc.)
De informação – receitas – informações técnicas – regras de jogos	<ul style="list-style-type: none"> • Descritivo • Descritivo e Narrativo (fazer) • Descritivo e Narrativo 	
Relatos – romances – novelas, contos – de imprensa	• Narrativo e Descritivo	Enunciativo Intervenção variável do autor-narrador segundo o gênero (autobiografia, depoimento, notícia, etc.)

Quadro 03 – Correspondências entre modo de discurso e gêneros textuais (CHARAUDEAU, 2008, p. 79)

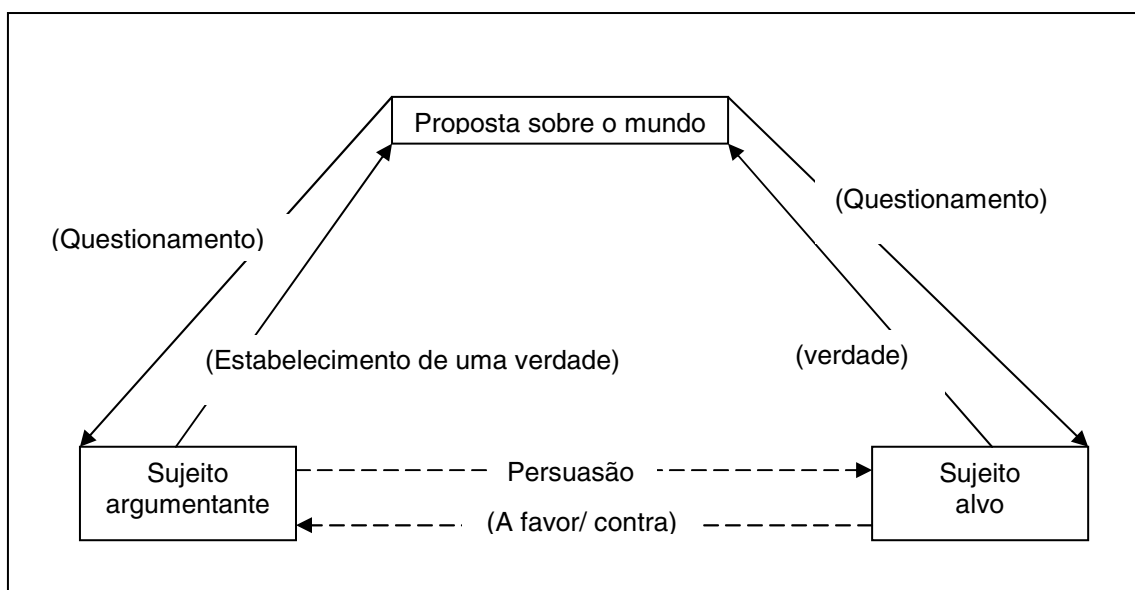
Como uma leitura prévia do material a ser analisado mostrou que os repórteres defendem uma tese já no início da reportagem, partiremos aqui do modo de organização argumentativo.

1.3.1 Modo argumentativo

O modo de organização argumentativo leva em consideração um saber que provém da experiência humana. Esse saber se dá através de certas operações de raciocínio e pode ser refutado ou não pelo interlocutor.

² Em fr., fatos diversos. “Notícia que desperta interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário do curso cotidiano dos acontecimentos. Assim, o crime passional, a briga de rua, o atropelamento, o assalto são fait-divers, narrativas típicas do jornalismo sensacionalista e popularesco.” (RABAÇA & BARBOSA, 2002, p. 296)

A argumentação não se associa apenas a uma sequência de conectores lógicos, já que frequentemente o aspecto argumentativo do discurso está implícito. De acordo com Charaudeau (2008, p. 205), há algumas condições para que a argumentação exista: uma visão de mundo que provoque questionamento quanto à viabilidade de uma proposta; um sujeito que desenvolva um raciocínio a fim de tentar estabelecer a legitimidade da proposta; um outro sujeito que se constitua no alvo da argumentação. Assim, o autor nos apresenta uma relação de três vértices – um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo – que pode ser representada da seguinte forma:

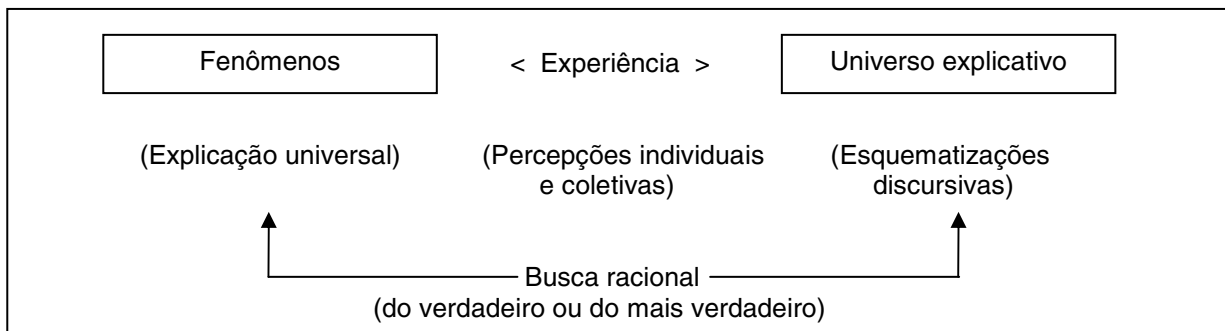


Quadro 04 – Relação entre sujeito argumentante, proposta e sujeito-alvo (CHARAUDEAU, 2008, p. 205)

Desse modo, argumentar é uma atividade dupla que depende tanto daquele que argumenta como daquele que recebe essa argumentação e emite uma resposta a partir dela. Esse modo de organização do discurso possibilita a construção das explicações sobre o mundo a partir de uma perspectiva racional de demonstração ou de persuasão.

A racionalidade diz respeito aos fenômenos do universo que são percebidos pelas experiências individuais e sociais do ser humano. Este, inserido num quadro espacial e temporal determinado, efetua as operações de pensamento que constroem as explicações. Tal procedimento tem por objetivo a busca pelo verossímil.

A atividade discursiva de argumentar, portanto, do ponto de vista do sujeito argumentante, participa da busca da racionalidade que tende a um ideal de verdade a respeito das explicações dos fenômenos do universo. Mas trata-se apenas de um ideal. Embora esses fenômenos tenham uma explicação, uma razão de ser universal, são percebidos através de uma filtragem dupla: a da experiência individual e social do indivíduo e as das operações de pensamento que constroem um universo discursivo de explicação, que depende de esquematizações coletivas. O Quadro 05 permite a visualização do processo de filtragem:

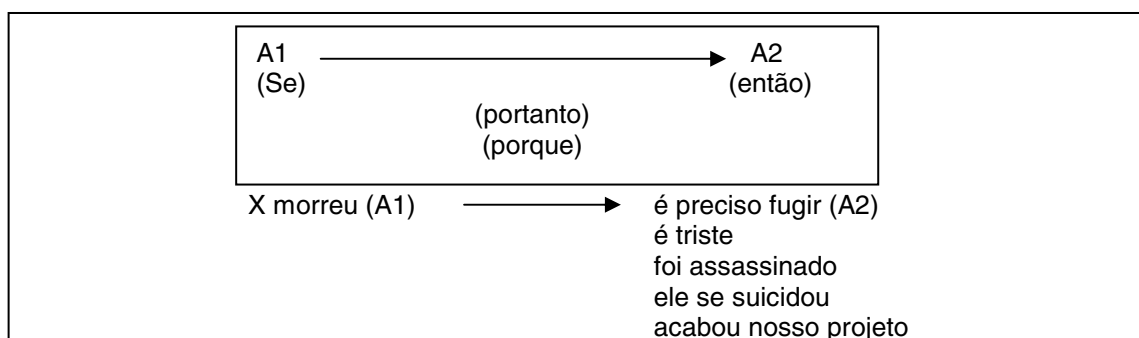


Quadro 05 – Filtragem por meio da experiência e das operações de pensamento (CHARAUDEAU, 2008, p. 206)

A busca do verossímil, em lugar do verdadeiro, é uma questão fundamental do processo argumentativo, pois o verossímil depende das representações sócio-culturais partilhadas pelos membros de um determinado grupo. É, assim, a representação do governo latino-americano que buscamos nesta pesquisa.

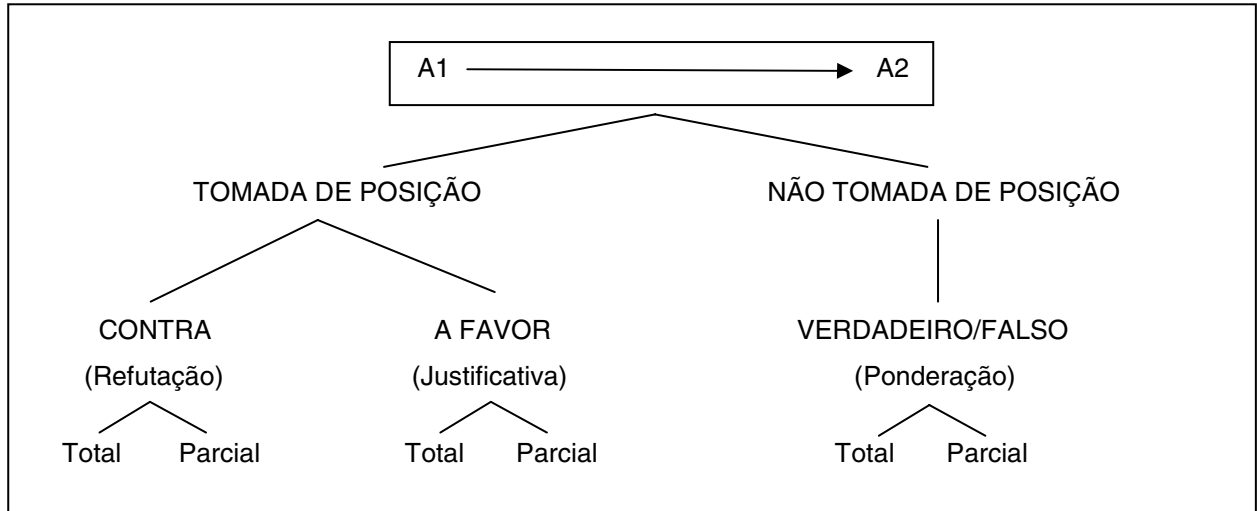
Para haver argumentação, não é suficiente emitir propostas sobre o mundo. Toda asserção pode ser argumentativa desde que se inscreva em um dispositivo argumentativo composto de proposta, proposição e persuasão. (CHARAUDEAU, 2008, p. 221).

A *proposta*, que corresponde ao que se chama Tese, forma-se através de uma asserção que é colocada em relação a outra, como, por exemplo:



Quadro 06 - Exemplificação de proposta (CHARAUDEAU, 2008, p. 222)

A *proposição* “parte de um *quadro de questionamento* baseado na possibilidade de *pôr em causa a Proposta*”. Colocar em causa depende do posicionamento adotado: uma tomada de posição ou não tomada de posição:



Quadro 07 - Posições diante da proposta (CHARAUDEAU, 2008, p. 224)

A *persuasão* coloca em evidência um quadro de raciocínio persuasivo, que desenvolve uma ou outra das opções do quadro de questionamento: refutação, justificativa, ponderação. Nessa fase, o argumentador estabelece a prova da posição adotada na Proposição.

Em resumo, o dispositivo argumentativo origina-se de uma Proposta (Tese), passa pela Proposição, quando o sujeito refuta, justifica a Tese ou pondera sobre ela, até chegar à Persuasão, com a apresentação de provas de refutação, justificativa ou ponderação.

Segundo Charaudeau (2008, p. 231), uma *encenação argumentativa* consiste, para o argumentante, em utilizar procedimentos que sirvam a seu propósito de comunicação em função da situação e do modo como vê seu interlocutor. A função desses procedimentos é validar uma argumentação. Os procedimentos *semânticos* apoiam-se no valor dos argumentos, estabelecendo os domínios e os valores da argumentação. Os procedimentos *discursivos* consistem em empregar certas categorias linguísticas ou procedimentos dos outros modos de organização do discurso para, no quadro de uma argumentação, produzir certos efeitos de persuasão (p. 236). Os procedimentos de *composição* organizam o conjunto da argumentação, repartindo, distribuindo, hierarquizando os elementos do processo

argumentativo ao longo do texto de modo a facilitar as diferentes articulações do raciocínio ou a compreensão das conclusões da argumentação (p. 244).

Neste trabalho, vamos enfatizar os *procedimentos discursivos* utilizados no quadro argumentativo, observando de que forma os modos narrativo, descritivo, enunciativo e categorias linguísticas a eles relacionadas buscam persuadir os leitores a aceitar uma tese. Para isso, revisaremos características dos outros modos de organização discursiva.

1.3.2 Modo narrativo

Quanto ao modo de organização narrativo, Charaudeau (2008, p.151) antecipa que se trata de um caso delicado. Um dos motivos que justifica essa afirmação são as diferentes formas de se entender o termo contar. Contar vai além da definição normalmente dada pelo dicionário, vai além de descrever uma sequência de fatos ou acontecimentos, e o autor nos apresenta várias formas de enxergar o termo contar:

(...) é uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo de contradições.

(...) é também construir um universo de representação das ações humanas por meio de um duplo imaginário baseado em dois tipos de crenças que dizem respeito ao mundo, ao ser humano e à verdade. (CHARAUDEAU, 2008, p. 154)

O modo narrativo é um dos componentes da narrativa. Enquanto esta é uma totalidade, aquele é uma forma de organizar a totalidade. O modo descritivo e o narrativo são utilizados com a finalidade de narrar, já que a narrativa envolve ações e qualificações, mas há diferenças entre eles. A organização descritiva do mundo pode ser: taxionômica, classificando os seres do universo; descontínua, sem ligação necessária entre seres e propriedades; e aberta, sem início ou fim necessários. Já o narrativo organiza o mundo de forma sucessiva e contínua, com início e fim (CHARAUDEAU, 2008, p. 158).

O modo narrativo se caracteriza pela construção de uma sucessão de ações, que deve ser delimitada em seu princípio e fim para haver coerência. Essa sucessão é motivada pela intenção do sujeito, “que elabora um projeto de fazer e tenta conduzi-lo bem” (CHARAUDEAU, 2008, p. 168).

Observaremos, nas reportagens, o valor atribuído pelos repórteres às ações de Chávez em uma sequência temporal. A pergunta a ser respondida é a seguinte: que etapas foram importantes para consolidar o autoritarismo e o personalismo do governo venezuelano?

1.3.3 Modo descritivo

O modo de organização descritivo se assemelha e se confunde bastante com o modo narrativo, mas cada um tem a sua especificidade. De acordo com Charaudeau (2008, p. 107-109), esse problema está associado à tradição de exercícios escolares que levam, muitas vezes, a se confundir a finalidade de um texto com seu modo de organização: “um texto pode se inscrever no modo de organização *descritivo*, enquanto o texto, em seu conjunto, possui outra finalidade além de uma pura descrição”. Além disso, diferenciar os modos descritivo e narrativo por meio de marcas linguísticas pode não ser um critério confiável para caracterizar um texto, já que isso depende da situação de comunicação.

O termo descritivo é usado por Charaudeau (2008, p. 111) para definir um procedimento discursivo que ele denomina modo de organização do discurso. Esse modo é um processo, e a descrição é o resultado. Assim, o modo descritivo pode-se combinar com o narrativo e o argumentativo, organizando um texto parcial ou totalmente.

Descritivo está para qualificações do relato, enquanto narrativo, para as suas funções:

(...) descrever está estreitamente ligado a contar, pois as ações só têm sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes. Não é a mesma coisa dizer: ‘O leão salvou o camundongo’, e dizer: ‘O pequeno camundongo salvou o leão, o rei dos animais’; aliás, todas as fábulas que contam como um personagem se livra de uma situação perigosa com a ajuda de um artifício só podem ser compreendidas na medida em que um dos personagens é identificado e qualificado como forte e ameaçador (o lobo, por exemplo) e o outro, como frágil e ameaçado, mas esperto (a raposa). (CHARAUDEAU, 2008, p. 111-112)

Os componentes de uma construção descritiva são: nomear, localizar-situar e qualificar. *Nomear* significa fazer com que os seres existam no mundo a partir de classificações dadas em função das semelhanças e diferenças na comparação com

outros seres. *Localizar-situar* é determinar o espaço e o tempo que o ser ocupa, o que está diretamente relacionado com o componente nomear, já que suas características também são dependentes da sua posição espaço-temporal. *Qualificar* é atribuir particularidades, é algo mais específico e singular, portanto, do que nomear.

Qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo (outros dirão “predação”) num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. (CHARAUDEAU, 2008, p. 116)

Ao construir subjetivamente o mundo, o sujeito descreve os seres e seus comportamentos através de sua própria visão, a qual não é necessariamente verificável. “O universo assim construído é relativo ao imaginário pessoal do sujeito.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 125).

O princípio da localização fornece pontos de referência à organização da trama narrativa que concernem à localização da sequência no espaço e no tempo e à caracterização dos participantes.

Na etapa de análise, verificaremos a contribuição dos processos de nomear e qualificar à sustentação da tese de que o Governo Chávez é autoritário e personalista.

1.3.4 Modo enunciativo

O modo de organização enunciativo “aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 82). Ao enunciar, um sujeito falante utiliza categorias da língua e, por meio delas, vão se estabelecer algumas posições em relação ao seu interlocutor. O modo enunciativo possui três funções:

- estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor num comportamento *alocutivo*: o sujeito falante mostra sua posição ao interlocutor ao mesmo tempo em que lhe solicita um comportamento, ou seja, o interlocutor é levado a reagir ao ato de linguagem do locutor.

- revelar o ponto de vista do locutor, num comportamento *elocutivo*: trata-se da relação que o locutor estabelece com ele próprio. Há a exposição do ponto de vista do sujeito falante sem que o interlocutor seja implicado na tomada de posição. O ponto de vista sobre o mundo pode especificar, por exemplo, o grau de adesão ao propósito, a maneira pela qual o locutor tem conhecimento de um propósito, a maneira pela qual ele julga esse propósito;
- retomar a fala de um terceiro, num comportamento *delocutivo*: o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica o interlocutor. O sujeito é uma espécie de testemunha dos discursos que o mundo lhe impõe, o que resulta em uma enunciação aparentemente objetiva: o locutor diz como o mundo existe ou relata o que o outro disse e de que forma disse.

A relação entre locutor e interlocutor pode ser esquematizada da seguinte forma:

Comportamentos enunciativos	Especificações enunciativas	Categorias linguísticas
Relação com o interlocutor (relação do locutor ao interlocutor) ⇒ ALOCUTIVO	Relação de força (Locutor/Interlocutor) (+) (-)	Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposição
	Relação de pedido (Locutor/ Interlocutor) (-) (+)	Interrogação Petição (Acréscimo: Previsão)

Quadro 08 – Relações entre locutor e interlocutor (CHARAUDEAU, 2008, p. 86)

Neste ponto do trabalho, em relação ao comportamento alocutivo, quando o locutor pede alguma coisa ao interlocutor, acrescentaremos ao modelo de Charaudeau elementos que fazem parte da categoria de *previsão* desenvolvida por Tadros (1994). Esse acréscimo se fez necessário porque a leitura prévia do material apontou procedimentos significativos na sustentação da tese que não constavam da abordagem de Charaudeau.

A previsão é uma estratégia usada pelo escritor do texto para anunciar um ato de discurso futuro. Refere-se a um fenômeno de interação, a um compromisso assumido pelo autor em relação ao leitor. Assim, um dos fatores de credibilidade do texto é a concretização da previsão anunciada. Dentre as categorias de previsão,

destacaremos, primeiramente, na inter-relação entre escritor e leitor, a enumeração, a antecipação e a pergunta.

A *enumeração* é uma categoria de previsão que possui um membro previsor e, necessariamente, mais de um membro previsto. As condições necessárias de um previsor são:

- sujeito plural seguido de verbo, complemento e dois-pontos ou uma oração independente seguida de outras orações que possuem os membros previstos;
- oração com item catafórico, como, por exemplo, “os seguintes”, associado com um substantivo no plural, um enumerador;
- oração com um enumerador em associação com um número, desde que as informações sejam apresentadas como novas no contexto.

O termo enumerador refere-se aos substantivos plurais que possuem referências textuais, ou seja, “requerem realização lexical que lhes especifique o sentido de forma a serem entendidos” (MOTTA-ROTH, 1997, 105). Desempenham o papel de enumeradores substantivos como *vantagens, ângulos, aspectos, categorias, causas, circunstâncias, classes, conceitos, condições, consequências, dificuldades, efeitos, elementos, exemplos, fatores, características, formas, influências, tipos, significados, motivos, objeções, períodos, pontos, problemas, razões, sentidos, fontes, fases, sugestões, condições, coisas, tipos*.

O vocábulo “pontos”, por exemplo, em: “*A seguir, alguns dos principais pontos da agenda chavista daqui em diante.*” (Veja online, 16/02/2009), é um enumerador, visto que, no contexto em que está inserido, só pode ser especificado a partir dos membros previstos que se seguem a ele.

No exemplo anterior, após o membro previsor, há o sinal gráfico – dois-pontos – que anuncia os membros previstos pela enumeração. O exemplo apresenta o indefinido “alguns”, que contrasta com numerais exatos, como *um, dois, três*, etc.

Em um intervalo de cinco dias na semana passada, o presidente venezuelano Hugo Chávez sinalizou mudanças de postura sobre três questões cruciais para o seu governo: desistiu de apoiar a luta armada dos terroristas das Farc na Colômbia; revogou a Lei de Inteligência decretada por ele próprio, que transformaria a Venezuela em um estado policial similar a Cuba; e chamou empresários para lançar um pacote de medidas econômicas, muitos dos quais donos de fábricas que no passado ele ameaçara expropriar. (Veja online, 15/06/2008)

Nesse exemplo, podemos observar o numeral exato *três* acompanhando o enumerador *questões*. Esse tipo de numeral aumenta a responsabilidade do autor, enquanto os pronomes indefinidos a diminuem, uma vez que permitem qualquer enumeração a partir de dois ou mais elementos.

Além dos dois-pontos, a separação do membro previsor e dos membros previstos também pode ser feita por ponto final, ponto de interrogação e travessão. No exemplo abaixo, por exemplo, o membro previsor – *amplas prerrogativas* – separado dos membros previstos por ponto final, prevê estes membros nas frases subsequentes:

Mas o que realmente interessa são as amplas prerrogativas dadas à figura do presidente, no caso Chávez. O mandato do chefe de Estado passa de cinco para seis anos, com direito a reeleição, tão em moda. Extinto o Senado, o presidente terá de negociar apenas com uma Casa, a Assembleia Nacional. E ele ainda indicará um vice-presidente executivo, que funcionará como um primeiro-ministro, coordenando o gabinete ministerial e dialogando com a Assembleia. (*Veja online*, 01/12/99)

A categoria de previsão denominada *antecipação* ocorre quando o escritor se compromete a apresentar um ato de discurso. Assim, se ele afirma que irá *distinguir* entre um elemento e outro, o leitor se mantém avisado de que deverá obter informações sobre o prometido. A antecipação pode fazer referência a textos lineares, não-lineares ou a ambos e é sempre prospectiva.

Essa categoria de previsão pode ser verificada no exemplo a seguir, em que a *resposta* anunciada é apresentada ao leitor: “O que explicaria as mudanças no discurso do coronel de Caracas? Uma reportagem de VEJA desta semana tem a resposta: a perda de apoio popular” (*Veja online*, 15/06/2008).

A *pergunta* é uma categoria de previsão que se baseia numa suposição subjacente de distanciamento do escritor em relação ao seu discurso. Nesta categoria, o autor prediz que mais adiante revelará seu ponto de vista ou seu conhecimento sobre o assunto antecipado pelo questionamento. Um membro previsor da pergunta deve apresentar uma sintaxe interrogativa.

Em alguns textos, as perguntas podem aparecer como títulos ou subtítulos. Nesses casos ou nas situações em que as perguntas não estão tão destacadas, mas se fazem presentes no interior dos textos, o autor, normalmente, dá preferência por preparar o leitor para receber as respostas que contêm seu

posicionamento/conhecimento sobre as questões apresentadas. Isso é uma tendência, mas há situações em que as respostas aparecem imediatamente depois das perguntas.

Assim, fazendo parte do comportamento alocutivo proposto por Charaudeau (2008), inserimos a antecipação, enumeração e pergunta, que compõem a categoria de previsão.

No modo enunciativo, Charaudeau (2008, p. 104) ainda prevê um comportamento *delocutivo*, quando o locutor apresenta “maneiras de relatar”. Dentre elas, destacamos o discurso citado e o discurso integrado. O discurso citado, ou citação, busca reproduzir o discurso tal como foi enunciado, afirmação que nem sempre é verdadeira. O discurso integrado retoma o discurso de origem e o transforma: o sujeito falante integra parcialmente ao seu dizer o dizer de outrem, o que provoca transformações no enunciado. Para a teoria funcional, o discurso integrado corresponde ao relato.

Tadros (1994, p. 74) baseia-se no pressuposto de que o escritor assume as opiniões e ideias do texto a menos que se afaste das proposições expressas. Para se distanciar das proposições, ele as atribui a outros. Para a autora, essa atribuição é também uma categoria de previsão, pois relatar o que os outros disseram prediz envolvimento, já que o escritor poderá voltar ao texto para tecer considerações sobre o discurso alheio. Para Tadros, a categoria denominada “relato” envolve tanto a “citação” quanto o “relato” da abordagem funcional, por sua vez, correspondentes às denominações tradicionais de “discurso direto” e “discurso indireto”. Charaudeau utiliza os termos “discurso citado” e “discurso integrado” para as mesmas categorias. Em nosso trabalho, daremos preferência aos termos “citação” e “relato”.

Verbos de citação/relato encontrados no *corpus* de Tadros (1994) são os seguintes: adotar, concordar, discutir, afirmar, assumir, embasar, acreditar, reivindicar, considerar, combater, declarar, definir, discordar, desenvolver, enfatizar, enunciar, expor, formular, imaginar, insistir, saber, fazer, modificar, notar, observar, opor, assinalar, propor, provar, apresentar, reconhecer, recomendar, refutar, considerar, reiterar, relacionar, dizer, mostrar, sugerir, sustentar, pensar, tratar.

Enquanto gramaticalmente a maior parte desses verbos pode tomar um complemento em que, outros tomam um complemento de grupo nominal que pode ser seguido por uma oração iniciada por que, por exemplo, "Ele apresentou a ideia

de que"; ainda outros são admitidos no grupo contanto que eles combinem com expressões metadiscursivas como "discutindo um novo tópico" ou "darei outras sugestões".

Para Halliday e Matthiessen (2004), os verbos que podem fazer parte da estrutura de citação/relato (ou seja, os processos que podem projetar orações) são os processos verbais e os mentais. Nas reportagens, as orações verbais permitem ao repórter atribuir informação a outros, incluindo fontes oficiais, especialistas, testemunhas (2004, p. 252). O Quadro 09 apresenta as subdivisões dos processos verbais:

PROCESSOS VERBAIS		
TIPO		EXEMPLOS DE VERBOS
Atividade	Atingir	elogiar, insultar, abusar, caluniar, adular, culpar, criticar, repreender
	Falar	falar, conversar
Semiose	(citação neutra)	Dizer
	Indicar	dizer (a alguém que), relatar, anunciar, notificar, expor, discutir, convencer (que), persuadir (alguém que), prometer (que) perguntar (a alguém se), questionar, inquirir (se)
	Ordenar	dizer (a alguém que faça), pedir (a alguém que faça), ordenar, comandar, requerer, prometer, ameaçar, persuadir (alguém a fazer), convencer (alguém a fazer, rogar, implorar, suplicar)

Quadro 09 – Processos em orações verbais (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 255)

Bloor & Bloor (1995, p. 202) acrescentam à lista de processos verbais o verbo *escrever*, que aparece em nossos textos para análise.

Quanto aos processos mentais, Halliday e Matthiessen (2004, p. 210) os subdividiram em quatro grupos:

- Perceptivos - perceber, sentir; ver, notar, vislumbrar; ouvir, entreouvir;
- Cognitivos - pensar, acreditar, supor, esperar, considerar, saber; entender, compreender, valorizar; imaginar, sonhar, fingir; achar, adivinhar, considerar, conjecturar, hipotetizar; questionar, duvidar; lembrar, esquecer; temer, recear
- Desiderativos - querer, desejar, esperar, almejar, ansiar, pretender, planejar; decidir, resolver, determinar, concordar, acatar, recusar
- Emotivos - gostar, curtir, amar, adorar, detestar, desprezar, odiar, abominar; regozijar, exultar; lamentar, prantear, deplorar; lastimar, temer, recear; apreciar, desfrutar, admirar

Para Caldas-Coulthard (1994, p. 306), os verbos de citação/relato subdividem-se em: a) verbos que reportam a fala; b) verbos descritivos e c) verbos de transcrição, o que pode ser visto no Quadro 10:

I. VERBOS QUE REPORTAM A FALA					
1. Estruturas neutras	⇒ dizer, contar, enunciar, perguntar, responder;				
2. Metaproposicionais	<table border="0"> <tr> <td rowspan="3" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td><i>Assertivos</i> ⇒ observar, explicar, concordar, consentir, aceitar, corrigir, opor-se;</td> </tr> <tr> <td><i>Diretivos</i> ⇒ exigir, instruir, ordenar;</td> </tr> <tr> <td><i>Expressivos</i> ⇒ acusar, resmungar, lamentar, confessar, queixar-se, jurar;</td> </tr> </table>	{	<i>Assertivos</i> ⇒ observar, explicar, concordar, consentir, aceitar, corrigir, opor-se;	<i>Diretivos</i> ⇒ exigir, instruir, ordenar;	<i>Expressivos</i> ⇒ acusar, resmungar, lamentar, confessar, queixar-se, jurar;
{	<i>Assertivos</i> ⇒ observar, explicar, concordar, consentir, aceitar, corrigir, opor-se;				
	<i>Diretivos</i> ⇒ exigir, instruir, ordenar;				
	<i>Expressivos</i> ⇒ acusar, resmungar, lamentar, confessar, queixar-se, jurar;				
3. Metalinguísticos	⇒ narrar, citar, recontar.				
II. VERBOS DESCRITIVOS					
1. Prosódicos	⇒ gritar, entoar, berrar;				
2. Paralinguísticos	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td><i>Qualificador de voz (modo)</i> ⇒ sussurrar, murmurar;</td> </tr> <tr> <td><i>Qualificação de voz (atitude)</i> ⇒ rir, gemer.</td> </tr> </table>	{	<i>Qualificador de voz (modo)</i> ⇒ sussurrar, murmurar;	<i>Qualificação de voz (atitude)</i> ⇒ rir, gemer.	
{	<i>Qualificador de voz (modo)</i> ⇒ sussurrar, murmurar;				
	<i>Qualificação de voz (atitude)</i> ⇒ rir, gemer.				
III. VERBOS DE TRANSCRIÇÃO					
Sinalizadores do discurso	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td><i>Relação a outra parte do discurso</i> ⇒ repetir, ecoar, acrescentar, emendar;</td> </tr> <tr> <td><i>Progresso do discurso</i> ⇒ parar, ir, hesitar, continuar.</td> </tr> </table>	{	<i>Relação a outra parte do discurso</i> ⇒ repetir, ecoar, acrescentar, emendar;	<i>Progresso do discurso</i> ⇒ parar, ir, hesitar, continuar.	
{	<i>Relação a outra parte do discurso</i> ⇒ repetir, ecoar, acrescentar, emendar;				
	<i>Progresso do discurso</i> ⇒ parar, ir, hesitar, continuar.				

Quadro 10 – Verbos de relato (CALDAS-COULTHARD, 1994, p. 306)

Os verbos de dizer são classificados de acordo com sua função em relação à oração projetada. Verbos *neutros* introduzem uma declaração sem explicitamente avaliá-la. Verbos como *dizer*, *perguntar*, *investigar* simplesmente sinalizam o ato ilocucionário – a declaração. Usando estes verbos, o autor só dá ao leitor o significado literal da fala. Eles nomeiam uma suposta situação de fala, clarificam e tornam explícita a força ilocucionária da citação a que eles se referem.

Os verbos *metaproposicionais* rotulam e categorizam a contribuição de um locutor. Verbos como *desejar*, *declarar* ou *resmungar* marcam, por exemplo, um ato diretivo, um assertivo ou uma proposição expressiva.

Outros verbos são *descritivos* em relação à interação representada. Verbos como *gritar*, *sussurrar*, *murmurar* marcam a maneira e a atitude de um locutor em relação ao que está sendo dito.

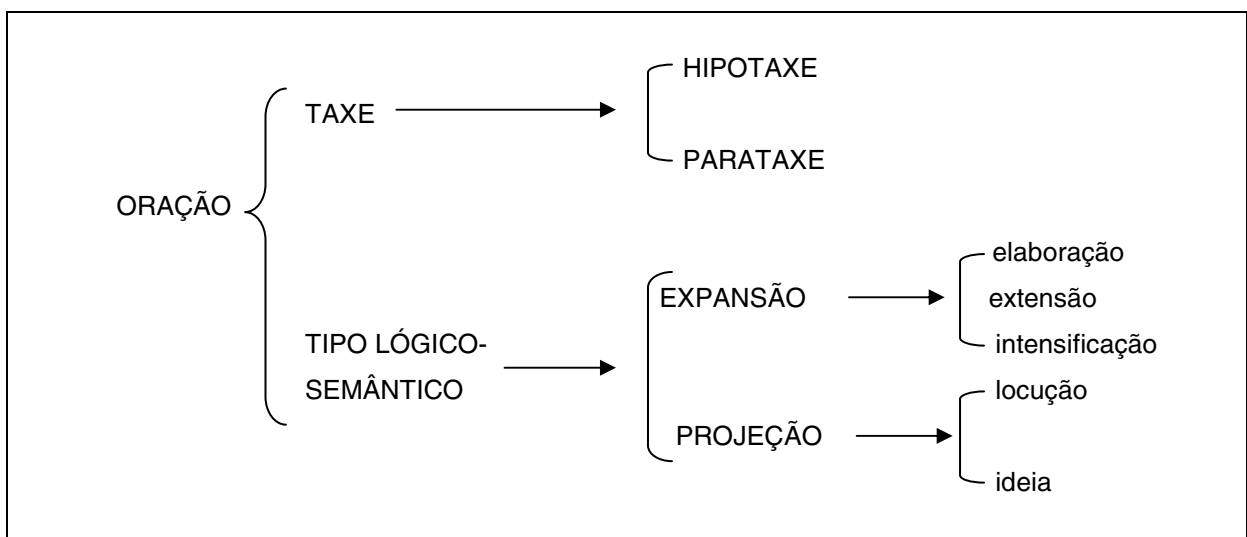
Finalmente, verbos que *signalizam o discurso* não são verbos que reportam a fala, mas muito frequentemente acompanham fala direta. Eles marcam a relação da citação para outras partes do discurso, como *repetir, adicionar*, ou marcam o desenvolvimento do discurso - *pausar, continuar, ir adiante*.

Maingueneau (2001) apresentou outras informações teóricas sobre citações e relatos. Para esse autor, o discurso relatado constitui “uma enunciação sobre outra enunciação” (MAINGUENEAU, 2001, p. 139), porém há uma maneira mais simples de indicar que não é o responsável por um enunciado, bastando indicar que está se apoiando em outro discurso, como ocorre em: “*Para o empresário, o presidente venezuelano...*”; “*Segundo o empresário, Hugo Chávez...*”.

Maingueneau (2001, p. 151), define ainda o uso da citação dentro de uma estrutura de relato, como em: “Chávez declarou que o fechamento da RCTV ‘não é uma medida antidemocrática’”, de *ilha textual* ou *ilha enunciativa*, em que a “ilha” é indicada pelas aspas na estrutura de relato.

Verbos de citação/retrato encontram-se em orações complementadas por outras que especificam as ideias ou os enunciados dos falantes. Essas orações são chamadas, na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), de orações projetadas. As orações projetadas fazem parte do estudo do complexo oracional, e vamos abordá-las a partir de Halliday & Matthiessen (2004) e Bloor & Bloor (1995).

Há dois sistemas básicos que determinam como uma oração é relacionada à outra: o grau de interdependência ou *taxe* e a relação lógico-semântica. Esses sistemas podem ser resumidos no quadro abaixo:



Quadro 11 – Os sistemas do complexo oracional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 373)

Tanto a expansão quanto a projeção podem ser paratáticas ou hipotáticas, ou seja, os sistemas do complexo oracional – taxa e tipo lógico-semântico – se entrecruzam. A expansão pode ser feita por meio da elaboração, extensão ou intensificação; a projeção, por meio de locuções e ideias. As locuções são projetadas por processos verbais; e as ideias, por processos mentais.

Um complexo oracional é formado por meio de relações táticas e é desenvolvido ou construído como uma cadeia, um par de orações de cada vez. Esse par de orações relacionadas por interdependência ou taxa é chamado de *nexo oracional*.

As orações que compõem um nexo são *primárias* e *secundárias*. São primárias as orações iniciais num nexo paratático e as dominantes em um nexo hipotático. São secundárias as orações sequenciais em um nexo paratático e as dependentes em um nexo hipotático, como se observa no seguinte quadro:

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1 (inicial)	2 (sequencial)
HIPOTAXE	α (dominante)	β (dependente)

Quadro 12 - Orações primárias e secundárias em um nexo oracional (H & M, 2004, p.376)

O fragmento a seguir exemplifica uma oração projetada por parataxe:

“Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender”, diz o especialista militar Fernando Sampaio, professor da escola superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre. (Veja, 07/11/2007, p. 94)

<i>“Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender”,</i>	<i>diz o especialista militar Fernando Sampaio, professor da escola superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre.</i>
Oração Projetada	Oração Projetante
1	2

A reprodução da fala do especialista funciona como oração projetada do processo verbal “dizer” presente na oração primária.

O próximo exemplo ilustra uma oração projetada por hipotaxe:

Contou que, depois de deixar a prisão (fora preso como cabeça de um golpe militar fracassado), em 1994, compareceu a uma reunião do Foro de São Paulo, em El Salvador. (Veja, 12/03/2008, p. 43)

<i>Contou</i>	<i>que [...] compareceu a uma reunião do Foro de São Paulo, em El Salvador.</i>
Oração projetante	Oração projetada
α	β

A reprodução da fala de Chávez, através de oração projetada, funciona como oração secundária centrada no processo verbal “contar” presente na oração dominante.

Do ponto de vista das orações como representação, Bloor & Bloor (1995, p.200) rotulam as orações projetadas parataticamente de Dizente e Citado. A primeira oração, independentemente de ser o Dizente ou o Citado, receberá a notação **1**; e a segunda oração, **2**. As barras triplas (III) sinalizam os limites do complexo oracional, e as barras duplas (II) sinalizam a separação entre as orações.

III Ele disse: II “Venham aqui!” III		III “Venham aqui!”, II ele disse. III	
Dizente	Citado	Citado	Dizente
1	2	1	2

Representações de pensamento, ou seja, projeções de ideias através de processos mentais podem ser expressas da mesma forma como a projeção de locuções.

III Eu pensei: II “Este é o fim da estrada para mim”. III	
1	2

Em casos como: “*Guerra,*” *ele disse,* “*é o pai de tudo*”, para indicar que a oração número 1 foi interrompida pela número 2, nós usamos a notação ângulos duplos: 1 <<2>>.

III “Guerra”, << ele disse >>, “é o pai de tudo”. III			
1	<<	2	>>

III Aparentemente, << escreveu Ferreira para Silva >>, ele parece ser uma boa pessoa. III			
1	<<	2	>>

O uso de pronomes pessoais, como em “disse ele” ou “disse ela”, em que o verbo de reportar antecede o Dizente, é pouco usual no inglês moderno, exceto para efeitos de humor. Em português, no entanto, tal informação não é pertinente, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- “Na verdade, não sei cantar nem dançar”, definiu-se ela. (*Veja*, 07/11/2007, p. 147)
- “Não sei por que o público ficou horrorizado. Nós saímos de uma vagina”, ironiza ela. (*Veja*, 07/11/2007, p. 157)
- “Por mais desprezível que isto soe, minha reação inicial foi ficar extraordinariamente satisfeito”, confessa ele, num café em Lahore, no Paquistão, a um desconhecido americano a quem relata sua trajetória recente. (*Veja*, 07/11/2007, p. 163)

Algumas vezes a oração projetada pode aparecer separada de uma possível oração projetante, como, por exemplo, em *Ele baixou sua voz. “Este é o preço que você deve pagar”*. Nesse caso, embora esteja claro identificar Dizente e Citado, como o Citado faz parte de uma oração isolada, não devemos considerar um caso de complexo oracional. Uma paráfrase que tornasse os dois períodos anteriores um complexo oracional poderia ser: *Em voz baixa, ele disse: “Este é o preço que você deve pagar”*.

O relato é considerado um processo hipotático pela GSF. Nesse caso, temos o Dizente e o Reportado, que mantêm uma relação de dependência. A oração que apresenta o Dizente e o verbo de reportar é a oração dominante; a oração que apresenta o elemento reportado é a dependente. Usamos as notações α e β para representar, respectivamente, a oração dominante e a oração dependente:

III Ele disse II que a ignorância da população é uma desgraça. III	
Dizente	Reportado
α	β

Em *Ele diz que a ignorância generalizada é uma desgraça*, o verbo da oração dependente deve se manter no tempo presente, porque o verbo da projeção também está no presente.

No entanto, se o verbo estivesse no passado (*ele disse*), haveria a opção de manter o verbo da oração dependente no tempo presente ou no passado:

Ele disse que a ignorância generalizada é uma desgraça. Ele disse que a ignorância generalizada era uma desgraça.
--

As orações projetadas podem ser finitas e não finitas, chamadas tradicionalmente de desenvolvidas e reduzidas. Os comandos, os pedidos e as promessas, normalmente, expressam-se por orações não finitas:

João te disse para observar os regulamentos. Eu prometi fazer isso. Pedi-lhe para alcançar o dicionário.
--

Nem sempre a projeção hipotática é uma transposição fiel do original. Por exemplo, o último exemplo pode ser o relato tanto de *Alcance-me o dicionário* ou *Poderias me alcançar o dicionário?* Ou seja, poderia ser o relato de uma ordem ou de um pedido.

Esses são os casos de reprodução da fala de terceiros que destacamos para fazer parte de nosso trabalho. Durante o processo de análise dos textos, observaremos de que forma os repórteres utilizam esses discursos para dar maior sustentação ao ponto de vista que defendem na reportagem.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Para analisar os textos do corpus, visualizamos a seguinte figura:

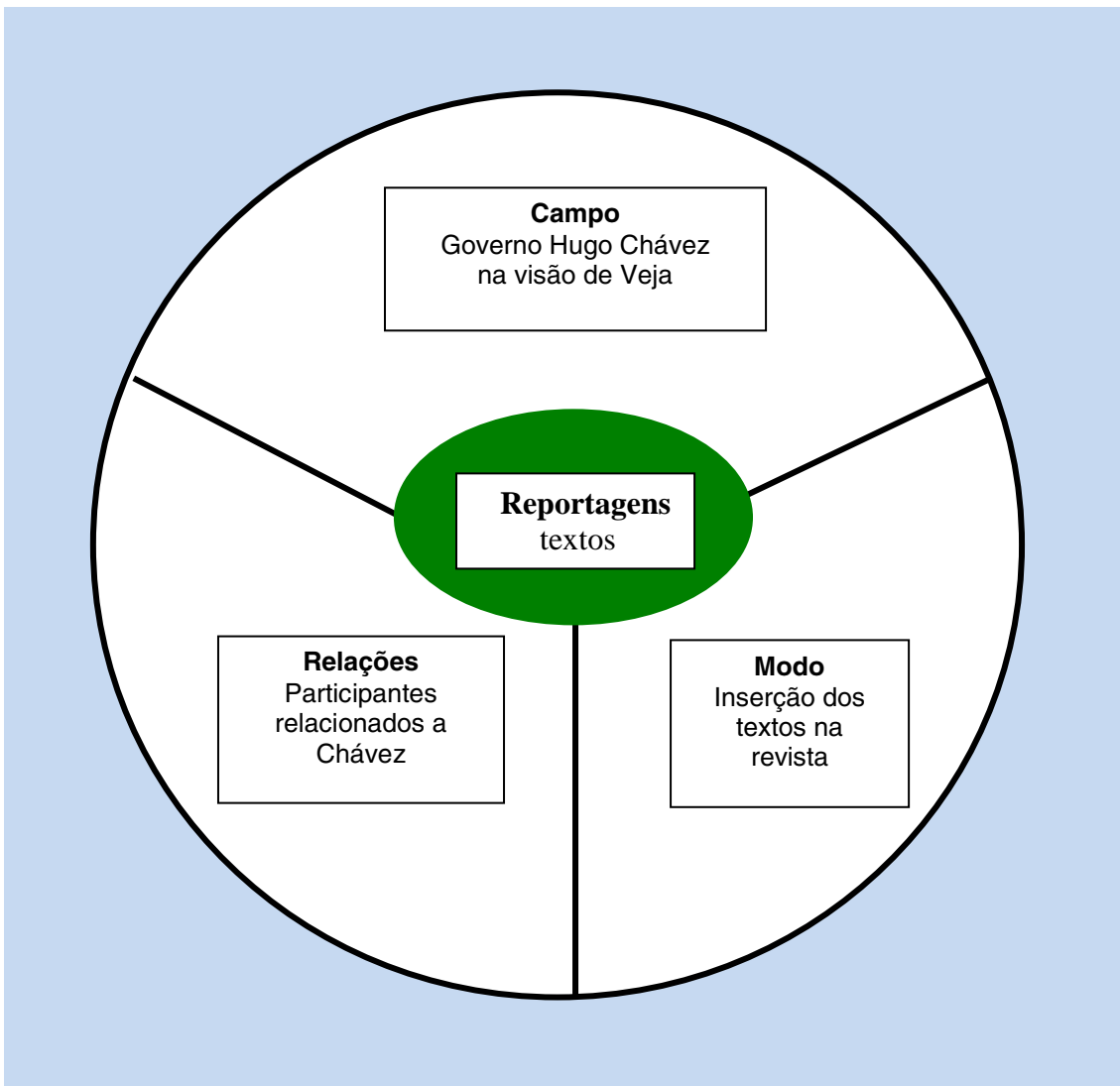


Figura 01 – A reportagem e suas variáveis

Considerando que o texto é um produto de seu meio, um produto de um processo contínuo de escolhas representadas por meio do sistema linguístico, dividiremos a análise das reportagens em três fases:

I – Análise do contexto das reportagens

A análise do contexto remete aos fatores situacionais que cercam a organização material dos textos *À sombra de El supremo*, de Diogo Schelp (*Veja*, 07/11/2007), que chamaremos de *reportagem 1* e *Por que Chávez quer a guerra*, de Thomaz Favaro, *O lado B da diplomacia*, de Juliana Linhares e *Sob o domínio das Farc*, de Duda Teixeira (*Veja*, 12/03/2008), que chamaremos de *reportagem 2* (e foi, como se verifica pelos títulos, subdividida em três partes).

Para esta fase, temos a seguinte figura:

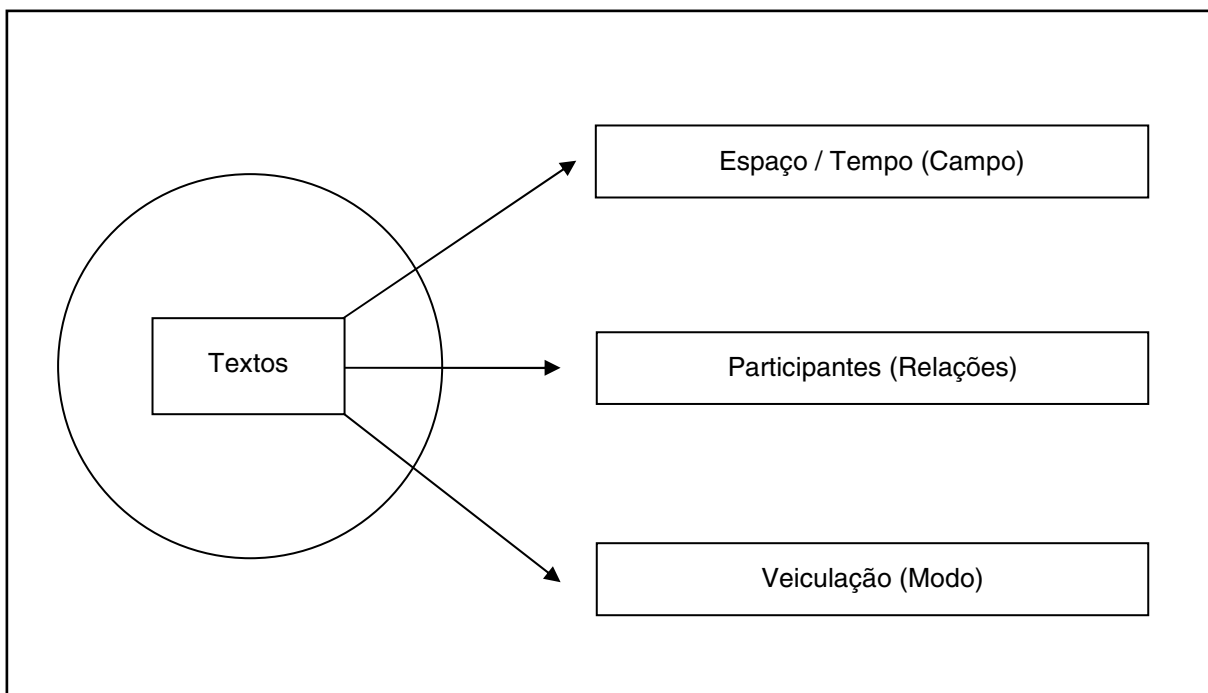


Figura 02 – Análise contextual

Quanto ao **campo** e **relações**, serão pesquisadas:

- Situação no espaço: Como são representadas as inter-relações entre os espaços latino-americanos, tendo a Venezuela de Chávez como foco?
- Situação no tempo: A descrição temporal limita-se à fase atual ou há retrospectivas na linha do tempo?
- Instituições e classes sociais: Como é vista a presidência em relação às classes sociais da Venezuela?

- Relações entre os participantes: Que representações são feitas dos personagens que interagem na cena latino-americana?

Em relação ao **modo**, a análise se concentrará, nesta etapa, no veículo de transmissão da reportagem, apresentando dados sobre a revista *Veja* e a forma como as reportagens se inserem nas duas edições selecionadas. Como focalizaremos, na segunda etapa, as formas de organização interna das reportagens, trataremos aqui de aspectos não-verbais que apontam para as especificidades da representação do governo chavista apresentada pelos repórteres que fazem parte da revista.

II – Análise textual das reportagens

Para efetuar a análise dos textos, partimos da tese enunciada já no subtítulo da primeira reportagem: O regime de Hugo Chávez, na Venezuela, é autoritário e personalista.

À sombra de *El Supremo*

Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela. Em Caracas, VEJA ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela ditadura do "socialismo do século XXI"

Diogo Schelp, *de Caracas*

Como a tese está explícita, examinaremos especialmente as marcas narrativas, enunciativas e descritivas que contribuem para sua comprovação.

Quanto ao modo narrativo, a partir das menções de datas no texto, será traçada uma linha temporal desde a tomada do poder até o momento atual. Por exemplo, o início da trajetória chavista foi especificada no tempo (“foi eleito pela primeira vez, em 1998”). Menções temporais serão destacadas e sua contribuição à defesa da tese será analisada.

Assim, 1998 é o ponto de partida, mas encontramos, por exemplo, menções relativas

- ao ano de “1992” – data do golpe liderado por Chávez;

- aos “últimos oito anos” – período em que o governo chavista passou por três fases;
- ao “mês passado” (outubro de 2007) – marca de tempo que sinaliza a proibição de uma apresentação do cantor que criticou o governo da Venezuela;
- à data atual, “agora” (novembro de 2007) – localização temporal relativa à aprovação do mandato presidencial poder se tornar vitalício.

Tendo por base o modo descritivo, utilizaremos as categorias da nomeação e qualificação para especificar as características de Chávez e de seu governo que convergem para a sustentação da proposta inicial.

Através do modo enunciativo, serão analisados os itens de Previsão, que mostram a interação dos repórteres com os seus leitores. O escritor questiona o interlocutor, antecipa e enumera informações que devem ser interpretadas e apresenta relatos de diversas formas, comprometendo-se ou afastando-se das opiniões veiculadas na reportagem.

Assim, a figura relacionada com a segunda fase apresenta as seguintes características:

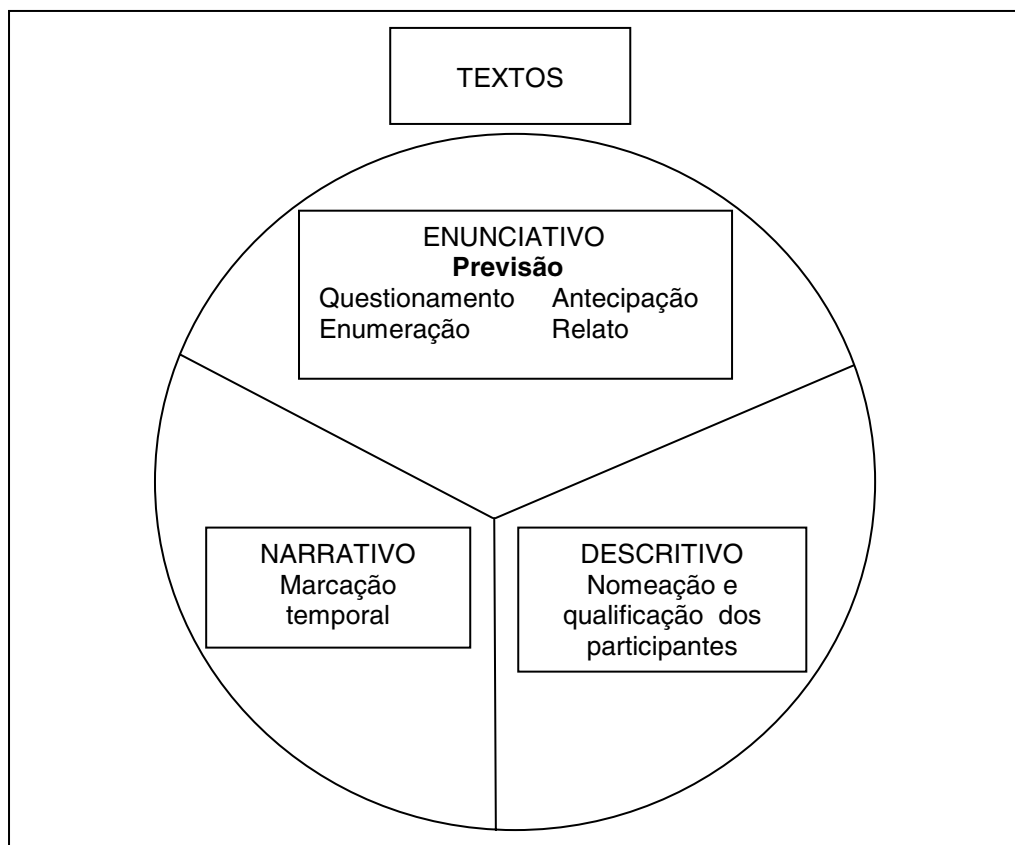


Figura 03 – Análise textual

III – Avaliação das ferramentas de análise

As considerações finais trazem reflexões sobre o material utilizado na análise dos textos. Por meio delas será possível mostrar se as perguntas de pesquisa levantadas no início deste trabalho foram respondidas com eficiência por meio da teoria utilizada.

Pretendemos, então, verificar:

- De que forma se constrói uma representação social através de meios de comunicação como uma revista semanal de circulação nacional?
- A teoria proposta para o estudo é eficiente para o tipo de análise pretendida?

Independentemente do resultado a que chegaremos, acreditamos que a discussão sobre os problemas encontrados na aplicação dos conceitos será inevitável.

CAPÍTULO III – ANÁLISE CONTEXTUAL

O objetivo deste capítulo é discutir as variáveis contextuais com base em Halliday (1989) – campo, relações e modo, dando informações sobre o meio técnico de transmissão das reportagens que fazem parte do corpus, a revista *Veja*, e apresentando dados sobre governos latino-americanos e participantes presentes nos textos, como o presidente da Venezuela e seus companheiros. Por meio dessas análises, pretendemos chegar a uma interpretação viável das representações que a revista ajuda a criar na sociedade.

3.1 A revista *Veja*

Em conformidade com o quadro apresentado na seção anterior, vamos procurar reunir alguns elementos contextuais importantes para a análise da representação do presidente Hugo Chávez na revista *Veja*, uma revista de informação publicada semanalmente e, segundo informações apresentadas em seu site (<http://vejaonline.abril.com.br>), “a quarta maior revista semanal de informação do mundo, sendo superada apenas pelas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*”.

A tiragem semanal (média) é de 1.200.000 exemplares, e o número de leitores estimado pela revista é de seis leitores por exemplar, perfazendo o total de 7.000.000 de leitores.

Também segundo as informações da própria revista, ela está subdividida em editorias: *Carta ao leitor*, seu editorial semanal; *Brasil*, que faz basicamente a cobertura das atividades políticas; *Internacional*, que trata de assuntos referentes à política mundial e a assuntos internos de outros países; *Economia e Negócios*; *Artes e Espetáculos*, que cobre Cinema, Televisão, Literatura, Teatro, Exposições etc; *Geral*, que trata de Ciência e Tecnologia, Ambiente, Educação, Saúde, Religião, Estilo, Moda, Comportamento etc. Há seções como *Radar*, com notas exclusivas sobre muitos assuntos; *Veja essa*, onde figuram as frases mais marcantes e

inusitadas da semana; *Gente*, com notas da sociedade; *Datas*; *Cartas*, um espaço almejado para o leitor expressar sua opinião sobre as reportagens/assuntos da semana; outras seções de notas, como *Holofote e Contexto*; e o *Guia*, de prestação de serviços/utilidades.

O gênero reportagem encontra-se, portanto, em algumas seções da revista tais como Geral, Internacional e Brasil.

Para a revista, seus leitores são “inteligentes e exigentes, com alto poder aquisitivo, ótimo nível cultural e perfil ideal para consumir marcas de qualidade”:

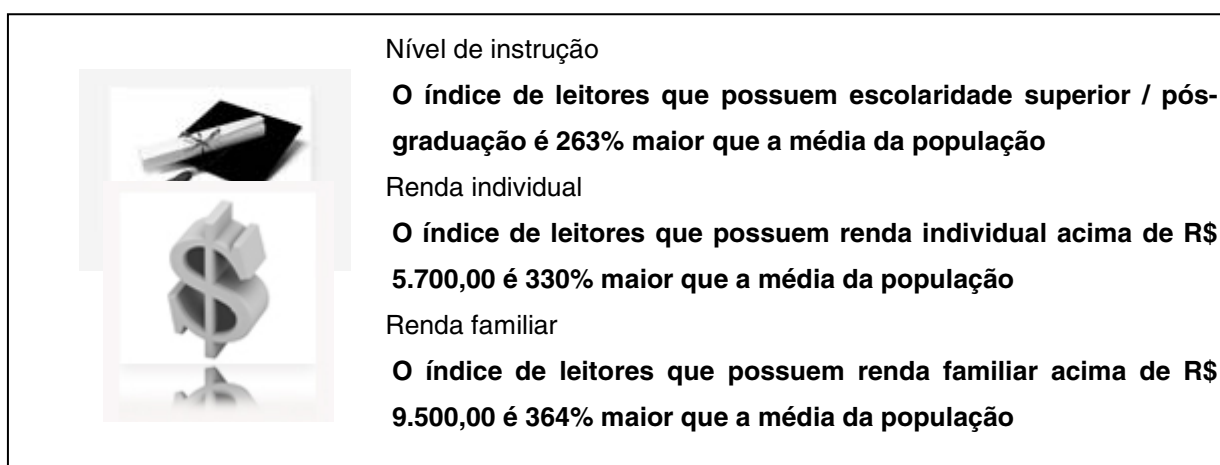


Figura 04 – Perfil do Leitor (nível de instrução e renda)
(http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_perfil_perfildoleitor.shtml)

Ainda em relação aos leitores, a própria revista possui um levantamento da classe social a que pertencem, da faixa etária, do sexo e do estado civil, como pode ser verificado através da figura abaixo:

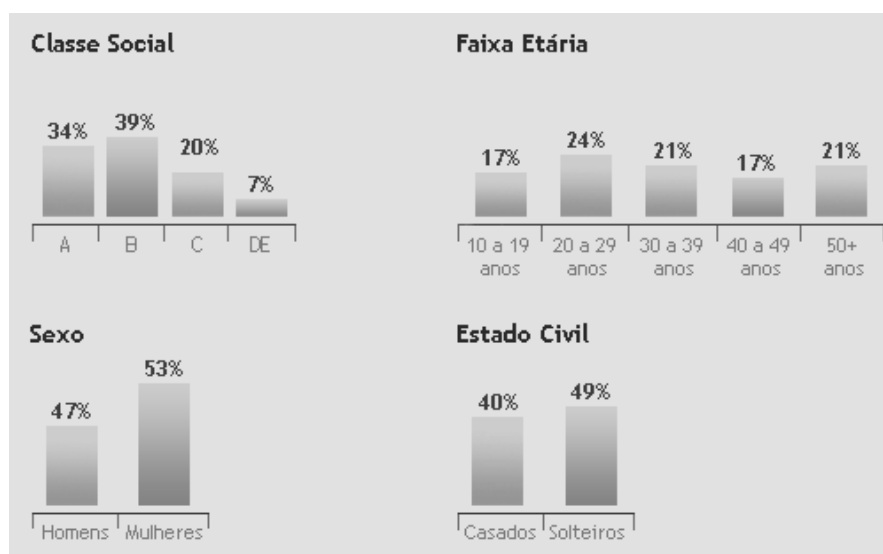


Figura 05 – Perfil do Leitor (classe social, sexo, faixa etária, estado civil)
(http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_perfil_perfildoleitor.shtml)

Há um grande número desses leitores que enviam correspondências à revista, cerca de oito mil por mês. Os e-mails correspondem a 92,5% do total de correspondências; as cartas correspondem a 5% do total; e os faxes, a 2,5% do total.

Quanto à reportagem, a revista afirma utilizar a definição do dicionário Aurélio. Em seu site, reproduzindo essa definição, diz que

a reportagem é uma atividade jornalística que compreende a cobertura de um acontecimento, a análise e a preparação do texto final a ser entregue ao(s) editor(es) da redação. A reportagem pretende esgotar o acontecimento, suas causas e consequências, e estimular debate sobre o mesmo. A reportagem de capa, normalmente, trata do assunto considerado mais relevante pela direção da redação, durante a produção do exemplar em questão. (<http://veja.abril.com.br>)

Duas observações, neste momento, fazem-se pertinentes: a concepção da revista *Veja* a respeito do que é uma reportagem está de acordo com as definições que a diferenciam da notícia, como já destacamos na seção 1.2 deste trabalho; e a segunda observação se refere às escolhas da direção de redação. Toda escolha que é colocada em destaque por uma revista ou qualquer outro meio de comunicação acarreta maior influência no leitor do que os fatos que não são destacados ou, até mesmo, são omitidos. Isso certamente contribui para a formação de uma sociedade pensante e para a construção das representações sociais. Como afirma Melo:

A expressão opinativa também ocorre através do mecanismo de projeção ou redução das unidades redacionais. Uma matéria que aparece na primeira página de um jornal ou tem chamada na capa de uma revista, ou ainda merece um flash na apresentação dos radiojornais ou telejornais, sem dúvida provoca maior impacto. E exerce maior influência. (MELO, 1994, p.84)

Essa afirmação tem, em nosso trabalho, uma grande justificativa, já que as reportagens escolhidas para serem aqui analisadas causaram impacto por sua forma de apresentação. As duas foram apresentadas na capa da revista de forma bastante chamativa e instigante e, conseqüentemente, tornaram-se nosso corpus.

A concepção do presidente Chávez criada pela revista através de formas linguísticas é o que buscamos investigar nesta análise. Assim, vamos analisar as escolhas feitas pelos repórteres, as quais estabeleceram uma imagem negativa desse presidente.

3.2 Relações entre governos latino-americanos

Apresentamos aqui não só informações sobre o presidente Hugo Chávez, mas também informações referentes a personalidades que interagem com ele. Entre elas estão: o presidente da Bolívia, Evo Morales; o presidente do Equador, Rafael Correa, e o ex-comandante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, “Tirofijo”.

As informações abaixo foram retiradas de uma enciclopédia eletrônica – *Wikipédia* – também conhecida como enciclopédia livre, em que qualquer pessoa pode inserir e alterar conteúdos na condição de respeitar as normas de conduta e de direitos autorais. A escolha por essa enciclopédia se deve ao nosso propósito de trabalhar com as representações que circulam na sociedade a respeito do participante Chávez e de seus companheiros.

3.2.1 Hugo Chávez

Graduado tenente-coronel pela Academia Militar da Venezuela, comandou um golpe de Estado contra o presidente Carlos André Pérez em 4 de fevereiro de 1992. Embora esse golpe tenha fracassado, Hugo Chávez passou a ser conhecido nacionalmente, ficou preso por dois anos e depois passou a se dedicar à vida política.

O agravamento da crise social presente há anos na Venezuela e o crescente descrédito nas instituições políticas tradicionais favoreceram Chávez que foi eleito presidente nas eleições de 1998. Inicialmente, o mandato previsto era de cinco anos, mas Chávez propôs uma nova constituinte e, em razão disso, foram realizadas novas eleições presidenciais, nas quais ele foi reeleito. Em novembro de 2000, a Assembleia Nacional aprovou uma lei por meio da qual o presidente poderia governar durante um ano sem necessitar da Assembleia para aprovar leis.

No período de 2001 a 2002, uma série de greves de trabalhadores começou a mostrar descontentamento com as leis aprovadas pelo presidente. No dia 11 de abril de 2002, um grupo de manifestantes marchou até o palácio presidencial para pedir a demissão de Chávez, mesmo local em que se encontrava uma contramanifestação de apoio ao presidente. Quinze pessoas morreram e mais de cem ficaram feridas devido ao confronto.

Chávez proíbe os canais de televisão privada de emitirem notícias sobre o confronto diretamente, e as altas patentes militares pedem a demissão do presidente.

Em 12 de abril de 2002, o chefe das Forças Armadas anunciou que Chávez tinha se demitido e que o presidente da *Federación de Cámaras, de Comercio y Producción* – Pedro Carmona - havia assumido a presidência, porém Hugo Chávez negou que tivesse renunciado ao poder.

Carmona dissolveu a Assembleia, atribuiu-se poderes extraordinários e declarou que no prazo de um ano se celebrariam novas eleições. Os adeptos do governo Chávez reagiram e organizaram um contragolpe e o vice-presidente de Chávez assumiu a liderança temporária do país. Chávez, que estava preso, foi libertado e regressou a Caracas onde foi recebido por uma multidão que gritava: "*Chávez, Chávez ..*", "*Chávez te queremos*".

Em 4 de junho de 2002, a *Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos* aprovou uma *Declaração Sobre a Democracia na Venezuela*, condenando o golpe de estado ocorrido em 11 de abril daquele ano. Em outubro, uma greve paralisou o país durante 9 semanas.

No final de novembro de 2003, a *Coordinadora Democrática* (uma coligação contra o governo chavista) organizou uma recolha de assinaturas cujo objetivo era convocar uma consulta na qual os venezuelos se pronunciariam sobre a permanência ou não de Hugo Chávez no poder. Pelo resultado das assinaturas, 58.25% dos votantes apoiaram a permanência de Chávez na presidência até o fim do mandato.

Em 2006, Chávez foi reeleito com 62.9% dos votos. Em 2007, sem oposição no Congresso (a oposição boicotou as últimas eleições legislativas), o presidente ganhou amplos poderes para governar durante 18 meses.

Em 2 de dezembro de 2007, a reforma da constituição proposta por Chávez foi submetida ao veredicto do povo da Venezuela, por meio de um plebiscito. Os venezuelanos rejeitaram todas as emendas propostas por Chávez. Algumas delas foram:

- **Reeleição ilimitada:** não haverá mais limites quanto ao número de vezes que um presidente pode reeleger-se, e o mandato do ocupante do cargo será aumentado de seis para sete anos;
- **Redução da jornada de trabalho:** diminui-se de oito para seis horas a jornada diária, ou para 36 horas a jornada semanal. Já a jornada de trabalho no período noturno não poderá superar as seis horas diárias, ou 34 horas por semana;

- Controle presidencial: elimina-se a autonomia do Banco Central da Venezuela e confere-se ao presidente da República o controle sobre a política monetária e as reservas internacionais;
- Interesses comuns acima dos interesses individuais: o Estado fornecerá condições para a construção de uma economia socialista. Desaparece o incentivo à iniciativa privada contemplado na Carta Magna atual;
- Seguridade social: incluem-se os trabalhadores autônomos, as donas de casa e os motoristas do transporte público no sistema de seguridade social;
- Regime socioeconômico: substituem-se os princípios do regime socioeconômico atual, de justiça social, democracia, livre concorrência e produtividade, por princípios socialistas, antiimperialistas, humanistas e de cooperação;
- Criação por decreto: o presidente pode criar por decreto cidades comunais, Províncias federais, cidades federais e distritos funcionais, além de poder apontar seus dirigentes;
- Vice-presidências: o presidente poderá escolher à vontade o primeiro vice-presidente e os demais vice-presidentes;
- Criação e supressão de territórios: o presidente tem entre suas atribuições ordenar e administrar o território nacional, assim como criar ou suprimir Províncias, territórios administrativos, cidades, municípios e distritos funcionais;
- Restrição dos direitos: restringe-se o direito à informação e suspendem-se alguns dos aspectos ligados ao devido processo legal;
- Aprovação: elimina o pré-requisito de que o decreto do estado de exceção seja revisto pelo Tribunal Supremo de Justiça e que cumpra as diretrizes da Convenção Americana sobre Direitos Humanos e o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos.

Dentre as causas da derrota de Chavez, citam-se a não renovação da concessão da RCTV (*Radio Caracas Televisión*), o aparecimento do movimento estudantil - em reação à saída do ar da RCTV - que assumiu o posicionamento contra a reforma constitucional e, finalmente, já bem perto do dia do plebiscito, a exortação pública feita pelo general Raúl Baduel que, sendo uma figura emblemática do chavismo, convocou os venezuelanos a votar "*Não*".

Quanto ao desempenho econômico no governo Chávez, de acordo com o *CIA World Factbook*, a economia venezuelana tem crescido a taxas recordes desde que o golpe de estado contra Chávez foi derrotado. O PIB cresceu 18% em 2004. A inflação recuou para menos de 10% (antes desse período chegou a atingir picos de 30% ao ano) e ficou estimada em 13.7% em 2006. O número de cidadãos abaixo da linha da pobreza no país caiu de 49.9% em 1999 para 37.1% em 2005 e houve um aumento de 150% do poder aquisitivo das classes D e E no mesmo período.

O petróleo, maior riqueza do país, é responsável por 50% da arrecadação tributária da Venezuela. Ele responde por 90% das exportações do país.

3.2.2 Tirofijo (Manuel Marulanda Vélez)

Manuel Marulanda Vélez, codinome de Pedro Antonio Marin, foi o fundador e comandante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e ficou conhecido como Tirofijo (“tiro certo”) pela precisão dos disparos.

As Farc são uma organização de inspiração comunista que utiliza métodos terroristas de táticas de guerrilha e que luta pela implantação do socialismo na Colômbia. O governo colombiano a classifica como organização terrorista. Já o presidente Hugo Chávez, em janeiro de 2008, apelou à Colômbia e a outros países para que reconhecessem as Farc como forças beligerantes, argumentando que assim estariam obrigadas a renunciar aos sequestros e atos de terror. Porém,

EUA e UE avisam: Farc é terrorista

A campanha do ditador da Venezuela, Hugo Chávez, para dar legitimidade política às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) fracassou. Na segunda-feira, os Estados Unidos e a União Européia rejeitaram a sugestão de Chávez de tirar das Farc o status de grupo terrorista, reclassificando a facção como movimento político. Como as Farc continuam sequestrando inocentes e combatendo o estado colombiano, continuarão sendo tratadas como terroristas.

Fonte: *Veja online*, 15 de janeiro de 2008.

As Farc estão presentes em quase 20% do território da Colômbia e estão envolvidas na maior parte do refino e distribuição de cocaína do país. Estima-se que tenham de seis a oito mil membros. Nos últimos dez anos, foram responsáveis pelo sequestro de seis mil pessoas.

Tirofijo, o comandante das Farc, morreu em 26 de março de 2008, de um ataque cardíaco, em um lugar desconhecido. Sua morte só foi divulgada dois meses depois.

3.2.3 Juan Evo Morales Ayma

Juan Evo Morales Ayma gostaria de ter estudado e se tornado jornalista, porém terminou a educação secundária e chamou a sua educação posterior de universidade da vida. Atualmente é presidente da Bolívia e líder do movimento esquerdista bolivariano *cocalero*, federação de agricultores que cultivam coca a fim de preservar o costume milenar de mascar as folhas da planta. O presidente propõe que seja resolvido o problema do consumo da cocaína, mas não que seja impedido seu cultivo.

Como líder dos cocaleros, Evo Morales elegeu-se membro do Congresso em 1997. Em 2002, foi destituído de sua posição em função de uma acusação de terrorismo, mas, mesmo assim, candidatou-se para as eleições presidenciais. Ficou em segundo lugar, porém voltou a disputar a presidência da Bolívia em 2005 e saiu vencedor com 53,74% dos votos.

Nos primeiros discursos, Morales defendeu a nacionalização dos hidrocarbonetos, cuja propriedade é das petrolíferas transnacionais, principalmente a Petrobras. Ele também propôs uma nova lei para que 50% do faturamento seja da Bolívia.

Para Evo Morales, o pior inimigo da humanidade é o capitalismo. Isso justifica o fato de ser admirador de Fidel Castro pela oposição feita à política norte-americana.

Abaixo, temos alguns fragmentos em que Evo Morales é mencionado. Através deles, podemos perceber de que forma a revista *Veja* o apresenta para seus leitores:

Guerra civil - A crise social em que mergulhou a Bolívia nos últimos dias, além de ameaçar o abastecimento de gás para o Brasil, pode muito em breve se transformar numa guerra civil. É o que constata uma reportagem da edição desta semana de VEJA, que enviou dois repórteres ao país vizinho. Lá, a revista pôde observar que a política deletéria do presidente Evo Morales produziu um país dilacerado, em que cinco dos nove departamentos simplesmente ignoram as ordens vindas da capital, La Paz. Nas últimas duas semanas, os bloqueios de estradas e as manifestações oposicionistas deixaram o país à beira do caos. Entenda o conflito na Bolívia e quais são as consequências para o Brasil na **íntegra da reportagem** (exclusiva para assinantes).

Fonte: *Veja online*, 14/09/2008.

O líder cocaleiro faz chantagem. Gás é a munição em La Paz
Estatização, ameaças contra companhias estrangeiras, pressão sobre os vizinhos – o jogo duvidoso de Evo Morales para levar vantagem e pagar sua ‘revolução popular’.

Fonte: *Veja on line*, 08/01/2008.

Em *Veja online*, o colunista Reinaldo Azevedo, em seu Blog, em 21 de maio de 2009, assim se referiu a Evo Morales: “Índio de araque rumo à ditadura”. Como

se vê, a representação dos participantes latino-americanos que se encontra na revista *Veja* pode ser bem negativa.

3.2.4 Rafael Vicente Correa Delgado

Rafael Correa é economista político e o atual presidente do Equador. Tomou posse em janeiro de 2007 para um mandato de quatro anos e propôs uma postura nacionalista, oposta ao FMI e ao Banco Mundial. O presidente pretende renegociar a dívida externa, rever contratos petrolíferos, reduzir a influência do judiciário e obrigar os deputados a viverem nos distritos que representam. Correa é contrário à assinatura do tratado de livre-comércio com os EUA e já manifestou publicamente, várias vezes, sua admiração por Hugo Chávez.

O presidente do Equador é assim retratado por *Veja*:

Novato da turma não quer negociar. E vai escrever a própria lei

Eleito prometendo quebra dos contratos e atacando imperialismo yanque, Correa vai lutar por Constituinte. Seus partidários já invadiram Parlamento para ameaçar rivais.

Fonte: *Veja online*, 08/01/2008.

Bogotá ignora Chávez e aponta elo Equador-Farc

A firmeza do governo colombiano em reafirmar sua posição diante de seus vizinhos que apoiam os terroristas é uma resposta direta a Correa, que no domingo determinou a "expulsão imediata" do embaixador da Colômbia em Quito. Mesmo acusando a Colômbia de ter invadido território equatoriano - o que Bogotá admitiu ter feito, junto de um pedido de desculpas oficial - Correa só expulsou o embaixador da Colômbia depois de seu colega Chávez ter feito o mesmo.

Fonte: *Veja online*, 03/03/2008.

3. 3 Variáveis contextuais nas reportagens

Nesta parte de nosso trabalho, buscamos estabelecer a relação entre os participantes presentes nos textos de nosso *corpus* e verificar em que lugar a linguagem atua como componente especial.

3.3.1 Análise da primeira reportagem

A capa da primeira reportagem (Anexo C), de 07/11/2007, apresenta uma imagem e uma chamada verbal em destaque sobre um fundo branco. No centro da

capa, há uma grande boina vermelha, similar à usada por Hugo Chávez, e abaixo dela a chamada:

CHÁVEZ

À SOMBRA DO DITADOR

Como o desvario ideológico chavista abala a vida dos venezuelanos

A cor branca no fundo da capa, cor que normalmente caracteriza a paz, pode ser entendida, num primeiro momento, como algo almejado pelo presidente da Venezuela. No entanto a chamada jornalística abaixo da boina desfaz essa impressão inicial ao mostrar que, por trás da aparente boa intenção do presidente, encontra-se um ditador, o que é inadmissível em um regime político democrático.

O presidente, na capa, está representado, metonimicamente, pela boina que encobre parcialmente o nome Chávez. Esta imagem nos permite reforçar a ideia de que o presidente não parece ser o que verdadeiramente é; e, portanto, também não parece ser uma pessoa confiável.

A chamada ainda antecede o conteúdo da reportagem ao afirmar que os próprios venezuelanos estão sendo abalados pelo desvario ideológico de Chávez, ou seja, a revista o apresenta como indigno de exercer o cargo que lhe é devido ao tratá-lo como um louco, como alguém que possui ideias incompatíveis de serem colocadas em prática e prejudica a vida de seus próprios conterrâneos.

No interior da revista, a reportagem anunciada na capa recebe o título “À sombra de ‘el supremo’”. Essa reportagem envolve, basicamente, os seguintes participantes: os leitores de *Veja*; o presidente da Venezuela, Hugo Chávez; os venezuelanos de modo geral; dez venezuelanos que, de acordo com a revista, tiveram suas vidas transformadas pelo autoritarismo do governo venezuelano; a iniciativa privada do país; a nova constituição; as Forças Armadas e demais instituições públicas; estudiosos políticos. O assunto que envolve esses participantes e desencadeou a reportagem são as atitudes do presidente venezuelano para a centralização do poder na Venezuela.

O fato de classificarmos os leitores de *Veja* como participantes se deve à forma como o discurso foi organizado para anunciar os depoimentos dos dez venezuelanos sobre o governo chavista: “Nas páginas seguintes estão as histórias de dez venezuelanos cuja vida foi transformada pelo chavismo” (*Veja*, 07/11/07,

p. 88), que se assemelha a um convite aos leitores; e, também, devido à interpelação direta através do imperativo em: “veja entrevista na pág. 100” (*Veja*, 07/11/07, p. 88).

O subtítulo da reportagem anuncia com exatidão como a revista abordará o assunto: “Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela. Em Caracas, VEJA ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela ditadura do ‘socialismo do século XXI’”. Além disso, no início da reportagem, há uma legenda da imagem do presidente em um palanque, discursando, que reforça a visão negativa que a revista vai criando sobre ele no decorrer da leitura: “Chávez faz comício em Caracas: ele transformou em feriado nacional a data do golpe militar fracassado que liderou em 1992”. Essa visão negativa ocorre pelo fato de que o presidente homenageia a si mesmo, ressalta suas atitudes e conseqüentemente acaba cultuando a sua imagem, o que a reportagem aponta como um dos elementos de um regime autoritário personalista.

As relações estabelecidas entre o presidente e esses participantes já apresentados vão sendo mostradas no decorrer do texto. Inicialmente, os próprios leitores são convidados a participar de uma reflexão sobre a ditadura, já que a revista aponta como bom exemplo desse regime governamental a leitura dos depoimentos dos dez venezuelanos entrevistados por *Veja*. Pelo início da reportagem, então, já podemos observar que há interesse, por parte da revista, em criar a ideia de que a democracia na Venezuela não existe mais.

Também no início da reportagem, é estabelecida a relação com o título, mostrando-se para o leitor que “Eu O Supremo” é uma obra em que o personagem principal é José Gaspar Rodríguez de Francia, definido por *Veja* como ditador perpétuo do Paraguai no século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano. A intertextualidade é usada para caracterizar Chávez como ditador.

O presidente também é definido como um coronel que centraliza o poder em suas mãos, desrespeitando o direito de propriedade, comandando tanto instituições públicas como privadas. Até o apoio popular é comprado. A relação estabelecida com a população, dessa forma, é feita por vias escusas, com a compra do apoio popular por meio de projetos assistencialistas com a renda adquirida por meio da venda de petróleo, que é controlada pessoalmente por Chávez.

A ideia proclamada pelos chavistas de que o presidente possui o apoio da maioria dos venezuelanos, segundo a *Veja*, é um mito. Para defender esse posicionamento, utiliza uma pesquisa realizada pela Universidade Central da Venezuela que afirma ser pessoal a identificação de grande parcela da população com o presidente, e não política.

Na reportagem, associam-se os princípios de um regime autoritário personalista com as atitudes de Chávez. O primeiro princípio é o de que o governante é insubstituível, único capaz de liderar a nação para um futuro melhor, o que se torna muito perigoso pelo fato do poder alcançar limites sem fronteiras. A revista traz uma situação para exemplificar este princípio na Venezuela: a proibição de uma apresentação do cantor Alejandro Sanz em Caracas porque havia criticado o governo Chávez.

O segundo princípio é que o governante deve respaldar sua força política por meio do controle das Forças Armadas ou de milícias de civis armados, o que Chávez já possui. No entanto, segundo um especialista em assuntos militares, autoridade apresentada pela revista, como Chávez não possui inimigos externos, é possível que esteja se armando para se proteger do seu próprio povo quando este se cansar dele. Esse argumento justifica a posição da revista anunciada já no primeiro parágrafo da reportagem: “o regime que o presidente Hugo Chávez está construindo na Venezuela não apenas é autoritário como se propõe a criar uma nação à imagem e semelhança de seu governante”.

O terceiro princípio é a destruição do estado de direito. Todas as instituições públicas devem-se submeter às vontades de quem governa: “Na Venezuela, além dos deputados, os juízes, as autoridades eleitorais e até os promotores públicos obedecem às ordens de Chávez”.

Finalmente, o quarto princípio é o culto à imagem do líder. Na Venezuela, isso se verifica por meio do rosto de Chávez estampado em murais, painéis gigantes, laterais de ônibus, por meio da grande quantidade de pronunciamentos à população e por meio da apresentação de si mesmo como um herdeiro histórico de Simon Bolívar para a construção de uma grande nação sul-americana.

Após fazer conclusões pessimistas sobre a liderança descontrolada de Chávez, a revista faz um comentário sobre o reflexo das atitudes do presidente para a economia da Venezuela. Nesse mesmo comentário são usados exemplos para

mostrar como isso atinge negativamente a população com a falta de produtos básicos.

Em relação aos depoimentos dos 10 venezuelanos, apenas 2 defendem o governo de Hugo Chávez. No primeiro, intitulado “Os servos fiéis da revolução”, um estudante de direito defende um programa de governo chamado universidade bolivariana. Porém a revista afirma que o objetivo desse programa é formar a próxima geração de líderes chavistas. Sendo assim, tal depoimento funciona de forma a sustentar o posicionamento negativo que a revista apresenta sobre o presidente. No segundo, intitulado “O empresário amigo vai bem, obrigado”, Majed Khalil (o empresário amigo) afirma ser falsa a afirmação de que o governo está contra os empresários. De acordo com ele, as regras do jogo são claras.

Os outros oito depoimentos mostram:

- uma atriz demitida por protestar contra a reforma constitucional proposta por Chávez (*A atriz de novelas ousou protestar...*);
- um empresário obrigado a deixar a própria empresa por ter apoiado a greve geral que quase levou à queda de Hugo Chávez (*Expulso da própria empresa*);
- uma estudante impedida de trabalhar no governo e ganhar bolsa de iniciação científica porque o pai está “na lista negra de Chávez” (*O pai faz greve, a filha é punida*);
- um empresário que relata as dificuldades de manter a empresa com os preços congelados pelo governo (*No mundo de faz-de-conta do congelamento*);
- um diretor de uma escola obrigada a se adequar ao Sistema Educativo Bolivariano (*Educação fora do Tom*);
- uma engenheira demitida da empresa por se negar a fazer parte das manifestações a favor de Chávez (*No serviço público, só de camisa vermelha*);
- uma radialista que denunciou planos do governo de se equipar para a guerra eletrônica (*Sem direito a voz*);
- uma médica que critica a atuação de médicos cubanos que erram diagnósticos na Venezuela (*Dengue tratada com aspirina*).

Fazem parte também da reportagem vários infográficos, recursos que se utilizam da imagem e do texto para transmitir a mensagem de forma mais dinâmica.

O primeiro infográfico aparece na primeira página com o título “A ditadura em forma de lei”, que mostra os artigos da nova constituição proposta por Chaves e o que eles significam (na interpretação feita pela revista). Nas páginas seguintes, há uma sequência de infográficos que apresentam os depoimentos dos dez venezuelanos entrevistados por *Veja*.

Dentre os depoimentos há um quadro comparativo que tem por título “A falsa democracia” em que são apontadas as semelhanças da trajetória política de Chávez, Adolf Hitler e Benito Mussolini. Finalizando a reportagem, o último infográfico é o de um deputado chavista que se opõe à reforma constitucional proposta por Hugo Chávez.

Os diferentes tipos de linguagem se somam para construir uma imagem de Chávez – a imagem depreciativa que a revista quer deixar para seus leitores.

3. 3. 2 Análise da segunda reportagem

Na segunda reportagem, de 12/03/2008, podemos observar que imagens e chamadas a respeito do assunto da reportagem estão na capa da revista (Anexo D) sobre um fundo vermelho, cor esta característica da bandeira socialista e comunista que, no decorrer dos tempos, foi associada à esquerda revolucionária. A representação icônica de três presidentes de países latino-americanos e de um ex-comandante das Farc foi feita a partir de caricaturas com o rosto dessas personalidades somados ao corpo de animais de quatro patas, muito provavelmente cachorros, todos identificados com uma coleira.

O primeiro animal com cabeça de ser humano, localizado no canto superior esquerdo da capa, está identificado como “Tirofijo Farc” e apresenta o corpo camuflado como um boné *cap* militar que está sobre a cabeça. A posição desta primeira mescla de animal e ser humano aparece logo atrás do maior dos “mutantes”, que está identificado pela coleira como Hugo Chávez.

Chávez está representado como um cachorro da raça *Pit Bull*, já que as orelhas aparecem cortadas como é característico de cães dessa raça. A boina vermelha que faz parte dos acessórios característicos do presidente venezuelano também está presente, na capa da revista, sobre a cabeça de Chávez.

Abaixo do *Pit Bull*, estão os dois últimos bichos com a caricatura da cabeça do presidente do Equador, o menor dos animais, e do presidente da Bolívia, Evo Morales.

À direita e no canto inferior da capa, temos a chamada jornalística:

América Latina
 AS FERAS RADICAIS
 Seu objetivo é evitar a derrota dos terroristas das Farc e criar um clima de guerra no continente.

As feições dadas às personalidades públicas já comentadas casam-se perfeitamente com a expressão *feras radicais* utilizada pela revista para defini-las. Esse conjunto de informações já antecipa para o leitor a representação negativa que a revista faz desses participantes. Além disso, podemos observar que a chamada atribui a eles o objetivo de apoiar uma organização (Farc), que é rejeitada pela grande maioria dos latino-americanos, e de criar um clima de guerra em todo o continente americano, o que não pode ser compreendido como algo positivo.

O título da reportagem, localizado na página 43, remete a uma das feras da capa: “Por que Chávez quer a guerra”. O subtítulo já apresenta os principais participantes: “O uso das Farc para desestabilizar a região tem um entrave: a Colômbia está vencendo o terror”. Além das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), do presidente Hugo Chávez e do governo e da população colombiana, os demais participantes são, basicamente, o presidente do Equador, Rafael Correa; o governo brasileiro; autoridades em assuntos políticos.

O assunto que envolve esses participantes e desencadeou a reportagem é a relação entre o governo da Venezuela e as Farc. Hugo Chávez é acusado de sustentar uma organização terrorista na Colômbia.

Esta reportagem, diferentemente da anterior, subdivide-se em mais duas partes escritas por outros jornalistas. A primeira tem por título: “O lado B da diplomacia”. O subtítulo, como na parte anterior, também antecipa os principais participantes: “O Brasil fez tudo certo na crise atual, mas participa de foro que inclui as Farc e segue orientações do grupo”. Além dos participantes já citados, acrescentam-se, nesta parte da reportagem, o Foro de São Paulo e os integrantes do Movimento de Esquerda Revolucionária do Chile. O assunto abordado é o

comportamento ambíguo do presidente do Brasil diante de assuntos internacionais, como a narcoguerrilha promovida pelas Farc. Ao mesmo tempo em que Lula condena a forma de atuação dos guerrilheiros, não a classifica como uma organização terrorista.

A terceira parte da reportagem tem por título “Sob o domínio das Farc”. O subtítulo é: “Ao dar guarida aos terroristas, Chávez expôs os venezuelanos a sequestros e assassinatos”. Como se pode perceber, trata-se da violência de organizações terroristas, dentre elas as Farc, contra a população venezuelana, que, de acordo com os depoimentos da reportagem, não tem a quem recorrer para dar fim ao terror.

As relações entre participantes são estabelecidas por oposição entre aqueles que defendem a atuação das Farc e outros movimentos terroristas e aqueles que se opõem a eles. No primeiro grupo, encontram-se o presidente da Venezuela e do Equador; no segundo, o presidente da Colômbia, apoiado por grande parte dos colombianos e grande parte dos venezuelanos. O governo brasileiro, segundo a reportagem, está “em cima do muro”.

Na primeira parte da reportagem, o jornalista não economiza formas negativas de fazer referência ao presidente Chávez, que é chamado de caudilho fanfarrão, patrocinador político das Farc e, indiretamente, de insano. A revista enfatiza a relação do presidente com outros governantes latino-americanos definidos na capa como feras radicais da mesma forma que Chávez: Rafael Correa, presidente do Equador, e Evo Morales, presidente da Bolívia.

Na segunda parte, o presidente Lula é acusado de “fazer cafuné” nas Farc quando afirma que o Brasil não as inclui na categoria de organização terrorista. As falas do presidente são entendidas pela revista como uma forma de agradar a ala mais radical do seu partido. Além disso, como criador e participante do Foro de São Paulo, que debate questões relativas aos países da América Latina, Lula é criticado pela revista no que diz respeito aos discursos inspirados pelos documentos “do tal Foro”.

Na terceira parte, são mostradas as relações entre a população venezuelana e as organizações guerrilheiras da Venezuela e da Colômbia. A violência a que é submetida a população é atribuída a Chávez. Fica explícita a desaprovação dos venezuelanos em relação ao que vem ocorrendo na Venezuela e também o

sofrimento dos que tiveram parentes sequestrados ou que têm de pagar um preço para manter sua segurança e da família, já que estão na mira das organizações

Destacamos a presença de uma grande imagem no início da reportagem. Nela, Hugo Chávez aparece com uma fisionomia que lembra uma pessoa gritando. Pelo que se pode observar, parece alguém comandando um exército de homens extremamente armados que aparecem enfileirados ao lado da imagem dele. A boca entreaberta, a testa enrugada e a boina vermelha lembram a fera radical exposta na capa da revista, na qual Hugo Chávez foi representado com o rosto caricaturado e com o corpo de cachorro *Pit Bull*. Como o assunto gira em torno do envolvimento do presidente com as Farc, o infográfico complementa uma das informações apresentadas pela revista que comprovam esse fato. Nele temos uma foto de Raúl Reyes, um dos comandantes das Farc, e seus companheiros em uma festa na selva. No texto que acompanha essa imagem, foram apresentadas as informações de dois computadores recolhidos pelos militares colombianos após o ataque ao acampamento que levou Raúl Reyes à morte.

Na segunda parte da reportagem, é a imagem do presidente Lula que está em destaque. O presidente aparece discursando no Foro de São Paulo e, ao fundo, há um mapa pintado de vermelho com a inscrição “Integração da América Latina”. Na mesma página, há um infográfico que apresenta um quadro comparativo das posições tomadas pelo governo brasileiro em quatro questões envolvendo países latino-americanos. Segundo a revista, o governo brasileiro já tomou decisões influenciado pelos radicais do Foro de São Paulo.

Na terceira parte da reportagem, também há um infográfico mostrando uma imagem de revista militar em um automóvel e a legenda: “Militar revista porta-malas de carro que entra na Venezuela por San Antonio del Táchira: comércio bloqueado e guerrilha com livre acesso”. Ao lado disso, há um mapa mostrando as áreas com presença das Farc e o local do ataque aéreo que matou Raúl Reyes. Além disso, há um quadro com o nome dos estados venezuelanos em que as Farc e outras organizações agem livremente, bem como o número de sequestrados em 2007 nessas localidades e a tabela com os valores das extorsões exigidas à população para que os guerrilheiros a deixem em paz.

As duas últimas imagens que acompanham essa parte da reportagem são de dois venezuelanos que tiveram familiares sequestrados pela própria polícia e pelo Exército de Libertação Nacional. As legendas que acompanham as imagens

ênfatizam o conteúdo do texto, uma vez que sinalizam que Hugo Chávez expôs sua população a sequestros e assassinatos.

As múltiplas relações estabelecidas entre os participantes e a maneira como essas relações foram apresentadas ao leitor são indispensáveis para uma análise mais apurada da opinião presente nas reportagens.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE TEXTUAL

Neste capítulo, buscamos analisar as reportagens em estudo a partir dos modos de organização do discurso de Charaudeau (2008). Conforme mencionamos no capítulo destinado à revisão da literatura, esse autor trabalha com quatro modos de organização do discurso – argumentativo, enunciativo, narrativo e descritivo – e acredita que os textos são heterogêneos do ponto de vista de sua organização.

Partimos, assim, da hipótese de que é próprio ao gênero reportagem a defesa de um ponto de vista e procuramos verificar os procedimentos que se encaixam nos modos de organização narrativo, descritivo e enunciativo em prol da defesa da tese defendida nas reportagens. Nosso objetivo, então, é verificar se realmente esses modos de organização, juntos, ajudam a criar uma representação negativa do presidente da Venezuela. Por isso, não separamos totalmente tais modos de organização em nossa análise, mas procuramos encadeá-los.

4.1 Os modos de organização e as reportagens

Ao tecer comentários sobre o modo narrativo, Charaudeau destaca a sucessão de ações e a intencionalidade. Quanto à primeira, afirma que uma ação influencia a outra e resulta em um encadeamento progressivo; quanto à segunda, afirma que a motivação, que reside na intenção, é o que “dá sentido narrativo a uma sequência, posto que lhe atribui uma finalidade” (2008, p. 168).

No subtítulo da reportagem, o argumentador apresenta a seguinte informação/avaliação, que funciona como proposta, sobre o presidente venezuelano: “Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela”. O modo narrativo aparece nos textos para mostrar que tal afirmação é plausível e, por isso, utilizamos o princípio de localização no tempo (CHARAUDEAU, 2008, p. 172) para verificar de que forma o modo narrativo contribui para a defesa da tese apresentada na reportagem. Destacamos, então, os seguintes fragmentos:

1	<p>A nova Constituição, que teve 20% de seus artigos alterados, dá sustentação legal às medidas autoritárias que Chávez vem colocando em prática desde que foi eleito pela primeira vez, em 1998. A centralização do poder nas mãos do presidente, a militarização do país e o desrespeito ao direito de propriedade não são novidades no governo do coronel. Agora, no entanto, foram institucionalizados na Carta Magna da Venezuela. Com um bônus: o mandato presidencial passa de seis para sete anos e pode ser renovado por tempo indeterminado nas urnas. (<i>Veja</i>, 07/11/2007, p. 88-90)</p>
---	--

Nesse exemplo, a localização temporal dada pelo ano de “1998”, mais do que marcar um fato temporalmente, mostra que, há quase dez anos, Hugo Chávez vem instituindo um regime autoritário na Venezuela. E todos os fatos que justificam o autoritarismo do presidente – centralização do poder, militarização do país, desrespeito ao direito de propriedade – agravaram-se “agora” (2007), já que foram institucionalizados.

Além disso, a presença da nomeação, um dos componentes do modo de organização descritivo, também merece destaque em (1). Ao se tachar Chávez de coronel, fica implícita a ausência de democracia na Venezuela, o que reforça o modo negativo como o poder é exercido pelo presidente.

2	<p>Nos últimos nove anos, período que coincide com o mandato de Hugo Chávez no Palácio Miraflores, bandos armados cruzaram a fronteira levando na bagagem seu programa político: extorsões, sequestros e assassinatos. Três estados venezuelanos que fazem fronteira com a Colômbia estão infestados de narcoterroristas. O fluxo de criminosos colocou os dois países vizinhos em cenários opostos. Enquanto os colombianos aguardam ansiosamente o momento de sair de um pesadelo, os venezuelanos vivem os primeiros momentos de uma guerra não declarada, sem prazo para terminar. (<i>Veja</i>, 12/03/2008, p. 48)</p>
---	---

Em (2), fragmento retirado da terceira parte da reportagem 2 – intitulado “Sob o domínio das Farc: ao dar guarida aos terroristas, Chávez expôs os venezuelanos a sequestros e assassinatos” – a marca de temporalidade é dada no início do parágrafo: “nos últimos nove anos”. Novamente, a extensão do período mencionado pela reportagem torna os fatos apresentados por ela ainda mais preocupantes.

A exposição da marca de tempo e a gravidade das informações sobre a violência sofrida por venezuelanos somam-se para reforçar a avaliação negativa do presidente. Esperava-se, deste, que tivesse tomado providências para livrar a população de atos terroristas ou, pelo menos, que tivesse tomado providências para amenizar o sofrimento provocado pelo terrorismo, porém isso não aconteceu, o que

reforça a ideia presente no subtítulo da reportagem de que Chávez dá guarida aos terroristas.

A afirmação de que “O governo chavista é hoje o principal patrocinador político e financeiro das Forças Revolucionárias da Colômbia” (*Veja*, 12/03/2008, p. 43), feita na primeira parte da reportagem 2, é reforçada por fatos como o mencionado em (2). Além disso, quando se mostra que Chávez não considera as Farc um grupo terrorista, e que ele afirma que elas são um “verdadeiro exército” (*Veja*, 12/03/2008, p. 50), a revista sustenta o posicionamento de que o governo chavista é respaldado por um dos princípios do personalismo – aquele em que o governante necessita cimentar a força política no controle das Forças Armadas ou de milícias de civis armados. Assim, o modo narrativo contribui com a finalidade argumentativa da reportagem.

Destacamos também a legenda da imagem de fundo da reportagem 1 (p. 86):

3	Chávez faz comício em Caracas: ele transformou em feriado nacional a data do golpe militar fracassado que liderou em 1992. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 86)
---	---

Ao mesmo tempo em que a legenda descreve a cena apresentada pela imagem, trazendo uma informação sobre ela, faz uma avaliação. Há uma marca de localização temporal – *em 1992* – que sinaliza a data do golpe militar e, junto dela, uma caracterização do golpe – *fracassado* – que revela não só uma informação sobre o golpe como uma característica de Chávez: se Chávez comemora um fracasso, conseqüentemente apresenta-se como insensato. Essa primeira constatação, no decorrer do texto, não se mantém em nível pessoal, mas se associa a uma das maneiras como o governo chavista é identificado pela reportagem: personalista. A legenda, juntamente com a imagem, reforçam o culto que Chávez mantém de si mesmo.

O narcisismo do presidente venezuelano é mostrado pela revista, também, por meio da proibição de uma apresentação do cantor Alejandro Sanz em um teatro público de Caracas. A justificativa dada por *Veja* (07/11/2007, p. 94) é centrada no fato de o músico ter criticado o governo chavista no mês que antecedeu a reportagem, o que reforça a ideia do personalismo e do autoritarismo exercidos por Chávez.

Já que “[...] o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está *implícito*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 204), identificamos uma finalidade argumentativa por meio de outros modos de organização do discurso que não o argumentativo. A relação de causalidade é transmitida com o auxílio do princípio de Localização, e este, segundo Charaudeau (2008, p. 172), fornece pontos de referência à sequência e à caracterização dos participantes, a qual pertence ao modo descritivo.

Fica bastante evidente, nas reportagens, o grau de adesão ao propósito de desqualificar o presidente da Venezuela e suas ações. Trata-se do comportamento *elocutivo* da teoria dos modos de organização do discurso proposta por Charaudeau. No fragmento abaixo, temos um exemplo de como isso é feito, já que há um “ponto de vista de avaliação, que especifica de que maneira o sujeito julga o Propósito enunciado” (CHARAUDEAU, 2008, p. 83):

4	A sufocante atmosfera política ganhou novas nuvens negras na semana passada, quando a Assembleia Nacional terminou de referendar um por um os artigos da proposta de reforma constitucional apresentada pelo presidente. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 88)
---	---

O autor caracteriza a política de Chávez como asfixiante, ou seja, falta liberdade e sobram imposições feitas pelo governo venezuelano. Além disso, situa no tempo – “na semana passada” (= início de novembro de 2007) – que a Assembleia concordou com as novas propostas de governo estabelecidas por Chávez. Tudo isso justifica a avaliação do presidente da Venezuela como autoritário, conforme o segmento (5):

5	Em Caracas, Veja ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela ditadura do “socialismo do século XXI”. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 87)
---	---

Numa gradação crescente de aspectos negativos, encontramos uma nomeação, expressa por meio de um aposto, que também julga Chávez como um ditador:

6	Elas comprovam que é impossível ficar imune a um regime como o de Chávez, um prepotente disposto a impor a sua visão de mundo a qualquer custo. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 88)
---	--

O modo descritivo está, neste exemplo, a favor da argumentação. Assim como podemos ter esse modo como um dos componentes da narração, podemos tê-lo como um dos componentes da argumentação. Acreditamos na presença da argumentação através do aposto porque há uma relação de causalidade presente na oração. Se Chávez é um prepotente, conseqüentemente é impossível ficar imune a um regime como o dele.

Em nosso *corpus* há um número significativo de apostos, porém a finalidade nem sempre é a mesma que verificamos em (6). Em algumas situações, eles são utilizados com o objetivo de esclarecer uma informação para o leitor, em outras, são usados para mesclar informação com a visão do veículo sobre o termo nomeado.

No segmento abaixo, marcado temporalmente, além da informação que define o que são “misiones”, a descrição ocorre de acordo com o ponto de vista que o autor tem sobre elas:

7	Nos últimos oito anos [...] Chávez criou as <i>misiones</i> , programas assistencialistas que estabeleceram uma dependência concreta entre a população pobre e a figura onipresente do pai da pátria. (Veja, 07/11/2007, p.97)
---	--

“Misiones” poderia ter sido explicada para o leitor apenas como *programas assistencialistas do governo da Venezuela*; no entanto a definição extrapola o limite da informação quando interpreta esses programas como um meio de dependência entre população e governo. Essa dependência, de acordo com a reportagem, é uma forma de clientelismo político e, portanto, a presença “onipresente do pai da pátria” não pode ser entendida como algo positivo.

Abaixo, verificamos outros usos dos apostos em nosso *corpus*:

8	(...) o projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina, único lugar do mundo onde essas sandices que envenenaram o século XX ainda parecem ter algum fôlego. (Veja, 12/03/2008, p. 43)
---	--

9	Apenas três dias depois da morte do número 2, foi morto Ivan Rios, o número 3 das Farc. Por isso, todos se perguntam onde anda Manuel Marulanda, o chefe supremo da organização. (Veja, 12/03/2008, p. 44)
---	--

Em (8), para o público-alvo a que a revista se dirige, não haveria necessidade de expor informações sobre o que é a América Latina, porém a nomeação se faz como uma forma de expor opinião sobre o que ocorre nesse local, de mostrar como a revista se coloca diante da situação exposta na reportagem.

Em (9), os dois apostos servem para informar os leitores sobre a hierarquia das Farc. Neste caso, observamos a nomeação sendo utilizada com o objetivo de esclarecer quem são as pessoas citadas na reportagem.

Como observamos por meio dos exemplos de diferentes tipos de apostos, nem sempre o fato de utilizar certas formas linguísticas determina um objetivo único. É isso que percebemos no fragmento (10):

10	(...) o mandato presidencial passa de seis para sete anos e pode ser renovado por tempo indeterminado nas urnas. Ou seja, Chávez pode agora aspirar à Presidência vitalícia. (Veja, 07/11/2007, p. 90)
----	--

O uso da expressão denotativa de explanação *ou seja*, normalmente utilizada para tornar uma ideia já expressa o mais clara possível, não apresenta apenas esse propósito em (10). Neste exemplo, a expressão é utilizada com o objetivo de reforçar uma ideia, não de explicá-la, já que qualquer leitor mediano seria capaz de interpretar que, sendo possível renovar o mandato presidencial por tempo indeterminado, Chávez poderia se tornar presidente “eterno” da Venezuela.

Além disso, há, nas reportagens, uma quantidade significativa de procedimentos de comparação, como, por exemplo, em (11), (12) e (13):

11	O estilo centralizador, a intolerância em relação a opiniões divergentes e, sobretudo, o modo como tenta transformar as instituições públicas em um apêndice de sua vontade e idiosincrasias parecem saídos das páginas de <i>Eu O Supremo</i> , a obra magistral do paraguaio Augusto Roa Bastos. O personagem do título é José Gaspar Rodríguez de Francia, "ditador perpétuo" do Paraguai no século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano. (Veja, 07/11/2007, p. 88)
----	---

12	Como na ditadura de Fidel Castro, Chávez adotou o preceito de que o país entrou em processo de revolução permanente. (Veja, 07/11/2007, p. 98)
----	--

13	<p>O perigo do narcisismo aliado ao autoritarismo é o de Chávez atribuir-se tarefas quase divinas, como a de formar um "novo homem" inspirado em si próprio. "Nesse ponto, Chávez se parece muito com o paraguaio Francia, que chegou a proibir o casamento das jovens brancas com descendentes de espanhóis porque queria criar uma nação mestiça", disse a VEJA o cientista político americano Paul Sondrol, especialista em ditaduras latino-americanas da Universidade do Colorado. A Revolução Russa tinha ambições similares, como escreveu Leon Trotsky em 1916: "Produzir uma versão melhorada do homem, essa é a tarefa futura do comunismo". A tentativa soviética de extirpar do novo homem tudo o que fosse humano e natural resultou, como era de esperar, no fim do comunismo e na sobrevivência do que é humano e natural. (<i>Veja</i>, 07/11/2007, p. 98)</p>
----	--

Em todos os fragmentos destacados, a comparação é utilizada com a finalidade de mostrar personagens históricos que tiveram atitudes semelhantes às de Chávez e levar o leitor a perceber que a maneira como o presidente da Venezuela conduz o poder é bastante equivocada. Os exemplos insistem no que a revista quer deixar como mensagem para seus leitores: Chávez é um ditador. Suas atitudes são desqualificadas por meio da comparação com outros personagens históricos. Em (13), por exemplo, ao se mencionar que a Revolução Russa fracassou, ao citar Trotsky e fazer a localização temporal de suas palavras, fica evidente que os planos de Chávez estão ultrapassados, não têm possibilidade de se adequarem aos novos tempos.

Acreditamos que, em situações como essas, a qualificação transpõe o modo descritivo. Charaudeau (2008, p. 201) afirma que o modo argumentativo "está em contato apenas com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações de pensamento". Assim, o fato de a revista fazer alusão a acontecimentos passados que não obtiveram sucesso convida os leitores a refletirem sobre a possibilidade de esses mesmos acontecimentos, em uma era mais moderna, mais democrática, darem certo.

A convicção das ideias apresentadas pela revista e as explicações dadas no decorrer das reportagens têm finalidade racionalizante, que, de acordo com Charaudeau (2008, p. 207), diferem o modo argumentativo dos outros modos de discurso. O fragmento que se segue (14) exemplifica a lógica e o princípio de não contradição que marcam o modo argumentativo, mostrando divergências nas atitudes de Chávez no que concerne ao seu posicionamento político-ideológico e às relações que estabelece com outros participantes do cenário político na América Latina.

14	<p>A terceira forma de culto à personalidade é apresentar-se como o herdeiro histórico de Simon Bolívar, cuja obra de construção de uma grande nação sul-americana Chávez pretende concluir. Não há entre os brasileiros nenhum herói que receba a idolatria dedicada a Bolívar na Venezuela. Chávez espertamente chamou seu governo de "revolução bolivariana", implicitamente colocando seus opositores na condição de traidores da pátria. É irônico que Chávez seja amigo de Fidel Castro e elogie seu regime marxista, visto que Karl Marx simplesmente desprezava Bolívar. Em carta a seu amigo Friedrich Engels, o ideólogo do comunismo escreveu: "Simon Bolívar é o canalha mais covarde, brutal e miserável". (Veja, 07/11/2007, p. 96-97)</p>
----	--

O repórter está desvendando aos leitores a contradição que existe no pensamento chavista: Marx opõe-se a Bolívar; quem é antibolivarista, para Chávez, é um traidor; logo Marx, que é antibolivarista, teria de ser um traidor. No entanto, Chávez, que é companheiro de Fidel, e elogia seu regime marxista não se vê dessa forma. Muito pelo contrário, Bolívar é o sustentáculo do seu governo.

Por meio desse exemplo, a reportagem procura desenvolver uma lógica argumentativa para mostrar ao leitor que há uma grande incoerência no discurso chavista, o que reforça a proposta destacada desde o início do texto.

Para auxiliar nossa análise, principalmente do comportamento delocutivo, conforme já mencionado neste trabalho, utilizamos as categorias de previsão de Tadros (1994) descritas no capítulo I. Em nosso *corpus*, verificamos a presença de questionamento, enumeração, antecipação e relato.

Há dois exemplos de questionamento, um em cada reportagem. Na reportagem 1, a pergunta está presente no meio do texto e é parcialmente respondida pelo próprio repórter:

15	<p>Recentemente, Chávez comprou 24 caças supersônicos russos Sukhoi, cinquenta helicópteros e 100.000 fuzis Kalashnikov, entre outros equipamentos. Quem Chávez pretende enfrentar com esse arsenal? (Veja, 07/11/2007, p. 94)</p>
----	--

Nesse exemplo, a pergunta é uma previsão de um possível questionamento do leitor, já que a revista informa números que beiram o exagero. Notamos, assim, que há uma preocupação em esclarecer o motivo do que antecede a pergunta.

A resposta inicia por declarações que refletem a certeza do repórter sobre o fato que está questionando: "*Certamente* não os Estados Unidos, apesar de sua

retórica antiamericana. Tampouco servirá para invadir a Bolívia, como já prometeu fazer caso seu amigo Evo Morales seja apeado do poder”.

A continuação da resposta é dada por meio de estruturas de citação, em que um especialista militar (Fernando Sampaio, professor da Escola Superior de Geopolítica e Estratégia) aponta a possibilidade de Chávez estar se preparando para uma guerra civil: "Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender". "Portanto, o mais provável é que Chávez esteja se armando para se proteger de seu próprio povo, no dia em que os venezuelanos se cansarem dele" (*Veja*, 07/11/2007, p. 94).

Mais do que cumprir com a estratégia de previsão, o texto alerta para a possibilidade de Chávez ser consciente de seus atos, de suas “sandices”, de acordo com a revista. Isso ocorre pelo fato de o especialista justificar os reforços bélicos do presidente venezuelano como forma de proteção contra uma possível rejeição. Ou seja, se Chávez sente necessidade de se proteger de seu próprio povo é porque tem consciência de que sua forma de governar pode ir de encontro ao que a maioria da população deseja. Assim, sendo rejeitado e ao mesmo tempo sendo capaz de estabelecer uma guerra para se manter no poder, ficaria provado que, em vez de ser um representante do povo, governaria apenas para si, para manter os seus interesses pessoais.

Na reportagem 2, a pergunta é feita no título e é respondida no decorrer do texto: “por que Chávez quer a guerra”. O questionamento é utilizado como forma de despertar a curiosidade do leitor, visto que podemos verificar o subentendido “Chávez quer a guerra” e esperar uma resposta da revista para isso.

Em nosso corpus, também encontramos um tipo de questionamento diferente do proposto nas categorias de previsão de Tadros. Trata-se de um exemplo de questionamento de denegação. Este questionamento, de acordo com Charaudeau (2008, p. 243), “consiste em propor um argumento que é rejeitado antecipadamente, ao mesmo tempo em que é feita a pergunta”:

16	Quem vai querer investir em um país onde há poucos meses o governo estatizou as principais empresas de telefonia e de energia e fechou um dos maiores canais de TV por razões políticas? (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 100)
----	--

Nesse caso, temos uma pergunta que se auto-responde. Ela não deixa possibilidade de respostas como outros tipos de questionamento. Trata-se, pois, de um procedimento discursivo, já que consiste em “utilizar ocasionalmente ou sistematicamente certas categorias de língua ou os procedimentos de outros modos de organização do discurso, para, no âmbito de uma argumentação, produzir certos efeitos de persuasão” (CHARAUDEAU, 2008, p. 236).

Na reportagem intitulada “À sombra de *El Supremo*”, reportagem 1, percebemos vários exemplos de enumeração. Esta estratégia de previsão foi utilizada para mostrar que:

- a) o governo de Hugo Chávez passou por três fases;
- b) os venezuelanos gostam de Chávez por três motivos;
- c) um regime personalista normalmente se caracteriza por quatro princípios;
- d) o culto à imagem do líder (quarto princípio do regime personalista) desenvolve-se de três formas.

Em todas essas situações de enumeração, identificamos enumerador e numeral, conforme podemos observar no exemplo abaixo, em que *três* é o numeral; e *fases*, o enumerador:

17	Nos últimos oito anos, seu governo passou por três fases. Na primeira, um ano depois de eleito (...) ele tratou de aprovar uma nova constituição (...). O início da escalada no preço do petróleo permitiu a segunda fase, caracterizada pela invenção da “revolução bolivariana”. (...) A terceira fase do governo chavista começou dois anos atrás, com o anúncio de que seu objetivo era a construção do “socialismo do século XXI”. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 90-92)
----	---

Acreditamos que a grande quantidade de enumerações encontradas na reportagem 1 ocorre por dois motivos: torná-la o mais objetiva possível e o mais didática possível. A objetividade está contida nas enumerações porque estas atribuem ao texto uma exatidão de critérios para fundamentar o porquê do posicionamento claramente desfavorável ao presidente Hugo Chávez. Além disso, elas contribuem para tornar o texto mais didático, porque o sistematizam com mais clareza.

Ao determinar três fases do governo Chávez, identificamos também que o repórter pretende convencer o leitor a concordar com a conclusão a que ele mesmo chega: Chávez pretende “concentrar o poder em suas mãos pelo maior tempo possível”. Essa situação é mostrada ao leitor como algo extremamente negativo, já

que os três motivos que justificam a identificação dos venezuelanos com seu presidente são de cunho pessoal e não político-ideológico: Chávez se parece com as pessoas do povo, os venezuelanos acreditam que ele dá voz aos pobres e enxergam nele os valores morais, familiares e religiosos que mais prezam.

Para mostrar que a dissociação entre a figura do presidente e suas políticas é típica de ditaduras personalistas, o autor também fez uso da enumeração. A reportagem aponta quatro princípios que caracterizam essa forma de governo:

- 1 – a ideia de que o governante é insubstituível;
- 2 – a necessidade de cimentar a força política no controle das Forças Armadas ou de milícias de civis armados;
- 3 – a destruição do estado de direito;
- 4 – o culto da imagem do líder.

O autor utilizou-se de uma oração projetada intercalada por parataxe, como verificaremos a seguir, para apresentar esses quatro princípios e melhor fundamentar sua argumentação: “Um regime personalista, diz o sociólogo venezuelano Trino Márquez, costuma caracterizar-se por quatro princípios”. Esse uso da estrutura de citação será abordado posteriormente em nossa análise, porém é interessante observar que dois recursos – enumeração e citação – somam-se para transmitir ao leitor credibilidade e clareza nas ideias apresentadas. A credibilidade se dá pelo emprego da estratégia denominada testemunho de autoridade; e a clareza, pela organização do discurso.

O quarto princípio, o culto da imagem do líder, também foi desenvolvido por meio da enumeração. De acordo com a reportagem, “Chávez desenvolve esse seu lado narcisista de três maneiras”:

- 1 – expondo seu rosto nas ruas das cidades venezuelanas;
- 2 – sufocando os cidadãos com pronunciamentos no rádio e na tevê;
- 3 – apresentando-se como herdeiro histórico de Simon Bolívar.

Observamos, por meio dessa última enumeração, uma gradação crescente das maneiras de Chávez se fazer presente na vida dos venezuelanos. Isso pode ser percebido pelo fato de que se parte de uma exposição imagética do presidente – expor seu rosto nas ruas – para uma comparação com Simon Bolívar, personagem histórico que, de acordo com a reportagem, é considerado um herói bastante idolatrado pelos venezuelanos.

Na reportagem 2, identificamos apenas um exemplo de enumeração na parte intitulada *Sob o domínio das Farc*. Como o texto expõe os problemas criados pelos narcoterroristas nos estados da Venezuela que fazem fronteira com a Colômbia, a enumeração foi utilizada para informar o leitor sobre algumas dessas organizações terroristas:

18	A população da cidade de Rubio, no estado de Táchira, está totalmente sitiada. Com cerca de 120 000 habitantes, recebeu seis anos atrás a visita de dois hóspedes indesejados: um é o Exército de Libertação Nacional (ELN), organização colombiana similar às Farc, só que com menor número de homens armados. Outro são os pistoleiros de uma milícia de paramilitares criada exatamente para proteger os cidadãos dos guerrilheiros comunistas na Colômbia e que acabou por adotar as táticas criminosas de seus inimigos. (<i>Veja</i> , 12/03/2008, p. 48)
----	--

Além do numeral *dois* e do enumerador *hóspedes*, há uma avaliação a respeito dos elementos enumerados antes mesmo de eles serem apresentados ao leitor. O fato de os “hóspedes” serem considerados *indesejados* remete tanto à população de Rubio quanto ao repórter, ao posicionamento deste sobre a situação vivida pelos venezuelanos.

A categoria denominada antecipação igualmente ajuda a defender a proposta apresentada por *Veja*. Abaixo, podemos observar exemplos de antecipação:

19	Uma pesquisa de opinião pública feita pela Universidade Central da Venezuela (UCV), em Caracas, mostra uma realidade mais crua. A identificação com Chávez de grande parcela dos venezuelanos, sobretudo os mais pobres, é pessoal e destacada de sua retórica ideológica. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 92)
----	---

20	O racionamento de alimentos é um dos primeiros sinais daquilo que os venezuelanos mais temem: a transformação da Venezuela em uma nova Cuba. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 100)
----	--

21	A saraivada de insultos e ameaças disparados por Hugo Chávez contra o governo da Colômbia pertence a uma dimensão mais perigosa – aquela na qual trafega o projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina, único lugar do mundo onde essas sandices que envenenaram o século XX ainda parecem ter algum fôlego. (<i>Veja</i> , 12/03/2008, p. 43)
----	--

Nos exemplos (19), (20) e (21), os antecipadores são, respectivamente: *realidade*, *daquilo* e *dimensão*. Esses vocábulos, que só passam a ser esclarecidos pelo leitor a partir do que os segue, são uma estratégia utilizada pela revista para

definir algumas proposições que esta pretende apresentar para o leitor. Como os antecipadores só podem ser compreendidos pelo contexto, entendemos seu uso como uma forma de cumprir um dos objetivos de um texto jornalístico como a reportagem, que é prezar pelo entendimento das ideias anunciadas.

Os adjetivos usados com os antecipadores dos exemplos (19) e (21): *crua* (em “uma realidade mais crua”) e *perigosa* (em “uma dimensão mais perigosa”) merecem destaque. Apesar de não serem antecipadores propriamente ditos, fornecem ao leitor uma avaliação preocupante no que se refere à visão dos venezuelanos em relação ao presidente Chávez e no que se refere à maneira como o presidente faz e pretende fazer uso do poder.

Podemos perceber que enumeração e antecipação possuem propósitos semelhantes e, em algumas situações, podem aparecer juntas, como em:

22	Nas páginas seguintes estão as histórias de dez venezuelanos cuja vida foi transformada pelo chavismo. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 88)
----	---

Temos, nesse exemplo, o antecipador *histórias* e o numeral *dez* acompanhando um vocábulo – *venezuelanos* – que não é um enumerador. Numa análise inicial, poderíamos verificar, então, apenas a presença da antecipação; porém, se são as histórias de dez venezuelanos, também são dez histórias. Uma análise puramente gramatical nos apontaria apenas uma resposta: antecipação; no entanto, se priorizarmos a situação contextual, teremos outra possibilidade.

Para verificar a estratégia de previsão que envolve citação/relato, vamos utilizar o estudo das orações projetadas da GSF. Em nosso corpus, apesar de as projeções serem feitas por parataxe ou hipotaxe, identificamos um número bastante superior de projeções paratáticas. De acordo com Maingueneau (2001, p. 150), isso ocorre porque, “para um público leitor popular, o jornalista privilegia a narração, uma relação mais imediata com o vivido, as palavras mesmas das pessoas, como se o leitor estivesse presente na situação”.

Nas projeções por parataxe dos textos em análise, predominaram os verbos que Caldas-Coulthard (1994) classifica como *verbos de estrutura neutra que reportam a fala*:

VERBO	OCORRÊNCIAS	CLASSIFICAÇÃO
Apontar	1	–
Chamar	1	–
Completar	1	Verbo de transcrição – sinalizador do discurso (C-COULTHARD)
Contar	3	Verbo que reporta a fala – estrutura neutra (C-COULTHARD)
Dizer	23	Verbo que reporta a fala – estrutura neutra (C-COULTHARD)
Escrever	2	Processo verbal (BLOOR&BLOOR)
Exemplificar	2	Verbo que reporta a fala – metalinguístico (C-COULTHARD)
Observar	1	Verbo que reporta a fala – metaproposicional (C-COULTHARD)

Quadro 13 – Relação e classificação dos verbos utilizados em projeções paratáticas nas reportagens.

Dizer e *contar* são os verbos com maior número de ocorrências nas projeções por parataxe:

23	III "Os mesmos cidadãos que se identificam com Chávez discordam dos ataques do presidente à propriedade privada, não gostam da militarização do país e sentem calafrios só de pensar em ver a Venezuela repetir a experiência cubana",II	diz o sociólogo Amalio Belmonte, um dos autores do estudo. III (Veja, p. 94, 07/11/2007)
	Oração projetada	Oração projetante

O exemplo acima ilustra a disposição da maioria das orações paratáticas com o verbo *dizer* e *contar*. Em (23), apesar de o verbo ser classificado como neutro, o discurso escolhido para ser projetado na reportagem revela que a identificação com Chávez não se dá em nível político. Como a revista está abordando a função política exercida por Chávez, seu cargo de presidente, e caracterizando-a ao longo da reportagem, a identificação pessoal se constitui num argumento de pouca importância. Assim, *Veja* mostra aos seus leitores que todas as características que poderiam ser consideradas como pontos positivos em relação ao governo chavista, na verdade, não se sustentam por se tratar de uma identificação pessoal.

Chama atenção a repetição de fragmentos que, como (23) e (19), tem por finalidade levar o leitor a uma única conclusão: a mesma revelada na reportagem, que incide, como já comentamos, sobre a proposta.

Encontramos, ainda, situações como as seguintes:

24	III Um regime personalista,<< diz o sociólogo venezuelano Trino Márquez, >> costuma caracterizar-se por quatro princípios. III (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 94)
----	---

25	III "Um homem armado e de óculos escuros entrou na loja, chamou-me pelo nome, disse onde estudavam meus três filhos e me convidou para um encontro", II contou a VEJA o dono de uma loja de roupas, que pediu para ser identificado apenas como Gamboa. III (<i>Veja</i> , 12/03/2008, p. 49)
----	--

Em (24), temos uma estrutura de discurso direto não sinalizada por meio de aspas, o que ocorreu, em nosso *corpus*, apenas quando a segunda oração interrompeu a primeira. Em (25), o dizente vem acompanhado de uma informação extra. Após a identificação do citado, temos outra estrutura de relato, já que o repórter transmite ao leitor o pedido feito (falado) pelo citado. Assim, a informação extra possui, para o repórter, algo que não deve ser dispensado. Tal informação não complementa a oração projetada, mas mostra ao leitor um exemplo de venezuelano coagido por narcoterroristas, reforçando o que a revista desenvolve sobre o governo Chávez.

Acreditamos que o uso dos verbos de estrutura neutra, verbos que introduzem uma declaração sem explicitamente avaliá-la, foram utilizados porque a própria oração projetada já apresenta uma avaliação sobre o presidente da Venezuela. Além disso, para a revista não há necessidade de avaliar as falas por meio dos verbos de relato, porque ela faz questão de se posicionar. A projeção por parataxe não é usada com a finalidade de não haver comprometimento, pois a tomada de posição é evidente desde o anúncio das reportagens nas capas já comentadas.

O fragmento a seguir, por exemplo, mostra a tomada de posição, a avaliação que a revista faz de Chávez:

26	A diferença entre o presidente venezuelano e outros líderes esquerdistas com delírios similares é que Chávez tem poder econômico para bancar aventuras. (<i>Veja</i> , 12/03/2008, p. 44)
----	--

Chávez é claramente tachado de desequilibrado, ou seja, incapaz de assumir a responsabilidade que um cargo como o de presidente exige. Comentários como esse deixam explícita a opinião presente nos textos. Opinião esta que, em nosso ver, aparece por meio de todos os modos de discurso.

Além dos verbos neutros, como pudemos observar no Quadro 13, nosso corpus apresentou um exemplo de verbo de transcrição reportando a fala – o verbo *completar*. Em (27) temos a segunda parte da reprodução da fala do ex-ministro do Desenvolvimento Urbano da Venezuela:

27	<p>III "O problema é que as ameaças de estatização, o controle de preços, as importações maciças e os subsídios concedidos a uma parcela da população afastam qualquer interesse dos empresários em fazer novos investimentos", II completa Penzini. III (Veja, 07/11/2007, p. 100)</p>
----	---

Maingueneau (2001, p. 144) afirma que às vezes o discurso direto não é introduzido por verbos *dicendi*, mas “é o fato de estarem acompanhados de DD que os converte retrospectivamente em introdutores de discurso relatado”. O verbo *completar*, nessa projeção paratática, foi utilizado logo após outra projeção feita com a fala de Penzini e com o verbo de estrutura neutra *dizer*. Assim, *completar*, como sinalizador de discurso, foi utilizado na segunda projeção para determinar o fechamento de raciocínio do citado.

Em relação à projeção por hipotaxe, encontrada em menor quantidade em nosso corpus, também verificamos a predominância de verbos de estrutura neutra. Acreditamos que a justificativa para este fato é a mesma dada para os verbos neutros das projeções paratáticas - para a revista, não há necessidade de avaliar as falas por meio dos verbos de relato porque ela faz questão de se posicionar.

VERBO	OCORRÊNCIAS	CLASSIFICAÇÃO DE CALDAS-COULTHARD
Contar	1	Verbo que reporta a fala – estrutura neutra
Dizer	2	Verbo que reporta a fala – estrutura neutra
Responder	1	Verbo que reporta a fala – estrutura neutra
Salienar	1	Verbo que reporta a fala – metaproposicional expressivo

Quadro 14 – Relação e classificação dos verbos utilizados em projeções hipotáticas nas reportagens

Encontramos, ainda, o seguinte caso de projeção hipotática:

28	Após ser achacado pela primeira vez, o comerciante Gamboa procurou a polícia local. Ouviu como resposta que, se ele quisesse, os policiais poderiam atacar de surpresa o acampamento dos paramilitares. Contudo, salientaram que, dada a elevada presença de terroristas na região, isso não lhe garantiria nenhuma segurança. (Veja, 12/03/2008, p. 50)
----	--

Há, nessa situação, o relato da polícia, dado pela revista, por meio da fala do comerciante. O discurso transcrito na primeira frase, portanto, não foi transmitido diretamente àquele que o transcreveu, o que aumenta a possibilidade de distorções em relação ao que realmente foi dito. Provavelmente por esse motivo, o repórter optou pela estrutura “[Gamboa] ouviu como resposta que” em vez de “o policial local disse que”. Essa foi a maneira de o repórter livrar-se da responsabilidade de ter feito tal declaração.

Além disso, em (28) há um verbo metaproposicional expressivo – *salientar* – que dá maior destaque à seleção feita por meio da projeção. Diferentemente dos verbos neutros, como o verbo *dizer*, a escolha por verbos expressivos enfatiza que não apenas foi dito algo, mas reforçado, o que aumenta o poder argumentativo do enunciado. Assim, o fato de a polícia estar de “mãos atadas” ser projetado com o auxílio do verbo *salientar* não pode ser entendido da mesma forma que uma projeção que utiliza verbo de estrutura neutra.

Além das estruturas típicas de citação e relato, deparamo-nos com outras estruturas. Uma delas trata de um verbo de *dizer* que não está na oração projetante, mas numa oração dependente:

29	Nesse ponto, distante de ser a promessa de novidades "século XXI", como proclama, Chávez é fiel à tradição caudilhesca do continente. (Veja, 07/11/2007, p. 88)
----	---

Ao mesmo tempo em que a declaração do presidente venezuelano é enfatizada pelo repórter através da escolha do verbo metaproposicional expressivo (proclamar), o leitor não tem certeza de que Chávez alguma vez se declarou “sou [uma das] novidades do século XXI”. Não conseguimos identificar se o fragmento entre aspas é uma reprodução da fala de Chávez ou uma ironia.

Também foi encontrado verbo de estrutura neutra na oração introduzida por conjunção conformativa (*como dizem*). Em uma estrutura convencional de projeção hipotática, teríamos: “Seus membros com orgulho dizem que”, e não:

30	Com esse objetivo, recruta menores e indígenas na Venezuela, no Equador e – como dizem seus membros com orgulho – também no Brasil. (<i>Veja</i> , 12/03/2008, p. 50)
----	--

Outra estrutura de reprodução de fala que encontramos na análise do corpus foi com o verbo *chamar*. Em outro contexto, o verbo *chamar* foi classificado por Halliday & Matthiessen como um verbo relacional atribuidor ou identificador (2004, p.238). Nos exemplos (31) e (32), o verbo *chamar* não projeta outra oração; ele vem acompanhado apenas de uma função, a verbiagem (de “revolução bolivariana”/de “mercenários”). Mesmo sem projetar nova oração, o verbo *chamar* funciona como se fosse o resultado de um relato:

31	Chávez espertamente chamou seu governo de "revolução bolivariana", implicitamente colocando seus opositores na condição de traidores da pátria. (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 98)
----	--

Em (31), poderia equivaler a *Chávez disse: Meu governo é uma revolução bolivariana*. Em (32), equivaleria a *Chávez disse: Os donos das empresas privadas são mercenários*.

32	Ele ameaça nacionalizá-las e chama os seus donos [de empresas privadas] de "mercenários". (<i>Veja</i> , 07/11/2007, p. 98)
----	--

Chamar é um verbo de julgar nesses exemplos. Neles, a verbiagem está entre aspas, sinalizando fragmentos ditos por Chávez. Maingueneau (2001, p. 151) chama essa estrutura de híbrida, já que o citante isolou entre aspas “um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita”. Tal fragmento recebe o nome de *ilha textual* ou *ilha enunciativa*, a qual não se limita à situação ilustrada pelos exemplos (31) e (32). Em (33), por exemplo, há um verbo de estrutura neutra acompanhando a ilha enunciativa:

(33)	Dada a oportunidade, Chávez fez soar as “trombetas da guerra”, como disse seu mentor Fidel Castro. (Veja, 12/03/2008, p. 43)
------	--

O verbo *dizer*, nessa situação, associa-se a duas vozes dentro do texto, o que transmite a carga ideológica de um dos participantes para outro. Nesse caso, a neutralidade não pode mais ser vista como em exemplos em que isso não ocorre. A ênfase dada a partir do verbo é maior, uma vez que a situação se repete e é tomada por um segundo participante.

Encontramos também uma situação definida por Maingueneau (2001, p. 139) como “um modo simples e discreto de o enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado”, pois lhe basta indicar que está se apoiando em um outro discurso (modalização em discurso segundo):

34	Para o sociólogo Demetrio Magnoli, o Foro de São Paulo não tem caráter operacional, está longe de definir as diretrizes da política externa brasileira, ou latino-americana, e perdeu seu sentido original, que era ostentar apoio ao regime cubano num momento em que o Muro de Berlim ruía e a União Soviética estava com os dias contados. (Veja, 12/03/2008, p. 47)
----	---

35	Para Erick, o grande mérito de Chávez é ter usado a renda do petróleo para ajudar os pobres. (Veja, 07/11/2007, p. 89)
----	--

Nesses casos, não aparece um verbo de relato nem a conjunção que o introduz, mas sabemos que o que está sendo narrado foi dito pelos participantes.

Projeções sem introdutor explícito foram bastante recorrentes nas reportagens. Maingueneau (2001, p. 145) afirma que a ausência de um introdutor de citação se deve ao fato de que o contexto permite a identificação da fala, sem que haja necessidade de identificá-la novamente. Encontramos a fala dos citados após projeções paratáticas, como em:

36	III "As Farc e o ELN não são grupos terroristas. São verdadeiros exércitos", II disse Hugo Chávez na Assembléia Nacional, em Caracas. III "São forças insurgentes que têm um projeto político, bolivariano, que aqui é respeitado." III (Veja, 12/03/2008, p. 50)
----	---

37	<p>III "Ninguém pode dizer nem fazer nada", II disse a VEJA Acacio Belandria, padre jesuíta da Igreja de San Camilo de Lelis, na cidade de El Nula. III "Muitos agricultores preferem abandonar suas terras a tentar mudar a situação." III (<i>Veja</i>, 12/03/2008, p. 50)</p>
----	---

Verificamos ainda um caso em que a fala do citado não foi antecedida por uma projeção paratática, mas por uma oração simples de relato com um verbo metaproposicional expressivo – *reclamar*. A oração recebe um ponto final, e a citação aparece sem o citado:

38	<p>O oficial de Justiça Juan Pabón também reclama da falta de atenção do governo de Hugo Chávez. "Quando pedimos justiça, somos tachados pelas autoridades do governo chavista de oligarcas ou traidores da pátria." (<i>Veja</i>, 12/03/2008, p. 50)</p>
----	--

O apoio de Chávez às Farc em (36) faz com que o leitor associe o presidente venezuelano com uma milícia terrorista, apesar de ele se negar a classificá-las dessa maneira. Isso ocorre pelas inúmeras tentativas da revista em mostrar os motivos pelos quais o presidente venezuelano age dessa e de outras formas controversas e já comentadas. Algumas dessas tentativas estão nos depoimentos do padre em (37) e do oficial de justiça em (38), que, como muitos outros analisados neste capítulo, levam à reflexão para criar uma representação do governo Chávez associada ao autoritarismo e ao personalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem debatido sobre a definição de gênero e as maneiras de abordá-lo. Neste trabalho, partimos da equivalência *gênero = tema + estilo + construção composicional*, dada por Bakhtin (2000), pelo fato de o autor ser considerado o precursor das incessantes discussões sobre o assunto. Por esse motivo, procuramos, mesmo com o auxílio de outros teóricos, mantermo-nos dentro dos parâmetros de análise apresentados em suas obras.

Devido ao conceito de gênero adotado, diferentemente de Charaudeau (2008), que inclui a reportagem no gênero imprensa, sem especificar se ela seria um subgênero ou se enquadraria em outra possibilidade de classificação, tratamo-la como um gênero específico. Uma das características que lhes são próprias e que ressaltamos nesta pesquisa é a defesa de um ponto de vista; por essa razão, trata-se de gênero formador de opinião, de representações sociais.

Na revisão da literatura, a primeira constatação que fizemos e que consideramos importante para ser aqui comentada foi a problemática dos conceitos, característica em nossa área de pesquisa. Não conseguimos, por exemplo, verificar com segurança a distinção entre texto e discurso em Halliday e, por isso, recorremos a Meurer (1997), no capítulo I, para estabelecer diferenças entre esses conceitos e determinar como seriam empregados na pesquisa.

Os diferentes empregos de *modo* também nos chamaram atenção. Para Halliday & Matthiessen (2004), o *modo* faz parte do contexto situacional, enquanto, para Charaudeau (2008), *modo* equivale a princípio de organização da matéria linguística. Por isso utilizamos ambas as formas de tratar “modo”, mas em momentos diferentes de nossa análise: modo hallidayano na análise do contexto e modo, de acordo com Charaudeau, na análise textual.

Por meio da aplicação da teoria deste autor em relação aos modos de organização do discurso, identificamos que, realmente, do ponto de vista da sua organização, os textos são sempre heterogêneos. Na análise de nosso corpus, ao buscarmos através dos modos narrativo, descritivo e enunciativo as contribuições

para a defesa da proposta apresentada pela revista, deparamo-nos com segmentos que envolviam, ao mesmo tempo, mais de um modo de organização.

Quanto às qualificações do modo descritivo, por exemplo, consideramos que, em muitas situações, é difícil tentar separá-las do modo enunciativo – principalmente nos comportamentos alocutivo e elocutivo, pois não há como afirmar que as qualificações não estabelecem uma relação de influência e não demonstram o ponto de vista do locutor. O governo de Hugo Chávez, por exemplo, é caracterizado nas reportagens como uma “ditadura do ‘socialismo do século XXI’” (*Veja*, 07/11/2007, p. 88); e Chávez, tachado de coronel três vezes na reportagem 1 (p. 90, 96 e 100), como um presidente “eficiente em usar os mecanismos democráticos para acabar com a liberdade” (*Veja*, 07/11/2007, p. 98).

O que inicialmente poderia ser considerado um problema, serviu para nos mostrar que a separação dos modos de organização do discurso proposta por Charaudeau tem finalidade didática, mas, no uso da língua, todos os modos se interpenetram. No caso de nosso corpus, isso ocorreu com um objetivo determinado no início das reportagens: mostrar que o governo chavista é autoritário e personalista.

Para a defesa desse ponto de vista, foi fundamental o papel das orações a que nos propomos a estudar nesta análise: as orações projetadas. Por meio das citações e relatos, pudemos observar o esforço dos meios de comunicação em mostrar que não estão sós naquilo que defendem. É um meio eficiente de conseguir de forma mais fácil a adesão do leitor. Há uma proteção camuflada através das formas da língua.

No entanto, em outras situações, verificamos que as projeções, na grande maioria das vezes, não foram utilizadas com esse intuito de proteção. O que identificamos foi uma demonstração explícita de opinião. A revista não se preocupou em esconder como entende o governo do presidente da Venezuela. Aliás, foi tão clara em seu propósito que utilizou maneiras muito didáticas para bem vender uma representação de Hugo Chávez no poder. Nomeações, qualificações, enumerações, questionamentos, antecipações e estruturas de relato somaram-se em prol da defesa de uma tese anunciada no subtítulo de uma das reportagens.

Em relação às orações projetadas, também identificamos o predomínio de verbos de estrutura neutra. Com o uso desses verbos, a revista evita avaliar as

projeções; e, ao mesmo tempo, seleciona os fragmentos dos participantes que levam à tese defendida.

Além das estruturas tradicionais de projeção, citação e relato, destacamos outras estruturas em nosso corpus. Como tivemos dificuldades em encontrar teóricos que desenvolvessem o assunto abrangendo as múltiplas possibilidades de citar/relatar, e como acreditamos na importância que as projeções têm na análise de textos midiáticos, cremos que seja de extrema importância sistematizar o estudo do maior número possível de formas de citar/relatar.

As relações estabelecidas entre os participantes e a linguagem verbal e não-verbal utilizadas para apresentar as reportagens ao leitor também merecem destaque, pois trabalham com o verossímil capaz de levar à persuasão. Transpor, por meio da linguagem, uma possibilidade do real, constrói as diferentes representações que encontramos em nossa sociedade. Isso foi o que nos motivou a buscar, em uma enciclopédia virtual – *Wikipédia* –, dados sobre os companheiros de Chávez. Por se tratarem de informações de fácil acesso que são colocadas pelos internautas no meio virtual, conseguimos verificar as representações que circulam em nosso meio para construir um pensar coletivo.

É inegável, assim, que os meios de comunicação exercem sobre nós uma profunda influência. Muitas vezes, o conhecimento que temos sobre vários assuntos se restringe à forma como esses assuntos nos são apresentados por uma revista, um jornal, ou até mesmo pela televisão.

Na análise da representação do presidente Hugo Chávez pela revista *Veja*, é gritante o número de depoimentos contrários ao presidente. Assim, torna-se impossível ter uma visão diferente de Chávez. Quando constatamos qualquer depoimento que possa ser favorável à política em vigor na Venezuela, verificamos, pela leitura na íntegra da reportagem, que até mesmo esses depoimentos servem para reforçar aspectos negativos na gestão do presidente, pois “mesmo quem apanha os benefícios da adesão ao ditador [Chávez] torna-se prisioneiro de um esquema que exige submissão absoluta e provas frequentes de fidelidade” (*Veja*, 07/11/2007, p. 87).

Portanto, a teoria utilizada para desenvolver a análise se mostrou bastante eficiente para verificar de que forma *Veja* construiu uma representação negativa do presidente Hugo Chávez. A análise contextual e a análise textual – separadas em

nosso trabalho por uma questão didática – somam-se para mostrar o poder argumentativo dos diferentes tipos de linguagem.

Não poderíamos deixar de enfatizar as inúmeras contribuições que as aplicações das teorias utilizadas para analisar as reportagens, de forma adaptada, trariam para o ensino da língua portuguesa nas escolas. Chamar a atenção para o fato de que:

- as formas linguísticas revelam escolhas do produtor textual;
- as qualificações, localizações e nomeações podem trazer consigo mais do que simples informações dentro do texto;
- as projeções e os verbos de citação/relato, quando analisados, tornam a leitura mais eficiente;

já seria bastante significativo para melhorar a qualidade da leitura de nossos alunos. Estar ciente de que enxergamos possibilidades do real através de outros olhares, através da realidade moldada pela visão de mundo de quem a produz, além de tornar a leitura um processo mais eficiente, tornaria os cidadãos menos ingênuos diante das representações que encontramos na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BLOOR, T.; BLOOR M. **The functional analysis of English: a Hallidayan approach**. New York: Arnold, 1995.
- BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 79-102.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. On reporting reporting: the representation of speech in factual and fictional narratives. In: COULTHARD, M. **Advances in written text analysis**. London: Routledge, 1994.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUARESCHI, P. A. (Org.). **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. New York: Oxford, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2004.
- LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

MOTTA-ROTH, D. Enumeração e antecipação. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997, p. 97-122.

KINDERMANN, C. A.; BONINI, A. A reportagem jornalística: uma caracterização inicial do gênero a partir de exemplares publicados no Jornal do Brasil. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C. A.; RICHTER, M. G. (Orgs.). **Linguagem, cultura e sociedade.** Porto Alegre: Eficiência, 2006. p. 39-56.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn.** Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.

_____. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997, p. 13-28.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G.G. **Dicionário de Comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

TADROS, Angele. Predictive categories in expository text. In: COULTHARD, M. **Advances in written text analysis.** London: Routledge, 1994.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

Home pages:

WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 03/07/08.

VEJA ONLINE. Disponível em:
<[http:// vejaonline.abril.com.br](http://vejaonline.abril.com.br)> Acesso em: 08/07/08

ANEXOS

ANEXO A - REPORTAGEM 1 (07/11/2007)

Internacional

À sombra de *El Supremo*

Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela. Em Caracas, VEJA ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela ditadura do "socialismo do século XXI"

Diogo Schelp, de Caracas

Para quem não tem a memória pessoal de ter vivido sob uma ditadura, ouvir depoimentos de venezuelanos é uma experiência educativa – e sufocante. O regime que o presidente Hugo Chávez está construindo na Venezuela não apenas é autoritário como se propõe a criar uma nação à imagem e semelhança de seu governante. Nesse ponto, distante de ser a promessa de novidades "século XXI", como proclama, Chávez é fiel à tradição caudilhesca do continente. O estilo centralizador, a intolerância em relação a opiniões divergentes e, sobretudo, o modo como tenta transformar as instituições públicas em um apêndice de sua vontade e idiosincrasias parecem saídos das páginas de *Eu O Supremo*, a obra magistral do paraguaio Augusto Roa Bastos. O personagem do título é José Gaspar Rodríguez de Francia, "ditador perpétuo" do Paraguai no século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano.

Nas páginas seguintes estão as histórias de dez venezuelanos cuja vida foi transformada pelo chavismo. Elas comprovam que é impossível ficar imune a um regime como o de Chávez, um prepotente disposto a impor a sua visão de mundo a qualquer custo. Mesmo quem afeita os benefícios da adesão ao ditador torna-se prisioneiro de um esquema que exige submissão absoluta e provas freqüentes de fidelidade. Sobre os que discordam do governo, recai o peso do poder do aparato oficial, que corta o crédito dos empresários, proíbe os órgãos públicos de contratar opositores

A DITADURA EM FORMA DE LEI	
A nova Constituição oficializa a concentração de poderes na mão de Chávez e concede-lhe reeleição vitalícia, valendo-se de expressões dúbias que se prestam à interpretação que melhor convém ao presidente, como "construção do socialismo"	
O QUE DIZ A NOVA CONSTITUIÇÃO	O QUE ISSO SIGNIFICA
Art. 11 <i>O presidente da República poderá decretar Regiões Especiais Militares com fins estratégicos ou de defesa, em qualquer parte do território</i>	O país pode ser fragmentado com o objetivo de subordinar governadores e prefeitos à autoridade de um militar nomeado por Chávez
Art. 16 <i>A partir da comunidade ou comuna, o Poder Popular desenvolverá formas de agregação comunitária político-territorial (...). As comunas e os autogovernos comunais serão criados pelo presidente</i>	Um poder paralelo aos governos eleitos, como prefeituras, será controlado diretamente pelo presidente
Art. 115 <i>Por motivos de utilidade pública ou interesse social, (...) poderá ser declarada a expropriação de qualquer classe de bens</i>	A Constituição cria oito tipos de propriedade. O proprietário privado não pode recorrer à Justiça contra a expropriação

e pressiona a iniciativa privada a fazer o mesmo, e chega ao extremo de, à moda soviética, punir os filhos pelas posições políticas dos pais. A sufocante atmosfera política ganhou novas nuvens negras na semana passada, quando a Assembléia Nacional terminou de referendar um por um os artigos da proposta de reforma constitucional apresentada pelo presidente. Não foi uma empreitada difícil, pois todos os deputados são chavistas (a oposição boicotou a eleição parlamentar de 2005). Apenas uma meia dúzia se absteve por razões de consciência ([veja entrevista](#)).

A nova Constituição, que teve 20% de seus artigos alterados, dá sustentação legal às medidas autoritárias que Chávez vem colocando em prática desde que foi eleito pela primeira vez, em 1998. A centralização do poder nas mãos do presidente, a militarização do país e o desrespeito ao direito de propriedade não são novidades no governo do coronel. Agora, no entanto, foram institucionalizados na Carta Magna da Venezuela. Com um bônus: o mandato presidencial passa de seis para sete anos e pode ser renovado por tempo indeterminado nas urnas. Ou seja, Chávez pode agora aspirar à Presidência vitalícia. A Constituição será submetida à aprovação popular daqui a um mês. O processo é assim, acelerado, porque na Venezuela a Justiça Eleitoral está sob controle de funcionários leais a Chávez. No último referendo, esses quadros fiéis ao regime quebraram o sigilo do voto e permitiram que as informações fossem usadas pelo governo para punir os cidadãos que se opuseram ao presidente.

Para os venezuelanos, a confirmação da nova Constituição significará viver à sombra de um regime autoritário por um período cujas dimensões exatas talvez só possam ser traçadas pelo preço do petróleo. A exportação desse produto, cuja renda é controlada pessoalmente por Chávez, fornece os recursos que permitem ao governo comprar o apoio popular por meio de projetos assistencialistas. Nesse aspecto, o presidente venezuelano tem uma sorte do tamanho das reservas de seu país, que ocupam a sexta posição entre as maiores do planeta. O valor do barril ultrapassou nas últimas semanas a barreira dos 88 dólares, e a perspectiva é que chegue aos 100 dólares em breve. Quando Chávez foi eleito pela primeira vez, o barril valia apenas 10 dólares. A ascensão dos preços petrolíferos definiu desde o princípio o governo do coronel.

Nos últimos oito anos, seu governo passou por três fases. Na primeira, um ano depois de eleito, quando o preço do petróleo andava baixo, ele tratou de aprovar uma nova Constituição, escrita por ele próprio, que lhe permitiu colonizar com aliados a Suprema Corte, removendo esse obstáculo à sua pretensão de governar acima das instituições e da lei. O início da escalada no preço do petróleo permitiu a segunda fase, caracterizada pela invenção da "revolução bolivariana". Até hoje mal definida ideologicamente, essa expressão se traduziu na

<p>Art. 153 <i>Criação de um espaço geopolítico dentro do qual os povos e os governos de nossa América possam construir um só projeto supranacional, a que Simón Bolívar chamou uma Nação de Repúblicas</i></p>	<p>Chávez atribui-se o dever de interferir na política interna de países vizinhos</p>
<p>Art. 230 <i>O período presidencial é de sete anos. O presidente ou a presidenta da República pode ser reeleito ou reeleita de imediato para um novo período</i></p>	<p>O mecanismo permite a Chávez perpetuar-se no poder por meio de reeleições sucessivas</p>
<p>Art. 318 <i>O Executivo Nacional e o Banco Central da Venezuela, em estrita e obrigatória coordenação, fixarão as políticas monetárias</i></p>	<p>O Banco Central perde sua autonomia e passa a obedecer à vontade do presidente</p>
<p>Art. 337 <i>O presidente (...) poderá decretar o estado de exceção (...)</i></p>	<p>Não há restrição ao direito de Chávez de decretar, pelo tempo que quiser, o estado de exceção, com suspensão de direitos individuais e de imprensa</p>

prática pela expansão do clientelismo político. Chávez criou as *misiones*, programas assistencialistas que estabeleceram uma dependência concreta entre a população pobre e a figura onipresente do pai da pátria. As *misiones*, que incluem desde cooperativas até a alfabetização de adultos, são vinculadas diretamente a Chávez e consistem basicamente em uma fórmula para distribuir pequenas quantias de dinheiro aos participantes. Para sustentar esses programas, o presidente apropria-se das reservas internacionais do país e de um fundo formado por parte do lucro da PDVSA, a estatal do petróleo. Essa despesa não necessita da aprovação da Assembléia Nacional.

A terceira fase do governo chavista começou dois anos atrás, com o anúncio de que seu objetivo era a construção do "socialismo do século XXI". O elemento ideológico mais evidente desse conceito é o desejo de Chávez de concentrar o poder em suas mãos pelo maior tempo possível. Um mito proclamado pelos chavistas é o de que o discurso "bolivariano" do presidente tem o apoio da maioria dos venezuelanos. Uma pesquisa de opinião pública feita pela Universidade Central da Venezuela (UCV), em Caracas, mostra uma realidade mais crua. A identificação com Chávez de grande parcela dos venezuelanos, sobretudo os mais pobres, é pessoal e destacada de sua retórica ideológica. Os venezuelanos gostam de Chávez por três motivos. Primeiro, porque ele se parece com as pessoas do "povo", por ser mestiço. Segundo, porque acreditam que ele dá voz aos pobres. Terceiro, porque vêem nele os valores morais, familiares e religiosos que mais prezam. "Os mesmos cidadãos que se identificam com Chávez discordam dos ataques do presidente à propriedade privada, não gostam da militarização do país e sentem calafrios só de pensar em ver a Venezuela repetir a experiência cubana", diz o sociólogo Amalio Belmonte, um dos autores do estudo.

Essa dissociação entre a figura do presidente e suas políticas é própria de ditaduras personalistas, que têm no argentino Juan Domingo Perón, no mexicano Antonio López de Santa Anna e no paraguaio Francia alguns de seus expoentes históricos. Um regime personalista, diz o sociólogo venezuelano Trino Márquez, costuma caracterizar-se por quatro princípios. O primeiro é a idéia de que o governante é o único capaz de liderar a nação para um futuro melhor. A noção de que o ditador é insubstituível é perniciosa porque o leva a acreditar que pode fazer qualquer coisa. No mês passado, Chávez mandou cancelar uma apresentação do cantor espanhol Alejandro Sanz em um teatro público de Caracas apenas porque o músico havia criticado seu governo. O segundo princípio do personalismo é que, independentemente de haver ou não respaldo popular para o regime, o governante necessita cimentar sua força política no controle das Forças Armadas ou de milícias de civis armados. Chávez tem os dois. Sua milícia bolivariana, em que ele espera um dia reunir 2 milhões de homens e mulheres, tem até escritórios dentro das universidades bolivarianas, instituições de ensino superior criadas por Chávez para formar a futura elite de seu "socialismo do século XXI".

Quanto às Forças Armadas, Chávez acaba de conquistar, com a reforma constitucional, o direito de decidir pessoalmente a promoção de todos os militares, dos sargentos aos generais. A Venezuela, sob Chávez, tornou-se o segundo país com o maior gasto militar da América do Sul, depois da Colômbia. Recentemente, Chávez comprou 24 caças supersônicos russos Sukhoi, cinquenta helicópteros e 100.000 fuzis Kalashnikov, entre outros equipamentos. Quem Chávez pretende enfrentar com esse arsenal? Certamente não os Estados Unidos, apesar de sua retórica antiamericana. Tampouco servirá para invadir a Bolívia, como já prometeu fazer caso seu amigo Evo Morales seja apeado do poder. "Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender", diz o especialista militar Fernando Sampaio, professor da Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre. "Portanto, o mais provável é que Chávez esteja se armando para se proteger de seu próprio povo, no dia em que os venezuelanos se cansarem dele."

O terceiro princípio de um regime autoritário personalista é a destruição do estado de direito, já que todas as instituições públicas têm de se submeter à vontade do governante. Na Venezuela, além dos deputados, os juízes, as autoridades eleitorais e até os promotores públicos obedecem às ordens de Chávez. O coronel não apenas nomeou chavistas para os cargos mais altos dessas carreiras como tem o poder de demitir magistrados, já que 80% deles têm contratos temporários com o estado. O quarto elemento personalista, comum no chavismo, é o culto à imagem do líder. Chávez desenvolve esse seu lado narcisista de três maneiras. A primeira consiste em expor seu rosto em tamanho gigante em painéis, murais e até nas laterais dos ônibus nas ruas das cidades venezuelanas. A segunda maneira é sufocando os cidadãos com sua presença intermitente em pronunciamentos no rádio e na TV – ele controla o conteúdo de nada menos que oito canais abertos. A terceira forma de culto à personalidade é apresentar-se como o herdeiro histórico de Simon Bolívar, cuja obra de construção de uma grande nação sul-americana Chávez pretende concluir. Não há entre os brasileiros nenhum herói que receba a idolatria dedicada a Bolívar na Venezuela. Chávez espertamente chamou seu governo de "revolução bolivariana", implicitamente colocando seus opositores na condição de traidores da pátria. É irônico que Chávez seja amigo de Fidel Castro e elogie seu regime marxista, visto que Karl Marx simplesmente desprezava Bolívar. Em carta a seu amigo Friedrich Engels, o ideólogo do comunismo escreveu: "Simon Bolívar é o canalha mais covarde, brutal e miserável".

Como na ditadura de Fidel Castro, Chávez adotou o preceito de que o país entrou em processo de revolução permanente. Está escrito em sua nova Constituição que os meios de participação política do povo (como o voto) devem servir ao propósito da construção do socialismo. A estratégia de Chávez consiste em manter o país em uma transição constante. Isso cria uma sensação ambígua de insegurança e esperança, o que ajuda o presidente a manter as instituições e as massas sob seu controle. O perigo do narcisismo aliado ao autoritarismo é o de Chávez atribuir-se tarefas quase divinas, como a de formar um "novo homem" inspirado em si próprio. "Nesse ponto, Chávez se parece muito com o paraguaio Francia, que chegou a proibir o casamento das jovens brancas com descendentes de espanhóis porque queria criar uma nação mestiça", disse a VEJA o cientista político americano Paul Sondrol, especialista em ditaduras latino-americanas da Universidade do Colorado. A Revolução Russa tinha ambições similares, como escreveu Leon Trotsky em 1916: "Produzir uma versão melhorada do homem, essa é a tarefa futura do comunismo". A tentativa soviética de extirpar do novo homem tudo o que fosse humano e natural resultou, como era de esperar, no fim do comunismo e na sobrevivência do que é humano e natural.

Eficiente em usar os mecanismos democráticos para acabar com a liberdade, Chávez também tem se mostrado capaz de sucatear a economia do país. A afirmação pode parecer contraditória para uma nação cujo produto interno bruto cresce a taxas superiores a 10% ao ano. Mas se justifica quando se levam em conta os fatores que têm alimentado essa expansão. A economia venezuelana cresce graças ao aumento da receita petrolífera e do gasto público. "Em uma economia com muita liquidez e consumo elevado como a nossa, é natural que alguns empresários estejam ganhando muito dinheiro", diz o ex-ministro do Desenvolvimento Urbano da Venezuela Luís Penzini Fleury. "O problema é que as ameaças de estatização, o controle de preços, as importações maciças e os subsídios concedidos a uma parcela da população afastam qualquer interesse dos empresários em fazer novos investimentos", completa Penzini. Resultado: os venezuelanos nunca compraram tanto (a venda de carros no acumulado deste ano já superou em 50% o total de 2006), mas a oferta não está dando conta da demanda porque as empresas não investem na ampliação da produção. Não é sem razão. Quem vai querer investir em um país onde há poucos meses o governo estatizou as principais empresas de telefonia e de energia e fechou um dos maiores canais de TV por razões políticas?

O investimento externo direto na Venezuela é negativo – ou seja, há mais empresários retirando o capital investido do que apostando suas fichas no país. As poucas empresas que ainda se arriscam são construtoras, bancos e shopping centers. As vendas nos shoppings venezuelanos aumentaram quase 30% no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. A demanda interna é tal que as importações vindas dos Estados Unidos – o grande demônio imperialista, segundo Chávez – aumentaram 40% entre 2005 e 2006. O crescimento das importações não é suficiente para evitar a falta de itens básicos nas gôndolas dos supermercados venezuelanos, uma decorrência direta do congelamento de preços instituído pelo governo numa tentativa tosca de conter a inflação, que deve fechar o ano em 20%, a maior da região. O resultado, na semana passada, eram filas de até seis horas para comprar leite nos mercados estatais. O racionamento de alimentos é um dos primeiros sinais daquilo que os venezuelanos mais temem: a transformação da Venezuela em uma nova Cuba.

A ATRIZ DE NOVELAS OUSOU PROTESTAR...

Atriz de sucesso e candidata ao Miss Venezuela de 1994, **Fabiola Colmenares** acaba de descobrir que a beleza e a fama não garantem imunidade à perseguição ideológica do governo chavista. No fim de outubro, quando se preparava para estrear sua 15ª novela, a atriz foi sumariamente demitida pela Venevisión, emissora na qual trabalhava havia catorze anos. Não foi feito segredo sobre o motivo: ela foi punida por ter participado de protestos contra a reforma constitucional. "O país mudou muito com o governo Chávez. Qualquer pessoa que discorde dele é imediatamente discriminada e desqualificada", diz a atriz de 33 anos *(na foto, Fabiola no pátio da Assembléia Nacional)*.

Fotos Anderson Schneider/WPN



OS SERVOS FIÉIS DA REVOLUÇÃO



Talvez o mais vistoso programa social do governo Chávez seja a universidade bolivariana. Nela, o regime espera formar a próxima geração de líderes chavistas. Os alunos são jovens pobres que dificilmente teriam a possibilidade de estudar em uma boa universidade, ainda que pública. O estudante de direito **Erick Morales**, 19 anos, é filho de um mecânico e de uma escriturária. Ele recebe uma bolsa equivalente a 300 reais mensais para continuar estudando. "Olhe no rosto dos estudantes das universidades tradicionais e você verá descendentes de espanhóis, portugueses e italianos", diz Erick. "Eles formam um grupo minoritário que quer manter seus privilégios, numa luta de classes contra nós, jovens mestiços." Para Erick, o grande mérito de Chávez é ter usado a renda do petróleo para ajudar os pobres.

EXPULSO DA PRÓPRIA EMPRESA

Rafael Alfonzo Hernández é herdeiro de uma das maiores indústrias de alimentos da Venezuela, a Alfonzo Rivas. Em 2002, ele apoiou a greve geral que quase levou à queda de Chávez e, no mesmo ano, participou das negociações montadas para colocar panos quentes na tensa relação entre empresários e governo. Sua identificação como opositorista se tornou uma ameaça à sobrevivência da empresa. Em 2003, Hernández foi forçado a deixar a presidência do grupo industrial fundado por seu avô. Hoje, ele é membro de uma ONG de pesquisas econômicas. "A prioridade do empresário é a sobrevivência imediata de seu negócio. Não há mais estratégias a longo prazo, e um dia o país vai pagar caro por isso", diz Hernández.



O PAI FEZ GREVE, A FILHA É PUNIDA



O governo Chávez dividiu a família de **Angela Beatriz Sposito Falcón**, 20 anos, estudante de psicologia na Universidade Central da Venezuela. Seu pai foi demitido da PDVSA, a estatal do petróleo, depois da greve de 2002. Sem conseguir emprego e ameaçado de prisão, ele

exilou-se nos Estados Unidos. Com o pai fora de alcance, o regime chavista vingava-se na filha, que só tinha 15 anos quando ocorreu a greve. "Não posso trabalhar no governo, e meu pedido de bolsa de iniciação científica foi negado porque meu pai está na lista negra de Chávez", conta Angela. Ao solicitar uma bolsa de estudos, o estudante preenche um formulário oficial com perguntas ideológicas. Qualquer restrição ao governo Chávez é motivo para desqualificação. "Com este governo, eu não vejo futuro para mim no meu país", diz Angela.

O EMPRESÁRIO AMIGO VAI BEM, OBRIGADO

Nos últimos quatro anos, as importações venezuelanas cresceram 200%. Para aproveitar a explosão de consumo, um empresário precisa da boa vontade do governo para obter dólares. Os negócios de **Majed Khalil**, cuja família é dona de uma indústria de pescado enlatado e de uma importadora de produtos eletrônicos, vão muito bem. Em seu escritório em Caracas, Khalil mantém fotos suas com o presidente Chávez e uma biografia em quatro volumes de Simon Bolívar. "Não é verdade que o governo está contra o empresário", diz. "Vejo justamente o contrário. As regras do jogo são claras, e Chávez tem nos chamado a trabalhar com ele."



NO MUNDO DE FAZ-DE-CONTA DO CONGELAMENTO



Trinta e cinco por cento do volume de vendas dos supermercados corresponde a mercadorias com preços congelados pelo governo. Apesar da inflação de dois dígitos, alguns itens básicos estão sem reajuste há três anos. O resultado inevitável são o desabastecimento e filas quilométricas nas lojas estatais, que vendem artigos básicos a preços subsidiados. "Quando

recebemos leite, só podemos vender 1 litro por pessoa", diz **José de Souza**, dono de uma cadeia de supermercados em Caracas. "O pernil de porco, que pela tabela deve ser vendido a 4 000 bolívares, só é encontrado no mercado negro por 30 000 bolívares", exemplifica Souza.

Para não vender com prejuízo, o supermercado processa a carne para transformá-la em produto que escape ao tabelamento. O pernil de porco pode ser defumado, por exemplo, e assim vendido com lucro.

EDUCAÇÃO FORA DO TOM



O colégio Emil Friedman, de Caracas, é reconhecido pela ênfase no ensino de artes. Com a média de um professor de música para cada grupo de doze alunos, a escola mantém duas orquestras. Até os figurões do governo chavista preferem matricular os filhos nessa instituição. Esse centro de excelência está agora ameaçado pelo Sistema Educativo Bolivariano, criado pelo presidente para formar alunos com "idéias revolucionárias". As escolas que não se adequarem ao novo currículo correm o risco de perder a licença de funcionamento e de ser expropriadas. "Este governo parece acreditar que, controlando a educação, conseguirá criar uma massa acrítica, capaz de aceitar todas as medidas de Chávez", diz **Pablo Argüello**, diretor do Emil Friedman.

NO SERVIÇO PÚBLICO, SÓ DE CAMISA VERMELHA



Uma das obrigações do funcionalismo público na Venezuela é atuar como cabo eleitoral de Hugo Chávez. Quem não aceita esse papel é punido. A engenheira **Magris Tovar Hiller**, 30 anos, trabalhou durante um ano e meio na Fundação Viviendas, da prefeitura central de Caracas, até se recusar a vestir a camisa vermelha do chavismo. "Fui demitida em 2005 por me negar a sair às ruas em manifestações a favor de Chávez", conta Magris. Seu emprego seguinte foi em empreiteiras com contratos governamentais. Dessa vez foi ela que pediu demissão, escandalizada com a corrupção existente entre empreiteiras e funcionários chavistas. Hoje, Magris trabalha numa construtora que não aceita obras públicas.

SEM DIREITO A VOZ

Processar jornalistas é uma das estratégias adotadas pelo regime chavista para calar a oposição. "Como não há independência de poderes na Venezuela e o governo também controla os juízes, somos submetidos a verdadeiros julgamentos kafkianos", diz **Marianella Salazar**, radialista e colunista do jornal *El Nacional*. Ela corre o risco de acabar na cadeia por ter denunciado planos governamentais de se equipar para a guerra eletrônica. Devido às ameaças de morte feitas por militantes chavistas, há cinco anos Marianella não sai sem sua escolta de guarda-costas.



DENGUE TRATADA COM ASPIRINA

Hugo Chávez criou um sistema de saúde paralelo, chamado Misión Barrio Adentro, feito com médicos emprestados pelo governo cubano e financiado com dinheiro do petróleo. "Os médicos cubanos nem sequer têm o diploma reconhecido no nosso país, e, ainda assim, seu piso salarial é 30% mais alto que o nosso", diz **Teresa Milagros**, 28 anos, médica-residente em um hospital público de Caracas. "As conseqüências são sérias, pois os cubanos erram nos diagnósticos e os pacientes acabam recorrendo aos hospitais tradicionais, sobrecarregando o sistema de saúde." Teresa já atendeu um paciente com dengue que tinha sido medicado com aspirina por um médico da Misión Barrio Adentro. Chávez não vê com bons olhos as clínicas privadas. Ele ameaça nacionalizá-las e chama os seus donos de "mercenários".



"NÃO QUERO UMA DITADURA DO PROLETARIADO"

O deputado Ismael García é secretário-geral do Podemos, o único partido da Assembléia Nacional venezuelana que se opõe à reforma constitucional que dá poderes ditatoriais a Chávez. Trata-se de uma oposição sui generis, já que García, assim como seus colegas de partido, é chavista e apóia o governo do coronel desde o seu início. O deputado concedeu a seguinte entrevista a VEJA em Caracas:

Por que o senhor, membro da bancada chavista, ficou contra a reforma constitucional proposta por Chávez?

Essa reforma impõe medidas que permitem ao estado venezuelano passar por cima do povo. Infelizmente, apenas oito deputados, inclusive eu, se opõem à reforma. Isso significa que ela seria aprovada de qualquer jeito, o que é muito grave. A Constituição é o contrato social de uma nação, a carta de navegação do país. Por isso, é necessário haver consenso na sociedade para mudá-la da maneira como o governo de Hugo Chávez quer. O que se está propondo é muito mais que uma reforma, é uma nova Constituição. Essa Assembléia não tem mandato popular para isso. O governo está impondo uma visão que não é a da maioria do país.

Que visão é essa?

O estado que o novo texto constitucional cria, a meu ver, não é socialista, ao contrário do que diz o governo. O que está sendo criado é um estado todo-poderoso que, entre outras coisas, pisoteia o direito do povo de escolher seus representantes, princípio fundamental de uma democracia. A nova Constituição permite ao presidente da República passar por cima da autoridade de prefeitos e governadores eleitos pelo povo. Isso será feito por meio das comunas, cujos representantes não são escolhidos pelo voto, mas por assembleias populares, manipuladas por quem detém o controle do aparato de estado. Nós apoiamos Chávez, mas somos contra essa atitude autoritária. Vivemos um momento de muita intolerância política no país.

Chávez chamou o senhor e seus colegas de "traidores, covardes, duas caras, corruptos, ambiciosos e mesquinhos". Como o senhor vê esses adjetivos?

O presidente reagiu à nossa posição fazendo comentários com o objetivo de nos desqualificar. Não respondi da mesma maneira. Em uma sociedade democrática devem existir diversidade e pluralidade de opiniões. Não posso desqualificar uma pessoa apenas porque ela pensa de forma diferente. O linguajar de um presidente não pode ser assim, ainda mais quando se refere a nós, uma força política absolutamente leal e que apoiou o programa de governo de Chávez sem exceções. Uma Constituição, no entanto, não é um plano de governo, que pode mudar de mandato em mandato. Não pode conter artigos que pensávamos estar eliminados de nossa história, como o que prevê o fim da liberdade de expressão no caso de o presidente declarar estado de exceção.

Qual é sua opinião sobre a reeleição indefinida para presidente?

Para haver reeleição indefinida, seria ao menos necessário haver um sistema de pesos e contrapesos entre os poderes do estado venezuelano. Isso não existe. O Executivo venezuelano controla tudo. Até as manifestações de estudantes são reprimidas à força. Chávez está usando as Forças Armadas para dar um golpe de estado na Constituição. Eu sou um homem de esquerda, mas não quero uma ditadura do proletariado. Defendo um socialismo democrático, não um socialismo de estado. Não podemos aceitar um modelo que já fracassou em outros países.

ANEXO B - REPORTAGEM 2 (12/03/2008)

Especial

Por que Chávez quer a guerra

O uso das Farc para desestabilizar a região tem um entrave: a Colômbia está vencendo o terror

Thomaz Favaro

Montagem sobre fotos Reuters

**EM PÉ DE GUERRA**

Tropas do Equador marcham para a fronteira com a Colômbia: reação exagerada, instigada por Hugo Chávez

O destempero verbal é uma característica dos caudilhos fanfarrões e, na maior parte das vezes, não deve ser tomado ao pé da letra. A saraivada de insultos e ameaças disparados por Hugo Chávez contra o governo da Colômbia pertence a uma dimensão mais perigosa – aquela na qual trafega o projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina, único lugar do mundo onde essas sandices que envenenaram o século XX ainda parecem ter algum fôlego. A verborragia do presidente venezuelano é um elemento da estratégia de fomentar tensões na região. Caso os colombianos caíssem na armadilha de reagir à mobilização de tropas venezuelanas, na semana passada, Chávez talvez tivesse conseguido o que queria. Ele desejava uma escalada militar. Nas sombras, por procuração, Chávez já se envolveu na luta armada contra o governo democrático do país vizinho. O governo chavista é hoje o principal patrocinador político e financeiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). A esquerda radical da América Latina, liderada por Chávez, sonha usar essa organização, cuja especialidade são os seqüestros e o narcotráfico, para criar um clima de guerra que cause a desestabilização dos governos democráticos do continente. Ironicamente, a oportunidade para tocar esse projeto foi fornecida por uma nova derrota do terrorismo.

Na madrugada de sábado, primeiro dia de março, um ataque aéreo colombiano devastou um acampamento das Farc instalado nas matas do Equador, a menos de 2 quilômetros da fronteira com a Colômbia. O bombardeio matou Raúl Reyes, o segundo na hierarquia da organização, e 22 de seus companheiros. Reyes era um dos sete membros do secretariado, o comando central das Farc. Dos escombros do acampamento, os militares colombianos recolheram o corpo do chefe terrorista e três computadores portáteis cujo conteúdo se revelou explosivo. Nos arquivos digitais estava a correspondência interna da organização. Nela se pode ler que Chávez entregou ou iria entregar 300 milhões de dólares ao terror e que eram excelentes as relações com o governo do presidente do Equador, Rafael Correa (*veja quadro*).

Chávez pranteou o morto com um minuto de silêncio em seu programa semanal de televisão. Em seguida, pôs-se a divagar sobre a longa amizade existente entre eles. Contou que, depois de deixar a prisão (fora preso como cabeça de um golpe militar fracassado), em 1994, compareceu a uma reunião do Foro de São Paulo, em El Salvador. Ali teve a oportunidade de conhecer Lula, então apenas um líder de oposição, e também o terrorista Reyes. O ataque colombiano constituiu-se em inquestionável violação do território do Equador. Mas o episódio teria ficado por aí, tivesse os dois países igual interesse em reprimir o narcoterrorismo – coisa que, sabe-se agora, não está nos planos do Equador. Em 1998, tropas colombianas utilizaram, sem permissão, uma pista do Exército brasileiro no Amazonas para atacar guerrilheiros na Colômbia. Houve protesto oficial do Brasil, a Colômbia se retratou publicamente e o incidente encerrou-se sem maiores percalços.

Dada a oportunidade, Chávez fez soar as "trombetas da guerra", como disse seu mentor Fidel Castro. Mobilizou tropas, fechou as fronteiras e rompeu relações diplomáticas. Equador, Bolívia e Nicarágua, estados clientes de Caracas, fizeram o mesmo. Com a ajuda diplomática do Brasil e de outros países, o contencioso foi levado à Organização dos Estados Americanos (OEA). Saiu dali um acordo morno, que reafirmou a inviolabilidade das fronteiras, mas não condenou a Colômbia. O balanço do episódio desnuda uma distorção de valores existente no continente. "Dez anos atrás, financiar um grupo terrorista em um país vizinho com dinheiro público, como faz a Venezuela, seria uma atitude impensável e absolutamente condenável por qualquer regime", observa o boliviano Eduardo Gamarra, diretor do Centro para a América Latina e o Caribe da Universidade Internacional da Flórida. Hoje, Chávez faz isso com naturalidade, como se a promoção do terror fosse um direito natural de cada governante.

O presidente Chávez diz que seu objetivo é unir toda a América do Sul em um único país, projeto que ele atribui a Simon Bolívar, o herói venezuelano do século XIX. A diferença entre o presidente venezuelano e outros líderes esquerdistas com delírios similares é que Chávez tem poder econômico para bancar aventuras. "Por falta de recursos, Fidel Castro foi forçado a restringir o financiamento e o treinamento de grupos guerrilheiros", diz o ensaísta peruano Álvaro Vargas Llosa. "Como tem dinheiro, Chávez partiu para um patamar superior, influenciando diretamente grupos e países." Sob a fachada da solidariedade bolivariana, Chávez busca estabelecer relações de dependência com os vizinhos. Na Bolívia, ele financiou a carreira de seu clone, Evo Morales. Rafael Correa é grato pelo petróleo equatoriano que a Venezuela refina a preços camaradas. "Não por acaso, os países mais subalternos a Chávez, a Nicarágua e a Bolívia, são justamente aqueles que mais necessitam de sua ajuda econômica", aponta o venezuelano Elias Pino, da Universidade Católica Andrés Bello, em Caracas.

Chávez identifica na Colômbia o maior obstáculo a seu plano de expansão da revolução bolivariana, especialmente na América do Sul. O país é uma democracia, usufrui economia próspera e se tornou um aliado-chave dos Estados Unidos. O povo apóia majoritariamente o governo do presidente Álvaro Uribe e o sistema democrático. Quer distância do chavismo e de outras excentricidades. A Colômbia é exatamente o contrário de

tudo aquilo que Chávez acredita e defende. O presidente da Venezuela sabe que, enquanto as Farc mantiverem a campanha de terror, não apenas o presidente Uribe mas a própria Colômbia estarão impedidos de exercer um papel de liderança na região. Apesar do dinheiro fácil do petróleo, a economia da Venezuela anda mal das pernas. A população está irritada com a inflação, com a escassez de produtos básicos e com o aumento da criminalidade. O presidente precisa desviar as atenções para um inimigo externo. Ao que parece, sem sucesso. Pesquisas mostram que 85% dos venezuelanos discordam de seu comportamento nessa crise. Talvez ele tenha apostado no cavalo errado. As Farc têm sido impiedosamente surradas pelo Exército colombiano. Apesar de a ajuda venezuelana ter lhes dado algum fôlego, o cerco aperta. Apenas três dias depois da morte do número 2, foi morto Ivan Rios, o número 3 das Farc. Por isso, todos se perguntam onde anda Manuel Marulanda, o chefe supremo da organização. Os boatos são de que se refugiou na Venezuela, sob as asas de Hugo Chávez.

Com reportagem de Alexandre Salvador

O que diz o laptop de Reyes



Os três computadores portáteis de Raúl Reyes, o número 2 das Farc, recolhidos pelos militares colombianos, são uma fonte de informações sobre os bastidores do terrorismo como poucas vezes se viu. Pela leitura dos arquivos digitais percebeu-se que o acampamento servia como uma minicentral terrorista internacional. A correspondência entre o secretariado das Farc e Hugo Chávez confirma a ajuda financeira do presidente venezuelano. Os terroristas receberam 300 milhões de dólares e a oportunidade de criar empresas de investimentos na Venezuela, com possibilidade de obter contratos públicos no país. Chávez, veja só, tem uma dívida de gratidão pelos 150 000 dólares presenteados pelas Farc quando ele esteve preso. Registros comprometedores mostram que o presidente Rafael Correa enviou seu ministro de Segurança Interna e Externa, Gustavo Larrea, para "oficializar as relações com a direção das Farc". Correa estaria disposto a "trocar comandos da força pública com comportamento hostil" às Farc na região. Em troca, pediu às Farc que coordenassem "cursos de organização de massas para nativos da fronteira". O Brasil é mencionado nos documentos como um dos possíveis membros do Grupo Bolívar, conjunto de países que reconheceriam as Farc como força beligerante e receberiam terroristas em seu território. A diplomacia terrorista não se

limitava à América Latina. As Farc mantinham contatos com partidos comunistas europeus e com os terroristas bascos da ETA. Com base num dos arquivos de Reyes, a polícia tailandesa pôde prender, na semana passada, o mais notório traficante internacional de armas, o tadjique Victor Bout. Um sinistro fornecedor de armamentos para as Farc e para as guerras tribais africanas, ele serviu de inspiração para o personagem vivido por Nicolas Cage no filme *O Senhor das Armas*.

O lado B da diplomacia

O Brasil fez tudo certo na crise atual, mas participa de foro que inclui as Farc e segue orientações do grupo

Naiara Magalhães

Ricardo Stuckert/PR



"FILHO NOSSO"

Lula na comemoração do aniversário de quinze anos do Foro de São Paulo, grupo que ele ajudou a fundar

No auge da crise Colômbia-Ecuador, enquanto o governo brasileiro se empenhava na tentativa de baixar a temperatura, o assessor da Presidência da República Marco Aurélio Garcia se esforçava para elevá-la. Em entrevista ao jornal francês *Le Figaro*, o encarregado de Lula para assuntos internacionais elogiou o envio de tropas pela Venezuela e pelo Ecuador à fronteira com a Colômbia, fez cafuné nas Farc ao dizer que o Brasil não classifica a organização como terrorista, mas tem uma posição "neutra" em relação a ela, e cobrou (mais) desculpas de Bogotá pela invasão do território equatoriano. Ao deixar Marco Aurélio morder em público, enquanto assopra nos bastidores, Lula exercita seu conhecido estilo ambíguo: age pragmaticamente com correção, mas não deixa de fazer umas embaixadinhas para a platéia. Nesse caso, uma platéia nacionalista, castrista, chavista e simpática à narcoguerrilha, que tanto o presidente quanto Marco Aurélio conhecem muito bem.

Em 1990, inspirados por Fidel Castro, Lula, então presidente do PT, e seu hoje assessor especial fundaram o Foro de São Paulo, grupo que reúne partidos e organizações latino-americanos de esquerda em torno de três ideologias: o antiamericanismo, o nacionalismo de cunho autoritário e a solidariedade à Cuba castrista. Criado para ser uma base de influência do PT na América Latina e demonstrar apoio a Fidel, o Foro incluía – e ainda inclui – entre seus participantes representantes das Farc e do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), do Chile. É exagero dizer que o Foro de São Paulo pauta a política latino-americana na última década. Mas é fato que muitas das posições defendidas pelo Foro são adotadas em parte ou no todo por governos de esquerda no continente. O próprio governo Lula tem atitudes que sugerem a influência, em graus variados, dos radicais do Foro – esse

"filho nosso", como Lula chamou a entidade no discurso que fez em 2005, em São Paulo, em comemoração a seus quinze anos de existência.

Para o sociólogo Demetrio Magnoli, o Foro de São Paulo não tem caráter operacional, está longe de definir as diretrizes da política externa brasileira, ou latino-americana, e perdeu seu sentido original, que era ostentar apoio ao regime cubano num momento em que o Muro de Berlim ruía e a União Soviética estava com os dias contados. Ainda assim, permanece como um palco conveniente para que Lula exercite sua retórica esquerdista e se fortaleça perante sua base política mais radical. A relação de Lula com o Foro, diz o sociólogo, é mais uma mostra da duplicidade de orientação que caracteriza a política externa brasileira, que tem como corolário uma série de "omissões vergonhosas" da parte do governo petista. Exemplifica Magnoli: "Por causa dessa política ambígua de Lula, o Brasil condena os seqüestros e assassinatos cometidos pelas Farc, mas não diz que a organização é ilegítima. Posa de mediador nas crises, mas não critica o fato de Chávez interferir na política interna da Colômbia nem repreende o uso de territórios da Venezuela e do Equador pelos guerrilheiros". Até agora, sempre que defronta com uma situação-limite na América Latina, como a crise da semana passada, Lula tem feito a coisa certa e falado (além de deixar falar) tolices inspiradas pelos documentos do tal Foro de São Paulo. Ainda bem que a ação é mais forte que a palavra. Ao agir com sabedoria e comedimento, Lula contribui, talvez até sem querer, para distanciar ainda mais sua imagem da de Hugo Chávez, o fanfarrão venezuelano.

Sob o domínio das Farc

Ao dar guarida aos terroristas, Chávez expôs os venezuelanos a seqüestros e assassinatos

Duda Teixeira, de San Cristóbal, Venezuela



Anderson

Schneider/WPN

CRIME DE EXPORTAÇÃO
Militar revista porta-malas de carro que entra na Venezuela por San Antonio del Táchira: comércio bloqueado e guerrilha com livre acesso



Perseguidos pelo Exército colombiano, os terroristas das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) estão sendo recebidos de braços abertos na Venezuela. No país vizinho, ganham o status de força beligerante, e a morte de um de seus chefes mereceu até um minuto de silêncio, homenagem prestada pelo presidente da nação diante das câmeras de televisão. Nos últimos nove anos, período que coincide com o mandato de Hugo Chávez no Palácio Miraflores, bandos armados cruzaram a fronteira levando na bagagem seu programa

político: extorsões, seqüestros e assassinatos. Três estados venezuelanos que fazem fronteira com a Colômbia estão infestados de narcoterroristas. O fluxo de criminosos colocou os dois países vizinhos em cenários opostos. Enquanto os colombianos aguardam ansiosamente o momento de sair de um pesadelo, os venezuelanos vivem os primeiros momentos de uma guerra não declarada, sem prazo para terminar.

As principais vítimas das levadas de terroristas são pequenos comerciantes, sitiados, estudantes e taxistas venezuelanos. A população da cidade de Rubio, no estado de Táchira, está totalmente sitiada. Com cerca de 120 000 habitantes, recebeu seis anos atrás a visita de dois hóspedes indesejados: um é o Exército de Libertação Nacional (ELN), organização colombiana similar às Farc, só que com menor número de homens armados. Outro são os pistoleiros de uma milícia de paramilitares criada exatamente para proteger os cidadãos dos guerrilheiros comunistas na Colômbia e que acabou por adotar as táticas criminosas de seus inimigos. Ao chegarem à pequena cidade, os dois bandos optaram por não entrar em choque. Ambos instalaram-se em morros à distância de um tiro um do outro, e com vista para o município. Fraternalmente, decidiram que o ELN iria achacar os agricultores e outros moradores da zona rural e os paramilitares limitariam sua rapina à população urbana. Seqüestros imediatamente entraram na rotina dos venezuelanos. "Os bandos mudaram a cidade da noite para o dia. Amanhecemos com corpos nas ruas e o assassino não tem mais rosto", disse a VEJA o veterinário Porfírio Dávila, de 38 anos. Em 2003, seu pai, um pequeno produtor rural, foi seqüestrado ao estacionar o jipe em frente a seu sítio, vizinho ao morro dominado pelo ELN. Dávila passou a receber ligações de pessoas com sotaque colombiano pedindo um resgate equivalente a 500 000 reais pela libertação de seu pai. Respondeu que sua família não tinha quantia tão alta. As chamadas cessaram depois de um mês e meio. "Eles libertam os ricos que pagam o resgate e não hesitam em matar os pobres que não podem pagar o que pedem", diz Dávila, que mantém as esperanças de reencontrar seu pai.



SEM AMPARO
O oficial de Justiça Juan Pabón teve a mãe e o irmão seqüestrados pela própria polícia venezuelana: "Chávez recebe os familiares dos seqüestrados colombianos no hotel Gran Meliá, em Caracas. Nós não conseguimos sequer conversar com ele pelo telefone"

Outra forma de os pistoleiros ganharem dinheiro é a extorsão. No estado de Táchira, todos estão familiarizados com a "vacina", que consiste no pagamento de uma taxa mensal para não ser incomodado pelos criminosos. Taxistas dão cerca de 10 reais por mês, o equivalente a uma corrida. Com comerciantes, as negociações sobre o preço a ser pago começam no equivalente a 1 300 reais. "Um homem armado e de óculos escuros entrou na loja, chamou-me pelo nome, disse onde estudavam meus três filhos e me convidou para um encontro", contou a VEJA o dono de uma loja de roupas, que pediu para ser identificado apenas como Gamboa. Na

reunião que se seguiu em um sítio, ele recebeu uma carta assinada pelo chefe paramilitar colombiano Carlos Castanho em que ele agradecia formalmente a colaboração para a causa do grupo. O valor foi fechado em 500 reais mensais. Todo mês, há três anos, Gamboa ganha um envelope contendo um endereço e um horário. Vai até o local e entrega o dinheiro para um desconhecido.

O lucrativo contrabando de gasolina na fronteira também se tornou fonte de renda para os paramilitares. Em San Antonio del Táchira, cidade na fronteira entre os dois países, 1 litro de gasolina custa 100 bolívares. De tanque cheio, motoristas atravessam a fronteira e estacionam seus carros a apenas 500 metros da alfândega colombiana. Ali, a gasolina é transferida para galões vazios enfileirados na calçada ao preço de 1 500 bolívares por litro. Cada veículo faz entre quatro e cinco viagens por dia. Como tal comércio é proibido, a Guarda Nacional venezuelana cobra uma propina fixa para deixar passar. O alto faturamento dos subornos atraiu os paramilitares colombianos, que montaram com a Guarda Nacional um esquema profissional com senha e pagamento antecipado.



VIZINHO DO ELN
O veterinário Porfirio Dávila teve o pai seqüestrado em 2003 no sítio que fica ao lado de uma montanha dominada pelos terroristas colombianos do Exército de Libertação Nacional (ELN). Há seis anos, a cidade de Rubio foi dividida entre bandidos comunistas e paramilitares

Ao migrarem para a Venezuela, os terroristas comunistas ganharam contornos um pouco diferentes. Além das organizações que atuavam na Colômbia, surgiram dissidências e novos grupos. "Os colombianos recrutaram muitos delinqüentes venezuelanos, aos quais ensinaram métodos que não eram conhecidos aqui, como o seqüestro", disse a VEJA a geógrafa Mayra Medina, da Universidade Pedagógica Experimental Libertador, em Rubio. A organização criminosa mais numerosa atualmente na Venezuela não foi importada. Trata-se da Frente Bolivariana de Liberação (FBL). Com 1 500 militantes armados, exalta Simon Bolívar e tem por finalidade dar respaldo a Hugo Chávez. Com esse objetivo, recruta menores e indígenas na Venezuela, no Equador e – como dizem seus membros com orgulho – também no Brasil. Sua marca registrada é um grafite vermelho nas paredes das casas com a frase "FBL. Aliste-se" e a imagem de um fuzil.

"As Farc e o ELN não são grupos terroristas. São verdadeiros exércitos", disse Hugo Chávez na Assembléia Nacional, em Caracas. "São forças insurgentes que têm um projeto político, bolivariano, que aqui é respeitado." A chancela presidencial aos terroristas deixa ao desamparo as vítimas venezuelanas do conflito no país vizinho. Após ser achacado pela primeira vez, o comerciante Gamboa procurou a polícia local. Ouviu como resposta que, se ele quisesse, os policiais poderiam atacar de surpresa o acampamento dos paramilitares. Contudo, salientaram

que, dada a elevada presença de terroristas em toda a região, isso não lhe garantiria nenhuma segurança. "Com o presidente que temos, não há outra coisa a fazer senão se resignar", diz Gamboa.

No estado de Apure, ao sul de Táchira, o assunto Farc é praticamente proibido. "Ninguém pode dizer nem fazer nada", disse a VEJA Acacio Belandria, padre jesuíta da Igreja de San Camilo de Lelis, na cidade de El Nula. "Muitos agricultores preferem abandonar suas terras a tentar mudar a situação." Belandria já teve dois primos seqüestrados pelas Farc e é um dos poucos a criticar abertamente os guerrilheiros. Em El Nula, o controle social exercido pelos terroristas é tão intenso que seus membros chegam a entrar nas escolas para repreender professores cujas lições não estejam de acordo com a doutrina marxista. O padre Belandria escreveu um relatório sobre o banditismo na sua região e o enviou à Presidência da República pedindo providências. Não recebeu resposta alguma.

O oficial de Justiça Juan Pabón também reclama da falta de atenção do governo de Hugo Chávez. "Quando pedimos justiça, somos tachados pelas autoridades do governo chavista de oligarcas ou traidores da pátria." Pabón teve a mãe e o irmão seqüestrados pelo Grupo de Antiextorsão e Seqüestro da Guarda Nacional venezuelana. Em 2003, durante uma operação para localizar o cativo de três pecuaristas seqüestrados, agentes dessa força policial invadiram o sítio da mãe de Juan Pabón. Ela foi levada junto com um dos filhos, um amigo e todo o dinheiro que havia na casa. Quinze dias depois, o oficial de Justiça começou a receber ligações pedindo o equivalente a 800 000 reais. Atualmente, os nomes de seus parentes e de seu amigo aparecem todos os dias numa lista com 24 nomes publicada no jornal *La Nación*, da cidade de San Cristóbal. Pabón e o veterinário Dávila participam da Fundação por uma Venezuela Livre de Seqüestros, uma organização não governamental criada para tentar forçar as autoridades venezuelanas a ajudar as vítimas, e não, como ocorre, apenas os criminosos. "Chávez recebe os familiares dos seqüestrados colombianos no hotel Gran Meliá, em Caracas. Nós não conseguimos sequer conversar com ele por telefone", diz Pabón.

ANEXO C – Capa da revista *Veja* de 07/11/2007

ANEXO D – Capa da revista Veja de 12/03/2008

